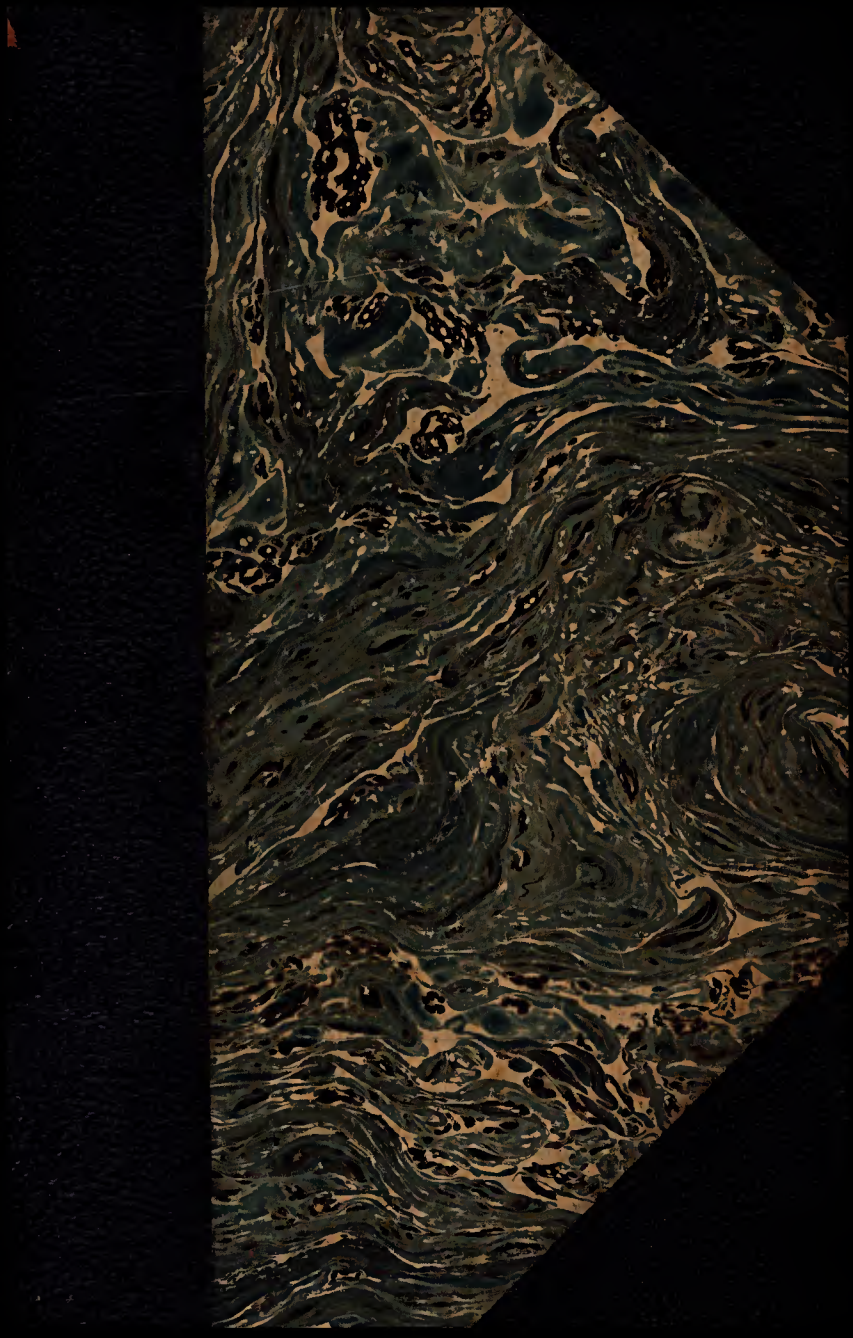


30.30

DE REBUS PLURIBUS

Composto e impresso na Tip. da Emprêsa Diário de Notícias
Rua do Diário de Notícias, 78 — Lisboa

SANTO-THYRSO

DE REBUS PLURIBUS

. Com um prefacio de ANTONIO CANDIDO

2.ª EDIÇÃO

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND
PARIS — LISBOA
1923

Não é propriamente um prefacio isto que escrevo.

Prefacio — porque e para quê? O livro não carece de que o expliquem, o auctor não precisa que o apresentem.

Então porque antecedo de palavras inuteis a presente collecção de artigos publicados pelo Visconde de S.to Thyrso?

A' hora em que as escrevo, e na immensa distancia que nos separa, ainda elle ignora que o meu nome vai juntar-se ao seu n'este volume. Ainda o ignora; e estou em crer que, quando o souber, o não levará, no primeiro momento, muito em gosto. Não que lhe despraza a minha companhia, que sabe amicissima e leal; mas porque pode parecer a estranhos que ha a intenção de reclamo n'estas palavras, e a sua dignidade mental, alta e melindrosa, é avêssa a todo o genero de artificios d'essa natureza.

A lembrança de associar o meu nome ao do Visconde de S.to Thyrso teve-a um coração que o adora: alguem que lhe pertence como parte essencial da sua alma, e é já, em muita cousa, copia e reflexo do seu brilhante espirito.

Foi esse alguem que teve a lembrança, lembrança tam inesperada como penhorante, e ha-de ficar com a competente responsabilidade.

Mal pensava a gentilissima e talentosa menina (1) que a denunciaria aqui á severidade ou á ternura do pai estremecido! Mas é preciso. D'outro modo poderia suppor-se que eu estava vaidosamente illudido acerca do prestigio do meu nome quasi apagado, e sempre nullo para officios d'esta natureza.

Por mim só tenho que agradecer. Se carecesse d'uma grande prova de que o meu affecto e a minha admiração ao auctor do livro eram uma verdade sentida e apreciada por elle, e pelos que estão mais perto do seu coração, e sabem o que n'elle vai — tinha-a no convite recebido.

Debuxando o perfil do Visconde de S.to Thyrso, — e é só isso o que tento n'estas rapidas linhas — occorre-me uma apreciação de Canovas

(1) A Senhora D. Maria Sophia.

del Castillo, feita por Sanchez Moguel, um illustre professor hespanhol que me foi apresentado pelo Conde do Casal Ribeiro, e que, alem de insigne philologo e historiador de bons creditos, era um typico representante da sua raça na eloquente verbosidade com que fallava, e nos enthusiasmos da sua ardente admiração por todas as eminencias da sua patria.

Dizia elle: Canovas como conversador é numero um, como orador numero dois e numero tres como escriptor...

Não sei se era acertada a critica e se a arithmetica estava applicada com rigorosa exactidão; devo crer que sim, porque o illustre Conde do Casal Ribeiro privava intimamente com o grande politico hespanhol e nada teve que objectar a Sanchez Moguel. Verdade seja que não era facil abrir espaço a qualquer observação na torrente caudalosa de palavras com que o sabio professor expunha e intimava as suas ideias; mas era a um jantar... e sempre haveria meio, esperando o momento opportuno, de intercalar uma rapida e simples contestação.

Permitta-se-me agora um funebre parentheses: eram convivas n'esse jantar, alem do Conde do Casal Ribeiro, que o offereceu a Sanchez Moguel, Oliveira Martins, Pinheiro Chagas, Ramalho Ortigão e a minha humilde pessoa. Desapparecidos... — menos eu que ainda não morri de todo!

Imitando o professor hespanhol, cujo processo critico não era certamente o de um Sainte-Beuve ou de um Taine, e classificando numericamente os distinctos e variados talentos do Visconde de Santo Thyrso, ponho em primeiro logar o de conversador interessantissimo.

Merece a primasia, que lhe dou, esta faculdade scintillante da conversa, que elle tem como só raros a possuem. Não a conversa grave, expositiva, friamente sustentada, sem brilho e sem côr; mas a que é fulgurante de bons ditos espontaneos, e vinca o assumpto que passa com uma phrase illuminante e inesperada, com um *à propos* delicioso, com um aparte feliz, rapido, imprevisto, hilariante.

N'isto não conheço quem hoje o eguale; e difficilmente se encontraria quem o excedesse n'outros tempos, em que a boa conversa era o fino encanto das salas e o mais apreciado e gostado pelas *élites* mundanas de Lisboa.

Ah! como se conversava em Lisboa n'outro tempo!

Eram uma festa para o espirito, um verdadeiro regalo d'alma as *soirées* selectissimas da rua dos Caetanos, sob a alta direcção da Condessa de Ficalho, uma *grande dame* finamente acolhedora e culta, as reuniões distinctas e luzentes dos Condes de Valbom, em que se encontrava a alta e fina flôr da litteratura, da politica e da sociedade, as noites de S.ta Catharina

aonde concorria tudo o que havia de mais illustre e elevado, e que a dona da casa, com a sua fidalga distincção e o seu altissimo espirito, animava e entretinha soberanamente, os concertos do Conde de Daupias, sempre vigilante para que o silencio se mantivesse emquanto a divina musica soava nas suas salas e galerias povoadas de primores d'arte: quando appareciam Ramalho Ortigão, sempre prompto a contar uma anedocta interessante ou a ter um bom dito, que era muitas vezes o acontecimento da noite; Eça de Queiroz, quasi tam genial a conversar como a escrever, d'uma mobilidade extrema de feições que lhe permittia uma expressão caricatural admiravel; o marquez de Soveral, que deu á graça portugueza foros europeus, frequentando triumphalmente os salões de Berlim e de Londres; Guerra Junqueiro, sempre armado do seu latego de estrellas (para o que desse e viesse) de que caiam faiscas de graça coruscante; o Conde de Sabugosa, observador finissimo, contando e descrevendo primorosamente, sempre encantador, de grande raça em tudo; Carlos Lobo d'Avila que era a intelligencia, a alegria, a graça improvisa e esfuziante nas suas horas mais felizes...

Com que pena me recordo agora e sempre d'este meu querido amigo, que teve em S.ta Catharina uma das noites mais notaveis da

sua infatigavel *verve*, da sua *verve* invencivel, aguentando sem mostras de enfado, e com réplicas surprehendentes e soberbas, as investidas de tantos que já não são d'este mundo e deixaram n'elle uma gloriosa impressão de talento e uma saudosa memoria inesquecivel! Foi isto pouco antes de se sumir, na voragem que os subverteu a quasi todos, esse rapaz extraordinario, encantador, dominante em todos os meios e que era a expressão mais brilhante, que conheci, da summa facilidade elegantissima no fallar e no escrever...

E lembra-se V., meu caro Visconde, dos almoços dados n'uma casa da rua do Athayde e no seu ultimo andar? Lembra-se, decerto. Estou hoje em crer, recordando o *menu* espesso, pesado, succulento, d'esses almoços, que o dono da casa tivera a negregada intenção d'abafar o espirito dos seus convivas sob as camadas indigestissimas dos alimentos que lhes offerecia. Pois não o logrou. Como o lume rompe os obstaculos que se lhe oppõem, e as suas lavaredas crescem na proporção dos materiaes lançados para as extinguir, o espirito, a alegria, a desenvoltura d'elles, todos moços, n'aquella idade feliz em que tudo é pretexto para riso, triumpharam dos *menus* em ditos e graças que ficaram celebres por algum tempo... Que valentes duellos de espirito entre V. e o Carlos Valbom! Que esbelta e graciosa esgrima com

passes de vivo lampejo, na phrase e na réplica, no ataque e na defesa! Lembra-se bem? Só nos resta, agora, ai de nós! a recordação amarga do que fomos, e o vago e melancolico perfume, ainda precioso, d'esses bellos tempos idos...

Hoje não se conversa. Os homens de letras não se reunem. A politica dividiu-os e separou-os, deslaçando os vinculos da classe, e pondo, no logar das naturaes affinidades de cultura e de temperamento, o odio sangrento de paixões sectarias, a descaroavel lucta de interesses pessoaes.

As senhoras, que outr'ora espiritualisavam os circulos sociaes em que se conversava, jogam hoje, incansavelmente, o *bluff*, o *bridge*, esterilisando n'uma *chinoiserie* de nova especie preciosos recursos insubstituiveis para o conflito brilhante das discussões e conversas de sala.

E' pena! Não é por mim que o digo. Nunca tive o dom da conversa. Não! Por habitos contrahidos na mocidade e continuados depois, caio no inevitavel monologo, de sua natureza enfadonho, e fujo ao dialogo cortado, vivo, e scintillante, qne é de essencia e de rigor nas conversações interessantes; e isto quando o silencio, que atende, observa e escuta, me não quadra mais: o que muitas vezes succede.

Esse dom tem-no o Visconde de S.to Thyrso.

Já frizei a feição principal d'esse dom caracteristico da sua conversa, n'elle irresistivel-

mente natural e espontaneo. A sua *verve* é com effeito inexgotavel. Como na ficção grega, as abelhas voavam para o berço de Platão, depositando na sua bocca o mel da eloquencia e da philosophia, dir-se-ia que o sal da graça humana, vindo não sei d'onde, levado não sei por quem, impregnou para sempre os seus labios que a intelligencia comica das cousas descerra tanta vez em improvisos estonteantes, em surprezas de bom humor, em rasgos de belissimo espirito.

Mas, se é esta a feição peculiar á sua conversa, não se supponha que ella se reduz sempre a este jogo de ditos engraçados, a uma especie de pirotechnia verbal, em que os ápartes e repentes fuzilam e crepitam repetidamente: o que poderia ser monotono e fatigante. Se a occasião o pede, o logar o exige e a qualidade das pessoas o impõe, a conversa do Visconde de S.to Thyrso assume o tom sério aconselhado pelas conveniencias; e então é o homem culto, o diplomata intelligentissimo, de vasta instrucção, solida e variada, que se manifesta superiormente.

Diplomata de carreira; viajado em quasi toda a Europa e em parte da America; com missões importantes na Inglaterra, na Belgica, no Vaticano, nos Estados Unidos, das quaes saiu sempre com illibada honra e notorio pro-

veito para o seu paiz; homem do mundo na mais bella e ampla significação d'esta phrase; conhecendo bem as litteraturas modernas, as do Norte como as do Occidente; fallando e escrevendo as linguas com facilidade e perfeição; antigo jornalista e colaborador litterario das mais famosas Revistas inglezas e americanas — o Visconde de S.to Thyrso, discreto, arguto, provido de todos os elementos que mais realçam o convivio social, sem perder as graças e encantos da sua conversa, é um d'estes homens verdadeiramente distinctos que marcam sempre o logar em que se encontram: cheio d'espirito, e habil quando tem de o ser, tanto nas praticas do mundo, um pouco frivolas, como nos gabinetes da diplomacia, de perigoso ambiente, em que tanta vez a perfidia, a mentira, a esperteza do officio teem de ser descobertas por uma sagacidade tam dissimulada como penetrante e vidente.

A sua carreira de diplomata é honrosa e foi de largo proveito para o paiz.

Recordo-me ainda de ter ouvido o Marquez de Soveral annunciar no parlamento a sua promoção a Ministro em Washington, dando-lhe por fundamento os seus serviços por occasião da celebre incursão do Dr. Jameson no Transvaal. Era então Cyrillo Machado secretario de Legação em Londres. A hora era angustiosa;

e a nossa diplomacia teve de suar agua e sangue para vencer as difficuldades que lhe vinham de conflito, tam ameaçador para os nossos interesses, entre a Inglaterra e a Allemanha. Saímo-nos bem; e para isso foi grande parte o tino e a habilidade do nosso secretario em Londres, qualidades reconhecidas pelo nosso governo e elogiadas por lord Salisbury, que então estava á frente do gabinete britanico.

Na minha posição official tive integral conhecimento dos optimos officios do Visconde de Santo Thyrso, quando o governo dos Estados Unidos tentou oppor-se á sentença do tribunal arbitral de Berne, no caso do caminho de ferro de Lourenço Marques, contra todos os principios de direito internacional e contra tudo o que havia a esperar da nobresa e boa fé americana; e foi com certeza aos esforços do nosso ministro que se deveu não vir uma esquadra ao Tejo com intimações da Casa Branca, tam absolutamente inconvenientes como brutalmente injustas.

Nomeado ministro em Bruxellas e plenipotenciario para a conferencia do alcool em Africa, teve de arcar com a diplomacia conjuncta da Allemanha, da Inglaterra, da França e da Belgica, concorde em que se augmentassem os direitos de importação e consumo do alcool com manifesto e immediato prejuizo do commercio portuguez. Ahi o nosso representante conseguiu

uma verdadeira victoria diplomatica, e viu acrescida e confirmada a sua reputação de negociador habil e decidido, tendo defendido com brilho os interesses portuguezes e os direitos da nossa soberania que ficou, como estava, intacta e prestigiosa.

Em 1911 exonerou-se do alto logar que occupava. Melindres de consciencia ou outras razões que ignoro (nunca m'as confidenciou) levaram-no a dar este passo, procurando com coragem e firmeza, dar á sua actividade intelligente, occupação diversa mas igualmente nobre e honrada; no que rebrilharam singularmente as joias do seu caracter.

Já n'esta situação, e quando sentiu que Portugal atravessava uma crise agudissima, acudiu com o offerecimento dos seus serviços á patria em documento que foi publicado. Supponho que a sua voz não foi ouvida pelo governo que então geria os negocios publicos, ou que foram tantas as competencias que se dispunham a salvar o paiz na gravissima conjunctura, que nem tempo houve de tomar em consideração, e agradecer, o desinteressado, nobilissimo e patriotico offerecimento!

E ainda não fallei do escriptor e do livro.

Não é um profissional da litteratura o Visconde de Santo Thyrso. Para lustrar com proveito e gloria a carreira das letras sobravam-

lhe talentos, que n'elle madrugaram cedo; mas o acaso, que tanta vez impera no destino dos homens, fez d'elle um burocrata, e o seu distincto merito exalçou-o depressa a situações altas que lhe absorveram todos os cuidados e attenções.

Não deixou porém que a penna se lhe enferrujasse no tinteiro; cultivou e exercitou com amor e distincção as boas letras, para que tinha vocação decidida, sempre que a occasião se apropositava, e as occupações officiaes lh'o permittiam.

Foi Beyle um dos primeiros e mais influentes educadores do seu espirito. Conheci-o n'essa phase. Seguiu na corrente geral dos que viram em Beyle um genio predestinado a revolucionar a litteratura occidental, avultando-lhe a estatura, na verdade consideravel, e pondo-a de par a par com os poucos grandes homens que teem podido desempenhar igual missão gloriosa e fecunda.

Por um seu palpite feliz, realisado por acaso, deu a superstição litteraria ao famoso escriptor a cathegoria e o prestigio d'um vidente. Preferindo a notação rapida ás tiradas diffusas e longas da psycologia em uso, e a observação fria dos sentimentos á theorisação mais ou menos vaga dos estados d'alma, e supprimindo na litteratura a poesia com os seus arroubos, e a eloquencia na sua forma conven-

cional, em summa tudo que fosse mal determinado e impreciso.—Beyle fez escola e teve fanaticos.

N'este livro, como em tudo o que o Visconde de Santo Thyrso tem escripto, não se procurem pompas de linguagem, nem rasgos de eloquencia magnifica, nem os rebuscados floreios d'estylo que tanto agradam ao gosto meridional. A influencia de Stendhal gravou-se fundamente n'elle; ficou. A affinidade de temperamento com o chefe da pequena escola prenaturalista tornou inalienavel essa influencia, que depois a critica propria, mais largos horizontes abertos ao seu espirito, e o influxo de solidos estudos ulteriores modificaram sem a destruir.

Não sei quais são os seus escriptores favoritos. São decerto aquelles em que o *humour* da raça anglo-saxonia assumiu a sua forma mais caracteristica desde Swift até Carlyle. A sua propensão nativa fel-o provavelmente antepor, para as suas leituras predilectas, esses humoristas de que ha longes e reflexos nos seus escriptos: mas longes e reflexos muito distantes da crueza original, ás vezes brutalissima, e temperados pela indole propria, delicada e boa, e por outras influencias de educação e raça.

Este livro é como uma conversa sua continuada. Lendo-o, muitas vezes pensei estar junto

d'elle a ouvil-o, a ver o piscar nervoso dos seus olhos azues e o leve sorriso da sua larga bocca, franca e maliciosa, sublinhando a phrase inesperada e final em que do assumpto tratado (quasi sempre um thema d'ordem moral) desperta e ergue a surprehendente linha comica, tirando de simples equivocos ou contrastes de palavras e ideias um partido hilariante...

Disse La Bruyère: *em geral quem faz rir não se faz estimar*. E é certo. Mas o Visconde de Santo Thyrso é excepção a esta regra formulada pelo grande escriptor do seculo XVII. Tem feito rir, e é profundamente estimado. Estimam-no mesmo os que só o conhecem de o ler. A sua penna não fere, não offende, não ridicularisa pessoas nem crenças. Respeita-as, umas e outras: as pessoas se teem caracter apreciavel, as crenças se são de boa fé evidente. Discordando de doutrinas e costumes em que incide a sua visão intelligentissima, limita-se a marcal-os — quasi sempre de passagem e não em longas tiradas — com uma nota de bom-humor, que é tambem uma nota de bom-senso. Do bom-humor e de bom-senso, sempre conjunctos no que diz e escreve o Visconde de Santo Thyrso, faiscam frequentemente relampagos de verdade e de graça, como da combinação de determinados fluidos electricos rompem centelhas de luz que deslumbra...

Nas paginas que vão ler-se, a philosophia, a educação, o temperamento do auctor velam, ou disfarçam a intima sensibilidade d'elle, contida pela força dos habitos adquiridos e pelo que elle considera a sua honra litteraria.

Ao homem do mundo que frequentou as côrtes mais cerimoniosas e os gabinetes diplomaticos de pragmatica mais convencional e regrada, ao antigo discipulo de Stendhal, que relegou a ternura para fóra e para longe dos dominios da litteratura, como tudo o que fosse subjectivo e pessoal — era defeso o sentimento na sua fórma franca, effusiva, verdadeiramente humana. Mas a natureza retoma, de quando em quando, os seus direitos que são inauferiveis e rompe as convenções impostas; e ha ahi paginas que se adivinham orvalhadas de lagrimas involuntarias, e periodos em que as flores da piedade humana abrem as suas petalas roxas. Violetas, lyrios e... até goivos... E é n'essa florescencia rarissima dos seus escriptos, e no seu suave e discreto perfume, que reside a maior belleza moral do meu querido amigo.

Candemil, julho, 1919.

Antonio Candido.

Post-scriptum

Estava já composto o prefacio e prestes a entrar em circulação este livro, quando a morte arrebatou o Visconde de S.to Thyrso! Apagou-se a luz d'um alto espirito, deixou de bater um coração nobre e bom.

A morte foi duramente cruel; arrancou-o em plena vida, e depois de intenso martyrio, ao amor dos seus, e á sympathia e ao affecto de quantos o conheceram e estimaram.

Sentiu que se avisinhava, e encarou-a sem grande pavor. A coragem diante da morte é signal de raro vigor d'alma, e elle teve-a. Ainda na vespera do fatal desenlace, e quando, em volta do seu leito de dôres, todos continham a custo as lagrimas, o espirito florira melancolicamente, pela derradeira vez, nos seus labios!

Morreu bem: na justa consideração dos que o conheceram, na profunda saudade dos que o amaram, e na graça de Deus!

A. C.

PHANTASMAS VIVOS

Confesso a minha covardia, eu sou d'aquelles que não veriam sem apprehensão uma alma do outro mundo. Dizia um velho creado da casa, que eu já não conheci, «eu não acredito em bruxas, mas lá que as ha, ha». Em vista do testemunho insuspeito de muitos conhecidos meus, eu posso dizer outro tanto das almas do outro mundo. Nunca as evoquei, e espero nunca lhes dever a honra de uma visita.

Mas, se tenho uma singular e injustificavel objecção a estas respeitaveis entidades, nada ha que me interesse mais que os phantasmas vivos. São aquelles que sobreviveram á sua época, aos seus contemporaneos, á sua acção, á sua historia, á sua gloria. Vivem fóra do mundo, n'um pequeno circulo de devotos, ignorados do grande publico, que os julga mortos e enterrados como Monsieur Malborough.

Tenho conhecido na minha vida dois phantasmas vivos. Um, a quem muito quiz, não desejo mais vel-o, pois achal-o-hia promovido a alma do outro mundo. O outro ainda vive, e

espero que continue a viver como lhe foi predicto na sua brilhante e alegre mocidade.

O primeiro que eu conheci foi o marquez de Thomar, o Costa Cabral de 1846. Servi com elle no principio da minha carreira, no fim da sua. Entre nós havia uma differença de sessenta annos. E digo com reconhecimento que esse duro ministro, aspero na lucta, que só uma revolução militar capitaneada por um irrequieto e prestigioso marechal conseguiu derribar, teve sempre para mim um doce carinho de avô, indulgente ás diabruras dos meus vinte annos.

A sua conversa era um capitulo vivo da historia de Portugal no periodo agitado que precedeu a regeneração, de que resultou a degeneração da politica portugueza. Baixo, atarracado, a barba curta por baixo do queixo, tinha o typo physico ideal do desembargador do seu tempo. Formal nas suas maneiras, cortez e grave, tinha uma dignidade natural que se impunha. Mas na conversa intima a sua physionomia abria-se. O olhar perfurante como uma verruma, faiscante nos momentos de colera, tinha o que os inglezes chamam um *twinkle*, uma scentelha de maliciosa ironia, quando apreciava os pygmeus que na sua ausencia do mundo, governavam — ou suppunham governar — o mundo.

Nunca me esqueceu uma historia caracteristica do homem. Contava-me elle como, sendo administrador geral de Lisboa, tinha havido, no dia da procissão do Corpo de Deus, uma grave revolta popular. Foi n'uma sege á Sé, de onde trouxe o ministro do Reino, e atravessaram a cidade, cada um armado com o seu pistolão com que o Costa Cabral se tinha prevenido. A meio caminho um dos revoltosos deitou a mão

á portinhola da sege do lado de onde elle ia, e elle, sem hesitar, fez fogo.

«E o homem morreu, Sr. marquez?» perguntei eu.

O marquez olhou-me surprehendido com a pergunta, e respondeu-me serenamente:

«Olhe, nunca indaguei! Mas provavelmente não. Essa gente nunca morre.»

Desconfio que elle tinha um sincero desdem pela humanidade. Sei que a mediocridade o divertia, quando o não irritava e elle estava de bom humor.

Aos oitenta annos tinha a intelligencia lucida e activa, e o sarcasmo feroz, a energia violenta, do antigo Costa Cabral, se o contrariavam. A minuta de um officio para o ministro, contra quem n'esse momento estava justamente irritado, acabava pela phrase «O diabo leve a v. ex.ª», que na cópia foi irreverentemente convertida no «Deus guarde a v. ex.ª» official. Era menos banal o fecho da minuta que o da cópia, mas era contrario ao estylo, como seria hoje, por exemplo, desejar «Saude e Bichas» em vez de «Saude e Fraternidade».

Foi-se apagando lentamente, não a intelligencia robusta, mas a actividade intellectual. Como succede em geral aos velhissimos foi pouco a pouco desinteressando-se da vida e concentrando-se em si proprio, tratado pela familia e pelos intimos como um objecto sagrado. Graças a Deus não houve degradação d'aquelle forte espirito, apenas a gradual limitação do campo a que elle se applicava.

O outro phantasma vivo que conheci e que conheço — porque esse felizmente ainda vive — é a imperatriz Eugenia dos Francezes. E digo

«felizmente», não por adulação cortezã, nem porque a sua vida hoje em dia faça ou desfaça a felicidade do mundo, mas porque a sua falta seria um desgosto para todos que se acercam d'essa encantadora senhora e uma perda para muitos.

Fez 92 annos em maio a imperatriz, e ouvindo-a e vendo-a é facil comprehender o poder da fascinação que ella teria ha sessenta ou setenta annos.

É inutil contar por que série de circumstancias, sendo seu vizinho no campo, tive um dia a agradavel surpreza de ser convidado a almoçar com sua majestade. Estava n'esse momento seu hospede o principe Napoleão, que eu conhecia muito, bem como a sua bella e graciosa princeza, a filha dilecta do grande Leopoldo da Belgica. Pouco depois de eu chegar entrou no vasto *hall* uma velhinha corcovada, com lindos cabellos de neve, encostada a uma bengala. Abriu-se um circulo respeitoso, a velhinha parou, e com um sorriso encantador cumprimentou em volta. Foi o principe quem me apresentou á imperatriz.

Á mesa sentou-me á sua direita, o principe occupando defronte d'ella o logar de dono da casa. E o que me surprehendeu desde logo foi a vivacidade da sua conversa e a frescura do seu riso.

É difficil dizer se uma mulher de noventa annos foi bonita. Mas a imperatriz tem hoje os mesmos olhos *bridés* e demasiado juntos e o perfil puro que eu conhecia dos retratos da sua esplendida mocidade. Logo á entrada da casa de Farnborough Hill está o celebre quadro de Winterhalten representando as bellezas da Côrte

Imperial tendo no centro a Belleza das bellezas, que era a imperatriz d'essa côrte. Esse quadro é uma festa de côres e de linhas. E veiu-me á memoria uma velha illustração franceza que um dia me veiu parar ás mãos folheando ha muitos annos a livraria paterna em que havia uma gravura do famoso baile das flores nas *Tuileries*. Cada senhora representava uma flor, e no meio, a rosa, que n'esse tempo ainda era a rainha das flores, era, esplendida, a imperatriz. Hoje ha quem cuide mais de chrysantemos e orchideas: e em vez de Eugenia de Montijo nas *Tuileries*, está madame Poincaré no Elyseu.

No principio do seu reinado Napoleão III foi objecto de muita desconfiança, e de sangrentos epigrammas que attingiram a formosa hespanhola que a sua singular belleza e o seu espirituoso encanto levaram ao throno de França.

Ouvi contar que o imperador, muito femeeiro, fazia desesperadamente a côrte á joven condessa de Teba, que assim se chamava então Eugenia de Montijo, e que os seus fins não eram perfeitamente legitimos. Mas a condessa era adamantina. Uma noite, n'um baile, o imperador desapontado perguntou-lhe impaciente: «Mais enfin, mademoiselle, voulez-vous me dire quel est le chemin de votre coeur?»

«Celui de l'église, sire» respondeu a espirituosa Eugenia. E foi.

A historia provavelmente não é verdadeira, mas é verosimil e bonita.

Pouco depois de casar, Napoleão recebeu da rainha Victoria a ordem da Jarreteira, o que fez sensação n'esse momento em que aos soberanos legitimos repugnava tratal-o de egual para egual. Conta nas suas interessantes reminiscencias lady

Dorothy Neville que se disse então que a origem d'essa inesperada distincção fôra uma carta em que o imperador dizia á rainha: «À présent que j'ai Teba (tes bas) envoie-moi ta jarretière». Mas tambem não creio que seja verdade.

Uma das coisas que mais me impressionou na imperatriz foi que nunca lhe ouvi a mais leve referencia ao passado. Occupa-se do presente com interesse, discute com vivacidade os negocios correntes, conta anecdotas com graça; mas as memorias do que foi jazem fechadas no seu coração e no seu espirito como n'um cofre inviolavel. Não é seccura nem esquecimento, como ha quem julgue. E' o pudor de uma sensibilidade aguda, e é o tacto da mulher do mundo que evita cuidadosamente todas as demonstrações do sentimento e todos os assumptos penosos. Tive uma prova d'isso.

Tinha a imperatriz como seu secretario particular e factotum o velho e fiel Pietri, um servidor leal e dedicado que acompanhara o imperador no exilio e nunca mais o abandonara. Era primo do famoso Pietri, de origem corsa, que foi prefeito da policia no Imperio. Pietri era um velhinho pequenino, discreto, encantador, espirituoso, com notaveis qualidades de intelligencia e de caracter. Consagrava a sua vida ao serviço da familia imperial, e a imperatriz sabia que tinha n'elle o seu melhor amigo e pagava-lhe em amizade a sua longa dedicação.

Um dia Pietri veiu-me ver. Eu estava no meu quarto, e entretanto fizeram-o entrar para o meu gabinete de trabalho. Calcule-se o meu embaraço quando, ao entrar, deparo com elle, de pé contemplando uma grande e excellente photographia de um quadro de Lenbach que representa

Bismarck no Reichstag, com o pequeno uniforme de couraceiros e a cruz de ferro ao pescoço. Comecei a balbuciar uma desculpa, mas Pietri poz-me á vontade dizendo logo: «Mon cher Vicomte c'est un honneur d'avoir eu un pareil adversaire.»

Pois este homemzinho encantador morreu, e morreu em circumstancias dolorosas. Endoideceu, e deu-lhe a loucura para imaginar que estava morto e ir todos os dias ao mosteiro de benedictinos, que a imperatriz fundou, pedir aos frades que o enterrassem. Até que um dia achou-se realmente morto e fizeram-lhe a vontade.

Eu não estava então em Inglaterra, e escrevi á dama de serviço da imperatriz exprimindo-lhe os meus sentimentos. Transmittiu-me esta senhora os agradecimentos de sua majestade, accentuando a significação que tinha para a augusta senhora a perda do fiel servidor de mais de quarenta annos.

De alli a poucos mezes voltei a Farnborough Hill, e encontrei a imperatriz como sempre graciosa, espirituosa e vivaz, mas não me disse uma só palavra de Pietri. Se fosse insensibilidade, essa suprema mulher do mundo teria a cortezia de me agradecer pessoalmente os meus pezames. Mas foi tal e qual como se o Pietri nunca tivesse existido. Tambem nunca a ouvi fallar do imperador, nem do principe Eugenio, que ella adorava, e aos quaes elevou um mausoleu que póde constantemente ver das janellas de sua casa e para cuja guarda fez construir o mosteiro. Esse mosteiro tem por abbade um sábio notavel, Dom Cabrol, conhecido no mundo scientifico como a primeira autoridade em ar-

cheologia christã. Na pequena egreja alegre e luminosa celebram-se os officios ordinarios e ouve-se na sua pureza o canto gregoriano. Na crypta, onde diariamente se celebra a missa pelos mortos estão os mausoleus do imperador e de seu filho, e entre os dois ha um tumulo prompto para receber, quando Deus quizer, o outr'ora lindo corpo da velha imperatriz.

Nenhuma mulher foi tão adulada e mais injustamente calumniada do que ella. Mas na sua graciosa dignidade atravessou tudo isso, serena e benevola. E ainda hoje é um encanto ouvil-a conversar n'um francez purissimo em que mal transparece uma ligeira accentuação hespanhola.

Diz-se que, sendo muito moça, em Hespanha, uma cigana lhe predisse que viria a ser mais que rainha, que soffreria muito e que viveria cem annos. As duas primeiras prophecias realizaram-se e a terceira felizmente vae em bom caminho.

Muitas vezes, depois que rebentou a guerra, ouvindo-a discutir serenamente os acontecimentos e apreciar com sagacidade os homens, eu pensei o que seriam no fundo os seus sentimentos vendo renovar a lucta que ha 46 annos a precipitou do alto da sua esplendida grandeza na mediocridade de uma soberana exilada. As circumstancias são hoje diversas. Se o inimigo é o mesmo, a França não representa no drama o principal papel como representou no seu tempo. A lucta de vida ou de morte é entre a Inglaterra e a Allemanha, não entre a Allemanha e a França. Mas é, com tudo isso, a *revanche*. E' impossivel que o prazer da desforra não tenha um travo por que a victoria da França não seja a victoria do Imperio. Só Deus e a im-

peratriz sabem que drama se desenrola n'aquelle dolorido coração de noventa annos, dos quaes metade foram de amargura.

São estes os meus phantasmas vivos — a Força e a Graça.

Mas sob a força do estadista duro senti a graça do seu terno e paternal carinho.

E a graça sempre viva da encantadora nonagenaria occulta uma admiravel força de espirito e de caracter.

NEC SOLO PANEM...

Li ha poucos dias n'um jornal portuguez uma carta que lhe era dirigida por um senhor a cujo saber e mais partes o mesmo jornal fazia os maiores encomios. Ora, n'essa carta o illustre e segundo o jornal, illustrado senhor escrevia, entre outras coisas notaveis a seguinte phrase: «Como disse Mirabeau, nem só de pão vive o homem.» Eu li — não digam agora que phantasio.

Disse Mirabeau muita coisa com mais ou menos tino. O que é censuravel é que Nosso Senhor Jesus Christo o plagiasse descaradamente, embora n'esse acto milagroso revelasse a sua divina presciencia, pois não é banal plagiar um grande orador, quasi dezoito seculos antes de ter nascido.

E' certo que as duas pessoas que mais nocivas têm sido á humanidade são o conde de Mirabeau e a marqueza de Sévigné. Pois desde que um fez discursos e a outra escreveu cartas, innumeros homens que não são Mirabeaus nem condes, e innumeras senhoras que não

são nem Sévignés nem marquezas se têm mettido a fazer phrases sonoras e a escrever epistolas bem cuidadas, tendo-se este phenomeno aggravado com o imperio das massas e com a orthographia official portugueza, dispensando o primeiro a propria apparencia de senso commum, e fazendo a segunda que seja mais facil a qualquer cozinheira escrever correctamente uma carta que assar uma perna de carneiro «à point». Eu ainda comprehendo a concepção orthographica dos soviets litterarios, na rajada democratica que incontestavelmente está varrendo a Europa, como um meio de obliterar a etymologia, que é nem mais nem menos que a genealogia da lingua, e de tornar inutil o estudo aristocratico e clerical do grego e do latim habilitando uma pessoa a escrever e a ler sem saber ler nem escrever. Mas isto de citações é uma operação que considero extremamente delicada desde que, muito antes de ler a inedita citação Mirabeau alguem me disse um dia esta incontestavel verdade «Le monde marche, como dizia Platão». Só me não informou se o illustre philosopho exprimira o seu pensamento profundo ao fim de um jantar no Rocher de Cancale ou bebericando o seu absintho á porta do Café de la Paix, dilecto dos meus compatriotas que em Paris se reunem para discutir os actos do Sr. Dr. Affonso Costa e a energia do Sr. Dr. Sidonio Paes, sem reflectirem que podiam economizar a cara passagem no Sud-Express e gozar do mesmo prazer á porta do Café Martinho.

Nem só de pão vive o homem, disse o filho de Deus parodiando, traduzida em hebraico, e posta em latim na Vulgata, a phrase do Mirabeau. E embora nenhum d'elles — o plagiado e

o plagiario — tivesse vivido para assistir a esta guerra que durou quatro annos, ambos elles se poriam de accordo para dentro em pouco completar a phrase, que eu então citarei na integra n'uma carta aos jornaes e que ficará assim: «Nem só de pão vive o homem: vive de pão e laranja, como disse o philosopho Abélard.»

E como ha seculos que ninguem lê este pensador, que pensou por não ter nada melhor que fazer, e o publico só conhece d'elle um pormenor que lhe faz honra embora lhe não desse proveito — que os dois não cabem n'um sacco — não ha perigo de eu ver contestada a exactidão da citação que os factos de mais justificam. E se alguem disser que Rhameses 1.° exclamou «Do alto d'estas pyramides quarenta seculos vos contemplam» ou que Nero, depois de mandar lançar o fogo a Roma disse ao amavel Petronius «Après moi le déluge» por não haver n'esse tempo bombeiros voluntarios, eu lhes direi que Cleopatra escreveu a Antonio «Savez-vous ce que c'est que faner?» e que Antonio lhes respondeu «C'est ce que vous devenez, Madame, et pourquoi j'ai fiché le camp». Porque na antiguidade, pelas citações que eu geralmente vejo, toda a gente fallava francez.

As pequenas causas produzem grandes effeitos, como disse talvez Robespierre encarando o mundo e a Convenção atravez dos seus oculos azues, e a citação de Mirabeau, plagiada pelo Evangelho, levou-me á impia conclusão que toda a Biblia é um plagiato. Quando o Omnipotente disse o «Fiat lux» não fez mais que imitar servilmente o gesto familiar de qualquer de nós quando voltamos o commutador da electricidade. E Josué fazendo parar o sol reproduziu

sem pudor o acto do policia londrino que erguendo a mão enorme faz parar o trafico das ruas da City.

Ha muito pouca gente em Portugal — devo dizel-o para explicar o illustrado senhor que citou o Mirabeau—que tenha lido os Santos Evangelhos. E no entanto os livros de S. Matheus e S. Marcos, de S. Lucas e S. João, são superiores na essencia e na fórma á minha prosa, e até aos artigos de fundo dos jornaes portuguezes, erradamente chamados de fundo por serem quasi sempre superficiaes, e que antes deveriam chamar-se de funda, quer a este vocabulo se dê a significação do apparelho que ampara as hernias, quer a d'aquelle outro apparelho com que o santo e jovial rei David, de quem disseram mal as más linguas do seu tempo, matou o poderoso gigante Goliath. Foi este amavel rei um santo folião que desejou a mulher do proximo, cujo marido mandou matar para mais conforto e socego de todos, que dansou e tocou harpa, e que na idade provecta, como sentisse frio na cama, usava para aquecer seus velhos ossos uma joven israelita em vez de uma botija de agua quente. E era a sua fiel e dedicada esposa Bethsabeth que lhe trazia a joven israelita, tal e qual como se enchesse a botija, o que me parece um acto carinhoso, mas imprudente. Mas Deus lhes falle na alma a todos tres! Tudo isto se lê na Biblia, no «Livro dos Reis». A Biblia, com ser um livro santo, é cheio de inconveniencias e não se póde citar a esmo como o Mirabeau.

Este Mirabeau, que não queria que o homem vivesse só de pão, passava por grande sybarita. E se não inventou nenhum mimo culinario, co-

mo Colbert com a sopa e o linguado, Chateaubriand com o «steak» e Rossini com o «tournedos», é porque não lhe chegou a vida para fazer discursos, dos quaes adveiu grave prejuizo a oradores futuros e perigo para os senhores illustrados amigos de citações.

As unicas citações que nunca falham são aquellas que os juizes mandam por intermedio dos officiaes de diligencias. Pois mesmo quando o toureiro cita o touro, embora lhe não attribua a phrase, que aliaz na sua bocca seria conceituosa, «nem só de bifes vive o homem», nem sempre este animal dá sorte. Quem é citado pelo juiz é que nunca deixa de dar sorte.

As citações litterarias, ao invez das citações judiciaes e das citas tauromachicas, dão a quem se abalança a ellas um ar de erudição que se impõe ao vulgo, o qual em regra não conhece os autores citados. Por isso muita gente cita, como toca piano, de ouvido. Mas ás vezes a memoria falha, e é facil confundir dois sabios como Moysés e Confucio, ou a montanha onde Nosso Senhor proferiu o immortal sermão, com a montanha da convenção franceza. E comquanto nenhuma d'ellas tenha a mais remota relação com o eloquente Mirabeau, nada mais natural que confundir qualquer d'ellas com as montanhas da lua.

Ha pessoas, em Portugal, para quem o mundo é a França, e começou na revolução franceza, e d'ali vêm os meninos em condecinhas e as modas em jornaes illustrados, o que explica até certo ponto o estacionamento da população n'aquelle paiz e o facto de taes modas nunca lá se usarem. E essas pessoas que vivem na França, onde na maior parte dos casos nunca foram, ci-

tam tudo em francez — Eschylo ou Shakespeare, S. Paulo ou Nietzche — á excepção de Mirabeau que citam em portuguez. D'antes a litteratura era cheia de citações latinas e até gregas, como se as linguas mortas encerrassem toda a sabedoria das nações. Hoje, porém, as linguas mortas, pelo menos em Portugal, foram enterradas, e cederam o logar ás más linguas.

O homem em Portugal não vive só de pão, porque reclama outros acepipes. Intellectualmente, porém, o unico fito da sua educação é poder comprar o pão e o conducto, e por isso se dirige á obtenção de um diploma que o habilite, se não a desempenhar, pelo menos a concorrer a um emprego, de preferencia publico porque o publico paga mal mas exige pouco. E assim é que da educação se supprimiu tudo quanto para tal fim se achou superfluo, desde as humanidades até ás letras dobradas que estorvavam muito. Em philosophia a mentalidade portugueza ainda está eivada do velho e simplista espirito voltaireano, que tem a vantagem de dispensar a leitura e a especulação, pois para o adquirir nem sequer é preciso ler as maçadoras obras d'aquelle «snob» revolucionario. Talvez um dia me occupe da inespiritualidade da raça portugueza. Mas ainda não será d'esta vez.

O facto é que os meus amaveis compatriotas são páu para toda a obra, e fallam sem o menor embaraço, *de omne re scibile* e até de coisas que ninguem sabe, ácerca das quaes têm opiniões formadas, definitivas e inabalaveis. Como essas opiniões se formaram ninguem sabe mas é em geral com a leitura de jornaes cuja autoridade provém, não de manuscripto, mas de letra redonda que exerce no espirito publico uma fascinação

sobrenatural. E tanto assim que para que o impresso tenha uma autoridade absoluta e incontestavel, é preciso que seja anonymo. A opinião d'este ou d'aquelle, embora seja um erudito ou um pensador, não exerce nas massas a influencia que exerce o artigo anonymo que ninguem apparentemente escreveu e que nasceu por bruxedo, desde que a inspiração divina é uma historia do passado. Os autores conhecidos só servem para citações. E d'ahi resultou um dia apparecer o orador Mirabeau na singular postura de inimigo dos padeiros.

GENS CANINA

A julgar pelos annuncios, nos jornaes portuguezes, de cães que se perderam e pelos quaes se offerecem alviçaras, ha em Portugal duas raças bem definidas e inconfundiveis de cães. São o cão de raça e o cão de estimação. Na minha ignorancia do *stud-book* canino da minha terra, não sei quaes são as caracteristicas de uma e de outra, mas acho esta classificação de uma simplicidade extrema para quem não anda á procura d'elles com o cheiro nas alviçaras.

Em Inglaterra, onde gostam de complicar as coisas, desde a Constituição do Reino até á constituição da familia, classificam-se os cães em tres grandes classes — *hounds, dogs* e *terriers* — e dentro de cada uma d'estas categorias distinguem-se então as numerosas raças, taes como:

O fox-hound, e a sua miniatura, o beagle, o grey-hound, o blood-hound, o deer-hound, o mastiff, o bull-dog, o collie, o sheep-dog, o poodle, o setter, o pointer, o spaniel, o retriever e outros; o bull-terrier, o fox-terrier, o airedale-ter-

rier, o scotch-terrier, o aberdeen-terrier, o irish-terrier, o yorkshire-terrier, o skye-terrier, o toy-terrier e talvez outros que não me occorrem agora.

Além d'estes ha os cães estrangeiros — o grande dinamarquez, o cão de Ulm, o borzoi, o pomeranio, o chow-chow, o pekinese, o cão dos Pyrineus, a levrette, o dachshund.

Se são absolutamente desconhecidos os magnificos cães da serra da Estrella, do Alemtejo e de Castro Laboreiro, é porque em Portugal se permitte aos cães fazer, como se fossem pessoas, casamentos de amor, sem a menor consideração pelo futuro da familia. E assim, em vez de haver uma aristocracia canina de nomes conhecidos, caracteres distintos e arvores genealogicas authenticas, existe uma anarchia em que só se distinguem os *cães de raça* e os *cães de estimação*. Os primeiros são em geral gozos do mais puro sangue. Quanto aos cães de estimação, vendo eu uma vez um annuncio de um que se perdera, e desejoso, não tanto de ganhar as alviçaras, como de satisfazer a natural anciedade do dono ou dona d'aquella prenda, dirigi-me ao primeiro cão que encontrei e perguntei-lhe se era estimado em casa — suppondo não haver outro meio de identificar aquella raça. O bruto arreganhou-me os dentes, e como eu não sabia se era esse um caracteristico, achei mais prudente ver, do que sentir, aquella dentadura tão admiravel que até parecia postiça. Talvez um cão de estimação seja um cão com dentadura postiça, e o arreganho do apparentemente sordido rafeiro fosse a resposta á minha pergunta. Mas venceu-me o instincto da conservação das pantorrilhas. A consequencia da minha covardia foi

ficar o cão sem dono, o dono sem cão, e eu sem alviçaras. E ainda estou por saber como se reconhece que um cão que andou tres dias fóra de casa, perdeu a colleira, dormiu na lama e se alimentou nos caixotes do lixo, é um cão de estimação.

E' como se me dissessem que se perdeu um homem de bem e a esposa anciosa offerece alviçaras a quem lh'o achar. Se eu encontrar um sujeito com a barba por fazer, o chapéo alto amolgado, a sobrecasaca cheia de nodoas e as unhas tarjadas de preto como de quem anda de luto pelo sabão, tanto sei que é o homem de bem que a esposa reclama, o moderno Ulysses que a sua Penelope espera fazendo meia, como um vadio inveterado ou um dos communistas praticos a que a policia, a soldo dos capitalistas, dá o nome de gatunos.

Eu tenho um grande amor aos cães, e por isso me irrita a ignorancia que ha em Portugal do almanach de Gotha canino e da psychologia d'estes animaes, que se parece immenso com a psychologia humana, para melhor.

Da plebe direi que o cão do campo, como o camponio, é desconfiado e pouco intelligente. Tem certas idéas rudimentares e estreitas, como são a fidelidade ao dono e a hostilidade, ou o medo, ao estranho. Não tem o sentimento da honra no sentido cavalheiresco da palavra. Não tem vergonha de fugir ou de fazer uma espera. Por outro lado, se lhe disputam o osso, atira-se ao adversario sem pensar nas consequencias do seu acto, o que denota falta de imaginação. O medo onde não ha perigo é proprio das pessoas educadas com a imaginação desenvolvida. O medo onde existe o perigo real é proprio das

pessoas ineducadas a quem falta a honra cavalheiresca e sobeja o amor á pelle mal lavada. O primeiro é o medo imaginativo, o segundo é o medo instinctivo. O cão do campo tem o medo instinctivo, que só cede ao amor do osso, do mesmo modo que as revoluções dos camponezes começam sempre por largar fogo á Repartição de Fazenda, que é quem lhes disputa o osso.

O rafeiro da cidade é como o gaiato, esperto, philosopho, cheio de expedientes e vivendo d'elles.

Um dia um diplomata estrangeiro em Lisboa, quando estava compondo um despacho ponderoso e inutil, viu com surpresa entrar-lhe no gabinete um tropel a cuja frente vinha um cãosito amarello, que não era de raça nem de estimação, e atraz o escudeiro, dois lacaios, a creada dos quartos e o guarda-portão. O cão agachou-se-lhe aos pés agitando o rabo em tom supplicante, e a creadagem formou em semicirculo respeitoso. O diplomata, com o espirito inquisitivo da sua profissão, perguntou o que motivara aquella violação do sagrado recinto onde habitualmente se jogava a sorte dos Estados. O guarda-portão explicou que passava na rua a carroça municipal de apanhar cães vadios. Ao vel-a, o rafeiro tratou de se escapulir; os funccionarios da carroça perseguiram-o; mas um cão geralmente corre mais que um funccionario, e este, vendo aberta a porta da legação enfiou por ella dentro sem que lh'o pudesse impedir o funccionario diplomatico encarregado de a guardar. Subiu a galope a larga escada, seguido inutilmente por quantos creados encontrou no caminho, e só parou aos pés do embaixador at-

tonito. Este, cioso dos seus privilegios diplomaticos, estendeu ao fugitivo o direito de asylo. Mais tarde adoptou-o e deu-lhe uma colleira. O cão foi-lhe sempre dedicado e grato, coisa que não succederia se elle fosse uma pessoa. Só uma coisa o diplomata nunca obteve d'elle — foi que o acompanhasse á rua. Seguia-o até á porta, dava ao rabo e voltava para cima. Passeava no jardim. Mas nunca mais se aventurou fóra de casa, onde ha carroças e funccionarios municipaes que apanham cães para os matarem.

Quero crer que este rafeiro conhecia, como qualquer gaiato de Lisboa, as immunidades diplomaticas e o principio da exterritorialidade garantido pelo Congresso de Vienna. E passou a ser a pessoa mais intelligente do pessoal da embaixada e chegou a ladrar em francez, e seduziu no jardim uma griffone de excellente familia, elegante e estupida, pertencente a outra legação. Não conseguira perder a immoralidade das ruas.

Mas tambem ha cães moraes. Um dia estava eu em Stafford, onde me hospedara n'um typico *inn* de provincia ingleza, simples, asseado e respeitavel. Tinha jantado fóra, em casa de umas senhoras tambem typicamente inglezas de provincia, simples, asseadas e respeitaveis, onde não havia licores nem charutos.

Ao voltar para casa sentei-me n'uma poltrona da sala de jantar, ao pé do fogão, mandei vir um whisky e soda, accendi um cachimbo e puz-me a ler um romance de Arnold Bennett. A sala deitava para um corredor e a segunda porta, que eu deixara aberta, era a do meu quarto. O cão do *inn*, um irish-terrier intelligente, que já me conhecia de eu lhe ter feito festas

veiu-se deitar no *rug* a meus pés, e ao pé do lume que elle tambem conhecia e apreciava. As horas passavam sem eu dar por ellas, embebido no cachimbo e no romance de Bennett. Juro que não estava embebido no whisky. N'isto o meu companheiro levantou-se, e olhou para mim a dar ao rabo. Fiz-lhe uma festa distrahida e continuei fumando e lendo. Vendo que eu era estupido como um homem e o não percebia, o terrier sahiu da sala e de ali a pouco voltou trazendo na boca um chinello meu que depositou a meus pés. Percebi que eram horas de ir para a cama. O virtuoso animal indicava-me que n'um *inn* respeitavel de Stafford não era legitimo estar a pé depois das onze horas. Obedecendo-lhe, apaguei o gaz e fui-me deitar. Nunca averiguei como é que o cão soube que aquelle chinello era o meu.

N'outra occasião, estando convidado a passar uma temporada n'uma casa de campo em Inglaterra, levei commigo um dos meus cães, um lindo animalzinho, de uma raça particular, creada por uma grande amadora de cães, e que resulta de um crusamento do Scotch e do Skye-terrier. Ainda não tem nome official.

Apesar de pequeno este meu cão é muito sporting. Eu detesto cãesinhos de collo, como detesto janotas de collo, e todos os meus cães são de andar a pé. D'este dizia-me alguem que o conhece que o seu maior desgosto na vida é ser tão pequeno, e trata de fazer tudo que fazem os cães grandes. Ora n'esta casa onde eu o levei havia um enorme *deer-hound,* que me chegava aos quadris, e entre o gigante e o pygmeu formou-se logo intima amisade e uma sociedade sportiva de mutuo auxilio. Partiam os dois ga-

lopando pelo parque fóra, e, longe da casa e fóra das vistas, entregavam-se os dois á sua paixão da caça. O pequeno *terrièr*, como *terrier*, entrava nas tocas e desenterrava de lá os coelhos, que o *hound*, como *hound*, perseguia e matava. Deram tal cresta nos coelhos que eu tive de me ir embora antes que elles acabassem de todo.

Isto mostra sem contestação a superioridade do senso commum dos cães sobre o dos homens. Se fossem homens, com a habitual inconsciencia das suas aptidões proprias, o *hound* havia de querer entrar nas tocas, o *terrier* corria atraz dos coelhos, a caçada seria um fiasco, que cada um d'elles attribuiria ao outro, e acabariam por brigar, insultar-se reciprocamente e cortarem relações.

O inconveniente unico dos cães são os gatos da visinhança. Cão que não mate gatos é um ser anormal e desprezivel. A culpa é dos gatos que vêm para a rua onde não têm nada que fazer, em vez de ficarem em casa e abusar da ternura das solteironas affectivas e desoccupadas. De resto podem, querendo, vingar-se nos ratos da perseguição dos cães. Deus fez o mundo de maneira que todo o animal é perseguido por outro e persegue um terceiro. Todo o homem é perseguido por uma mulher e persegue outra, a qual por sua vez persegue outro homem, e assim successivamente. A reciprocidade é coisa rara, e não é vulgar o caso dos grillos que se devoravam mutuamente e por isso ficou classico como as obras do padre Antonio Vieira.

Passa o cão por ser o amigo do homem. A phrase, á força de repetida, passou a ser de uma banalidade insultante para o homem e para o

cão. De facto, quási todos os animaes são amigos do homem — alguns até ao ponto de o comerem, quando não são domesticos. O cavallo, se é carinhosamente tratado, é dedicado e leal ao dono. Alguns ha que não se deixam montar por outra pessoa. Tive um cavallo que se alguem entrava na cavallariça olhava para traz a ver quem era; e se era eu, immediatamente se acommodava a um canto do box para dar logar a que eu lá entrasse.

Até o gato, egoista como um solteirão prospero, é capaz de uma certa affeição. Mas não tem a lealdade do seu adversario. Tenho tido cães e gatos em casa, e nunca um dos meus cães atacou um gato da casa, ao passo que o gato fazia esperas aos cães atraz das portas. Conheci porém um gato pertencente a uma pequenita, e quando a pequenita chorava, o gato, de onde quer que estivesse, corria para o pé d'ella para se roçar por ella, que era a sua maneira de a consolar e mostrar-lhe a sua sympathia. Essa mesma pequena tinha uma perdiz, que lhe deram ferida de aza e que ella tratou e curou. A perdiz seguia-a por toda a parte em casa. E tão bem conhecia a sua posição social, que á hora do jantar saltava invariavelmente para o centro de mesa onde se deitava; e alli ficava quieta, evidentemente á espera que chegasse a hora do assado.

A verdade, porém, é que nenhum animal tem a lealdade franca, a amisade desinteressada e alegre por que se distingue o cão.

O mais notavel no cão é a sua intelligencia. No oeste da America usam-se os *blood-hounds* para achar a pista dos criminosos e captural-os pelas calças, o que tem para o fugitivo inconve-

nientes, se este objecto de vestuario é delgado. Em França usam-se cães no serviço aduaneiro, e na Belgica ha cães contrabandistas. São hoje de uso commum para o serviço da policia nos bairros perigosos. E o *mastiff* de agora é o representante dos cães de guerra dos antigos saxões, que armados só com os seus dentes deram cabo de muito inimigo. Usa-os a Cruz Vermelha, e são conhecidos os feitos dos valentes molossos dos montes de S. Bernardo.

Um amigo meu que viajava na Suissa, ao chegar a uma hospedaria na montanha viu um cão, que estava deitado na soleira da porta, levantar-se, pôr as mãos no estribo do carro, examinar os passageiros, e, indifferente ás caricias com que o acolheram voltar para o seu capacho. Intrigado pela attitude do animal pediu a explicação do caso. Dois annos antes chegara alli com um viajante. Este um dia partiu para uma ascenção sósinho. O cão, obedecendo contrariado, ficou á porta esperando. O viajante cahiu n'um precipicio e levaram-o morto para a aldeia lá em baixo, onde o enterraram. O cão ficou sempre á espera, e a cada carro que chegava ia ver se n'elle vinha o dono; como o não visse, voltava desapontado para a soleira da porta, de onde só sahia quando chegava outro carro. Se D. Magdalena de Vilhena tivesse feito o mesmo, quando se demorou D. João de Portugal, não teria casado com o frei Luiz de Souza, tendo-nos assim poupado o immortal drama de Garrett.

Contam-se muitas historias patheticas de cães. Esta outra foi-me contada por um caçador. Tinha elle um perdigueiro magnifico que, tendo parado uma perdiz, ficava amarrado a ella até que o dono o mandasse levantal-a. Foi um dia

o meu amigo á caça, e pelo fim da tarde perdeu de vista o cão no matto alto. Chamou-o, assobiou, procurou, e nem o cão voltou nem elle deu com elle. Certo de que o cão iria ter a casa, como era tarde e estava cansado, deu por terminada a caçada e foi jantar. Mas o cão nunca mais appareceu. Passado um anno, voltou a caçar no mesmo campo. Vendo ao longe umas coisas brancas que não sabia o que fossem, a curiosidade levou-o até lá. E foi então que viu, com espanto, o esqueleto de um cão amarrado ao esqueleto de uma perdiz. Custa-me a acreditar esta historia. Mas tambem não acredito na historia contada por Soares de Passos no *Noivado do sepulchro*, e no emtanto não me consta que Soares de Passos fosse caçador.

Companheiro util ou simplesmente companheiro agradavel, o cão é sempre um animal encantador, e tão intelligente que não falla. E, sem fallar, percebem-se uns aos outros e percebem-nos a nós humanos, ao passo que os homens quanto mais fallam menos se entendem. Já uma vez um emprezario conseguiu fazer fallar um cão, e então este, é claro, disse coisas estupidas, como se fosse um homem.

Não ha nada mais lindo que ver um *collie* arrebanhar ovelhas, a não ser a matilha dos *fox-hounds* na pista da raposa.

O *collie* conhece uma por uma as suas ovelhas e expulsa as estranhas. Conta o seu rebanho e nunca se engana na conta, embora não conte pelos dedos. Mas ha casos excepcionaes de collies que levam uma vida dupla. É um facto conhecido da criminologia, embora não pulgar, que ha certos homens que são de dia vrosperos, respeitaveis e respeitados, e que na

sombra da noite, disfarçados e ignorados, commettem crimes horriveis, por muito tempo impunes. Tambem se tem sabido de *collies* que de dia guardam e protegem o rebanho, e de noite, quando o pastor dorme fiado n'elle, mata as ovelhas e os cordeiros, com feroz instincto de lobo. Então, com a sagacidade dos grandes criminosos, nunca faz n'uma noite mais que uma victima e leva-a para longe do redil para fazer crer que o assassino foi um estranho, vindo de fóra.

Tambem ás vezes uma matilha de *fox-hounds* se converte n'uma associação de malfeitores, e depois de matar raposas, vai matando os cães que encontra pelo caminho.

São casos anormaes, como o d'aquellas gallinhas que praticam o que os jornaes em linguagem modesta chamam «operações illegaes», e que consiste em devorarem os proprios ovos. Tem então de se applicar, aos cães como ás gallinhas, a pena capital, unica positivamente efficaz para evitar as reincidencias.

Mas peiores que os cães criminosos são os cães que fazem habilidades, embora d'isso não tenham culpa. São como os meninos que recitam versos e as meninas prendadas. N'estes casos, atrevo-me a suggerir a pena de morte para os donos dos cães e para os pais das creanças.

GENS FELINA

Algumas coisas tenho lucrado com estas conversas que tenho tido, por intermedio dos melhores jornaes brasileiros com o publico do Brasil. E não são as que menos aprecio as cartas que tenho recebido de amigos conhecidos e desconhecidos, mas impiedosamente amaveis, que me incitam a expremer, como summo de limão, o summo do meu cerebro que, se é insipido, não é graças a Deus, azedo.

Um illustre escriptor brasileiro, já meu conhecido, o Sr. Tobias Monteiro, fez-me a honra de me mandar um exemplar da interessante conferencia que em beneficio das viuvas e orphãos belgas, a quem a guerra libertou dos maridos e privou dos pais, elle fez no Rio de Janeiro já lá vão mais de dois annos. Tevé essa conferencia por assumpto «Cão e gato», sem que no emtanto houvesse n'ella a menor allusão aos Wallons e Flamengos.

Na lisongeira carta que acompanhava a penhorante offerta do seu trabalho, o Sr. Monteiro mostrava cortezmente a suspeita de que eu ti-

vesse aversão ao gato, por ser amigo do cão. Mas n'esse ponto engana-se o meu illustre confrade. O cão, inimigo do gato, não é amigo do rato. O meu amor estende-se a todos os animaes que o homem, por ter o privilegio de dizer tolices além de as fazer como elles, chama irracionaes. E a minha preferencia pelo cão não exclue o meu amor pelo gato, como o meu amor pelo gato não me inhibe de ter uma certa ternura pelo rato.

Lamenta o Sr. Monteiro que os animaes não fallem. Eu não. Contaram-me em criança, que houve um tempo em que os animaes fallavam. A' medida que adquiriram sabedoria foram perdendo a falla. De um só reza a historia que tivesse dito coisa acertada, e esse era um jumento e a demais uma femea. Foi a burra do Balaam.

«Que diriam elles dos homens?» pergunta o Sr. Monteiro. Diriam mal com toda a certeza, e, se aprendessem com estes, das mulheres tambem e uns dos outros. Talvez discutissem politica. Ora, pois, é bem melhor que não fallem.

A minha preferencia pelo cão provém, antes de tudo, do meu amor aos animaes. O cão é infinitamente mais animal que o gato. O gato é incomparavelmente mais humano. Isto provém de ter o cão todas as qualidades que mais presamos no homem por serem n'elle raras, ao passo que o gato possue os defeitos que no homem são vulgares.

O cão é «sporting». Gosta de correr e brincar. O prazer da caça vem para elle da exhilaridade do exercicio physico. Nunca um «sportsman» correu uma raposa pelo prazer de ver o lindo animal fugir com medo dos cães. Nem é sobretudo, embora seja grande o interesse que ha

n'isso, em ver as manhas da raposa. O que deleita o «sportsman» é a galopada através dos campos, galgando valles e sebes, e o latir dos cães, e o movimento, a alegria, a vida, tudo que desperta em nós os instinctos primevos, que é o que ainda ha de melhor no homem quando lhe dá para matar raposas e não para matar o seu semelhante.

Quási sempre a raposa morre na boca dos cães, destino que deve lamentar a «gens vulpina». Mas tambem as gallinhas morrem na boca da raposa, facto lamentado não só pelas gallinhas, mas ainda mais pelos amadores de canja e por aquelles que sem consciencia, provocam abortos para comerem uma «omolette aux fines herbes».

Ao passo que o gato é interesseiro, egoista, amigo do conforto, secreto como um homem, o cão é franco, bonacheirão e alegre, desinteressado e leal. O gato pratica mysteriosamente o amor, como uma coisa illicita que é por ser n'elle sempre extra-matrimonial. O cão pratica-o despejadamente, alegremente, sem consciencia do mal, na impudica innocencia das almas primitivas.

Eu tenho por immoral todo o cão que não persegue os gatos, porque é sem duvida um ente pervertido. Considero-o a par do homem vegetariano e da mulher obesa. Porque é de notar que quando Julio Cesar, no drama de Shakespeare, diz:

«Let me have near me men that are fat».

(Quero ter junto a mim homens que sejam gordos) não diz que quer senhoras nas mesmas condições.

O gato não é timido, o que elle é, é covarde. Só lucta e se defende quando não pode fugir.

Mas quando se julga seguro ataca traiçoeiramente o cão.

Na minha longa intimidade com cães e nas minhas relações de ceremoniosa amisade com gatos, nunca vi um cão atacar um gato, pertencente ao mesmo dono. A's vezes são amigos. Quando o não são, o cão trata o gato com fria cortezia, como na sociedade dois homens bem educados que se detestam. Mas vi em minha casa um gato, que tinha especial aversão ao meu «bull-terrier» favorito, esperal-o na esquina de um corredor ou atraz de uma porta, e quando o cão passava desprevenido, lacerar-lhe o nariz, e arranhar-lhe os olhos. E' este cão grande caçador de gatos. Mas nunca ás aggressões do meu gato elle oppoz senão a mais digna indifferença. Evitava-o sem descortezia. Em nome da justiça immanente mandei o gato para casa onde não houvesse cães, o que prova que eu não tenho odio aos gatos. Por menos mandaram os revolucionarios russos o Tsar para a Eternidade.

Se o brasileiro, injustamente injuria um homem chamando-lhe cão, mais razão têm os inglezes quando a uma mulher despeitada e maldizente chamam «an old cat» (uma velha gata).

O gato não presta serviços ao homem. Este é que aproveita a preferencia gastronomica d'aquelle pelo rato, para se ver livre do roedor odiado. Mas não ha terrier que não preste o mesmo serviço com mais desenvoltura e rapidez. E melhor ainda é, talvez, uma ratoeira com um bocado de toucinho assado. Ha muito gato repleto e fastiento que prefere a sopa de leite ou o piteu cuidadosamente preparado ao rato cru. Esse, ou por indolente, ou porque a civilização lhe perverteu os gostos naturaes, aconche-

ga-se na poltrona ao canto do fogão, ou dormita no peitoril da janella ao sol, arqueia por favor o dorso se lh'o affagam, e occupa-se tanto a apanhar ratos como a eleger deputados. O gato caça para comer, ás vezes por mera crueldade. Devia ser o animal preferido de Nero, se este imperador artista não gostasse das coisas em grande. Por isso preferia o tigre. Mas quando em vez de ser Nero e imperador romano, se é Nero e empregado publico, basta um gato. O Sr. Tobias Monteiro não approva a crueldade do gato, e é mesmo a unica coisa que n'elle lhe não agrada. Estes sentimentos fazem mais honra ao Sr. Monteiro que ao gato. Porque no gato é a crueldade a base do seu caracter.

É um sybarita, um sensual, para quem a morte sem requintes seria uma brutalidade.

Além d'isso o gato é estupido. Ha-os, como todos os animaes, que o são mais ou menos.

Eu conheci um que em estupidez levava a palma a uma assembéa popular. Era um lindo gato persa de longo pello fulvo. Ha mulheres assim.

Nunca na sua vida apanhou uma carocha, muito menos se lembrou nunca de atacar um rato. Um dia estava dormitando á janella do quarto andar da casa. Passou perto um pardal voando. E o lindo gato persa, que nunca apanhara uma carocha, movido não sei por que instincto primevo da sua natureza felina, entendeu que era a occasião de fazer alguma coisa n'esse sentido. Deu um salto para o pardal que voava. É claro que veiu cair na calçada sem pardal e semi-morto. Falleceu minutos depois, sem ter tempo de se arrepender nem da sua longa preguiça nem do seu inopportuno esforço.

O Eça de Queiroz contou-nos um dia, com a graça inimitavel da sua palavra scintillante, que o gesto sublinhava, a historia commovente de um gato seu: Tambem era persa, ou angora, e, como são geralmente os gatos de raça fina, indifferente ao sport. Tambem nunca matara o mais simples animal. Uma noite, porém, viu passar um ratinho que se sumiu por um buraco do sobrado. Impellido pelo sentimento ancestral, foi pachorrentamente sentar-se ao pé do buraco á espera do ratinho. Este, é claro, cheirou-lhe a gato, não voltou. Se lhe tivesse cheirado a toucinho assado... é por isso que eu, como animal domestico para apanhar ratos, prefiro o porco convenientemente preparado. Passou-se a noite, e o gato sem sair de ao pé do buraco.

Passaram-se dias, semanas, mezes, e o gato á espera. Era preciso levar-lhe alli a comida.

Afinal o Queiroz mandou vir um carpinteiro e fez tapar o buraco. Mas o gato, pertinaz, ficou no sitio onde tinha estado o buraco.

Mandou-se atapetar todo o quarto. E o gato, em cima do tapete, nunca mais sahiu do ponto que tapava o sitio onde estivera o buraco por onde se sumira o rato.

E lá morreu quando Deus quiz terminar o seu tormento. Ha paixões assim. Por exemplo a d'aquelle que morreu de amor.

Quero crer que ha gatos excellentes pessoas, cujas qualidades e virtudes são altamente apreciadas «inter felina gente» — gatos dignos de serem bispos ou presidentes da Republica. Mas a sua ethica é differente da minha, e não posso portanto, apreciar a superioridade moral dos individuos. Só posso avaliar o gato pelos padrões da ethica humana, e então acho-o lamentavel-

mente defeituoso. A sua popularidade em Portugal provém de ser elle o animal para quem não gosta de animaes. Lisboa podia com propriedade chamar-se Gatavilla.

E no emtanto eu gosto do gato. E a razão por que eu gosto do gato é que elle não é homem, não faz revoluções, nem discursos, nem versos. Não é que eu seja inimigo de revoluções, discursos e versos. Mas ainda não vi revolução que melhorasse o estado de coisas, são raros os discursos sensatos que tenho ouvido e esses em geral não impressionam o auditorio, e a maior parte dos versos que se publicam, não vale a pena lel-os, nem sobretudo escrevel-os; porque se a lel-os se perde um tempo que melhor fôra aproveitado em fazer colheres, a escreve-los desperdiça-se, além do tempo, o papel e a tinta que poderiam ser usados com mais utilidade em um escriptorio commercial a fazer contas.

Os mios do gato não me incommodam nem me irritam, a não ser que sejam berrantes, no meu quintal, á hora a que eu quero dormir.

A essa hora objecto a escutar as confidencias amorosas do gato namorado.

Eu não comparo o gato ao cão. O cão é um amigo. Nunca tive com o gato senão relações convencionaes de boa sociedade. Ora, para isso tenho o «humanum genus», que usa da lingua como o gato das unhas, e que tambem attaca de noite e pelas costas quando a victima está desprevenida.

A humanidade seria melhor se tivesse as virtudes do cão. Não me parece que mudasse muito se tivesse as qualidades do gato. Só se fosse o não se metter com a gente.

E o bello symbolismo com que o Sr. Tobias

Monteiro terminou a sua interessante conferencia não entram cão nem gato, embora seja uma ménagerie. Eu proprio tenho visto animaes reunidos em conferencias e congressos. E não acredito que nem d'elles nem da guerra resulte nunca senão uma paz provisoria.

Ha de haver sempre cães que matem gatos, e gatos que apanhem ratos, e ratos que roam queijo. Só o queijo é que não tem compensações.

A IMPERECIVEL CRIANÇA

N'um mediocre romance de Mrs. Humphery Ward — porque Mrs. Ward tambem escreve romances mediocres e eu quando Deus quer tambem os leio — encontrei esta phrase suggestiva *The Imperishable Child,* a imperecivel criança, para definir um dos elementos do caracter d'uma das personagens, um homem feito, membro do Parlamento, imaginativo, eloquente, e, por mais fascinante que Mrs. Ward o queira fazer, decididamente um asno. Podia accrescentar um asno doido, que ainda assim é menos mau que um asno com juizo. Foi, falhando assim a representação verdadeira dos personagens, que a illustre romancista que escreveu *The Marriage of William Ashe* e outras obras notaveis, fez em *Eleonor* um trabalho mediocre e pouco divertido. É uma d'aquellas obras que os autores consagrados ás vezes fazem, e que não são para o publico ler, mas unicamente para o editor pagar. Não foi, porém, para fazer a critica de um romance que não é recente que eu comecei a escrever este artigo. Aquella phrase, que inciden-

talmente mostra o poder de observação e de synthese que são qualidades d'esta escriptora, chamou a minha attenção.

Effectivamente dentro de cada homem ha sempre uma criança. Só dentro de cada mulher é que ás vezes ha duas.

Este elemento de infantilidade que nós temos é o que ha de menos mau em nós, e é o que nos faz gozar a vida. São a inconsciencia, a irresponsabilidade, a animalidade innocente, a crueldade irreflectida, o egoismo amavel, o amor aos exercicios physicos, a alegria e a guloseima, que constituem principalmente o elemento infantil que entra na composição do caracter da mulher e do homem são. O homem que o não possue é morbido e eminentemente desagradavel, por ser invariavelmente um animal pomposo. A pompa só é supportavel nos cortejos publicos e nos funeraes, e não fica bem a um homem ser cortejo publico nem enterro de primeira classe. Ha, porém, pessoas respeitaveis que adoptam na vida ordinaria o aspecto inconfundivel da sua profissão, como os apaches de Paris. Ha militares que mesmo á paisana ou reformados usam o ar ferrabraz, magistrados que são solemnes em mangas de camisa e em ceroulas, ricassos que fusilam com brilhantes e outras pedras preciosas, invalidos que gemem quando lhes não doe nada, actores que representam na vida ordinaria, onde o seu papel é secundario. N'isto entra o elemento infantil, e, se a gente os não tomar a serio, são inoffensivos como os apaches á luz do dia; e tudo se passa sem novidade. Até contribuem, sem o saber, para a alegria da existencia.

Quanto mais são é o homem, mais n'elle pre-

domina o elemento infantil. Assim, em regra, o inglez é o mais infantil dos homens, e só elle se diverte espontaneamente a correr, a pé ou a cavallo, atraz d'uma bola. A sua infantilidade revela-se sobretudo nos logares baratos do theatro, onde os espectadores riem como as crianças nas scenas dramaticas que não percebem, e que tomam por palhaçadas adrede feitas para os divertir.

A infantilidade do francez evidencêa-se principalmente na sua vaidade, embora este predicado seja commum a todos os povos e a todos os individuos. Nenhum outro porém se lembrou ainda de se chamar a si proprio o povo mais espirituoso da terra, o que denotaria uma falta absoluta de espirito se não resultasse d'uma vaidade infantil. A infantilidade do portuguez manifesta-se na politica.

A phrase de Mrs. Ward refere-se, porém, á infantilidade não como elemento do caracter nacional, mas como um traço do caracter particular. E se ainda se não provou ser falso que qualquer homem na sua anatomia revela vestigios de todas as especies que precederam a sua, embora talvez os espartilhos, de formas variaveis com o tempo, tenham talvez na mulher obliterado parte d'essas vergonhosas taras, é natural que na idade madura se conservem vestigios da infancia. Esses vestigios, que vão desapparecendo até uma certa idade, vão reapparecendo depois até uma pessoa chegar áquelle estado de beatitude que os francezes chamam *tombé en enfance.*

Não sei porque elles usam o participio *tombé*, quando a infancia é incontestavelmente a unica idade supportavel na vida, em que o homem se acha em estado de graça. Já o Castilho escreveu

no seu precioso estylo *De quantas coisas Deus fez é sem duvida o menino a mais graciosa.* Ha quem diga que é a menina. Mas o illustre poeta era cego como Milton, e como Camões de um lado.

A infantilidade no homem consiste na sobrevivencia da imaginação quando morreram a innocencia e a confiança. Da sobrevivencia da imaginação resultam ás vezes actos da innocencia e confiança que são tão sympaticos a quem os presenceia como em geral inconvenientes para quem os pratica. Mas isso é porque ha sempre mal intencionados que não têm escrupulos em abusar d'uma criança quando ella se apresenta barbada ou calva, sem se lembrarem que o que ha digno de respeito na infancia não é a falta ou a abundancia local do pello decorativo.

A *Imperecivel Criança* é o apanagio e a fraqueza dos fortes. Chamam-lhe os inglezes *animal spirits* — espiritos animaes — talvez para os differenciar dos espiritos vegetaes, mais vulgarisados sob os nomes de whisky, gin, rum, cognac, que se encontram no mercado.

É a *Imperecivel Criança* que joga com prazer o tennis ou o cricket, o pilha-tres e os quatro cantinhos, que mata ratas ou tem medo d'ellas, e pratica todas as acções innocentes que ás vezes se encontram na vida humana.

O elemento affectivo do homem é a sua infantilidade que subsiste, e o mesmo se pode dizer da logica. A experiencia mostra-nos ao fim de poucos annos que a logica não existe na vida. A existencia é composta de absurdos e incongruencias, surprezas e milagres, quer isso provenha da propria natureza dos factos quer dos limites da razão humana. Apesar d'isso, porém,

o homem vive e morre afferrado ao syllogismo, que é realmente um jogo de criança como o da pella ou do arco. E assim o autor de todas as theorias, scientificas ou politicas, é sempre a *Imperecivel Criança* que se entretem a construir castellos com as mesmas cartas de jogar que servem ás pessoas maduras para se arruinarem ou, pelo menos, perderem tempo. A unica justificação que, n'este caso das cartas, têm as pessoas maduras é que o dinheiro passa para outras mãos, não mais honestas talvez, mas com certeza mais habeis, e que o tempo que perdem ser-lhes-hia completamente inutil.

Os jogos, os brinquedos, as illusões e as pequenas miserias constituem a vida do homem como a vida das crianças. Em vez de brincar com bonecas de corpo de panno e bustos de loiça, o homem brinca com bonecas de carne e osso. Como a criança, o homem, na avidez da sua curiosidade, tambem lhes rasga o peito para ver como são por dentro. E quási sempre tambem encontra serradura. As illusões são maiores com a idade, e as desillusões mais dolorosas. Se a criança chora mais frequentemente, cada lagrima de homem contém uma boa pipa de lagrimas de criança. E como a criança passa rapidamente do choro ao riso, todo o homem respeitavel passa sem transição da loucura á imbecilidade.

Uma está mais perto do berço, o outro está mais perto do caixão — dois moveis de madeira igualmente confortaveis e feitos para dormir — e assim estão ambos igualmente perto do desconhecido, embora uma de lá venha e o outro para lá caminhe. Sahe uma pessoa do seio da mãe para entrar no seio de Abraham. É como sahir

da aprazivel Nice para ir a Monte Carlo apostar contra o banqueiro.

Nas chamadas classes inferiores da sociedade que a educação dos seculos não aplainou, encerou e poliu, a *Imperecivel Criança* anda mais á flor da pelle, o que seria encantador se não fosse uma *Imperecivel Criança* truculenta, ruidosa e malcreada. Por isso, para os azares da convivencia habitual, são sempre mais agradaveis aquellas pessoas que conservam a *Imperecivel Criança* fechada no *nursery* do seu coração, onde ella pode fazer estragos sem incommodar o proximo.

Esta faculdade de conservar a criança através da vida é peculiar á natureza humana. Nunca ninguem surprehendeu n'um boi de trabalho o *Imperecivel Bezerro*. O homem, porém, como a criança, afadiga-se com puerilidades, na convicção perfeitamente infantil que a obra das suas mãos ou da sua cabeça, porque lhe sobreviverá talvez, será uma coisa permanente; e leva annos a fundar imperios que uma guerra destróe se o proprio povo se não encarrega d'isso, a formular theorias de que a posteridade rirá como elle ri das theorias passadas, a descobrir planetas novos só para nos dizer que já não existem ha muitos milhares de annos, a escrever poemas que hão de embrulhar chouriços ou outros artigos de salchicharia, o que é mais innocente e mais util que embrulhar idéas. E, sem nunca se convencer, com o sabio, de que tudo é *vanitas vanitatum* — incluindo elle proprio e a sua respeitavel familia — muda de brinquedos, mas continúa na virilidade a faina inutil da infancia. E é bom que assim seja.

Se este mundo não é o que no calão elegante de Lisboa se chama hoje *uma chatice*, é mais

que provavel que a vida tenha uma razão de ser e um objecto a realizar. E se o grito doloroso de Carlyle — *Whence, oh God! and whither?*— ficou sem resposta, a unica coisa a fazer é irmos tranquilla e inconscientemente brincando aos immortaes, como as crianças brincam aos soldados e aos ladrões. Quando o homem adulto adopta estes divertimentos da infancia, usa no primeiro caso brinquedos mecanicos fabricados pelo Krupp ou pelo Schneider Canet, e no segundo caso emprega gazúas, o que, em ambos os casos, torna o jogo muito mais excitante, e proporcional ao desenvolvimento que a idade traz ao senso commum.

Com a mulher succede exactamente o mesmo, nem ella de outro modo podia ser a companheira inseparavel — mas hoje divorciavel — do homem. Não obstante os amaveis, cortezes moralistas de ha meio seculo, que punham a mulher n'um sacrario e depois a fechavam á chave e mettiam a chave na algibeira, verem no amor da criança ás bonecas a revelação embryonaria do sentimento materno, o facto é que o sentimento materno é que é a evolução do amor ás bonecas. Este é que é natural e instinctivo. O amor aos bonecos só se desenvolve mais tarde.

O interesse pelas historias creadas pela imaginação dura a vida inteira; e a idade, o caracter e a intelligencia só mudam na fórma as predilecções da Humanidade por este ou aquelle genero de ficção. É sempre a *Imperecivel Criança* que lê e acredita na realidade dos contos de Grimm, dos poemas de Byron, das duquezas do academico Bourget, da sociologia de Spencer, ou da philosophia de Wundt. Houve até antes da guerra quem tomasse a serio o philosopho

Bergson, até que, farta de leituras, a *Imperecivel Criança* se entregou de preferencia aos exercicios physicos e ás experiencias chimicas em que se entreteve mais de quatro annos.

E' a *Imperecivel Criança* que escreve os romances de Mrs. Humphry Ward, e a *Imperecivel Criança* é quem os lê.

DOS SETE PECCADOS CAPITAES

I — Soberba

Ha pessoas illustres, absolutamente leigas, que têm um amor especial ao estudo das questões theologicas. Foi uma d'ellas o variavel Gladstone, que, nas horas vagas da politica, traduzia Homero, derrubava arvores e escrevia pamphletos de controversia religiosa, em que fallava da Egreja Catholica Romana, como se elle fosse Mafoma e a Egreja fosse toucinho.

Gladstone foi um phenomeno. Toda a gente começa a vida com convicções anarchistas. Basta ver as tendencias destruidoras de qualquer criança desde que tem força para destruir, e dos sete aos doze annos nenhum prazer iguala o que resulta de uma explosão, sendo por isso prudente não confiar a crianças grandes porções de dynamite. Faço esta recommendação por conhecer um paiz onde alguns paes de familia têm dynamite em casa, como outros têm sal de cozinha e minha avó tinha alfazema.

Ora, toda a gente, começando a vida com

tendencias anarchistas, acaba-a, se dura algum tempo, com tendencias conservadoras e, se dura mais tempo, reaccionarias. Só conheço dois exemplos illustres do contrario. Gladstone encetou a sua carreira politica como conservador e acabou-a como radical. Victor Hugo começou a sua longa carreira poetica com a ode ao *Sacre de Louis XVIII,* e continuou-a com aquella á columna da *Place Vandôme,* não fez nenhum poema á Camara dos Pares de Luiz Philippe, mas fez parte d'ella, esteve para ser senador com Napoleão III, mas não foi, e, cambando cada vez mais para a esquerda, escreveu *Napoléon le Petit* e *Les Châtiments*, e morreu idolo popular, levando o seu demagogismo tão longe que, no dizer de um biographo «il lutinait les servantes». Fraquezas de um grande homem! Deus lhe falle n'alma, que tem muito que ouvir!

Parece-me que estou divagando. Voltemos á vacca fria, que n'este caso é, sem desrespeito, o fallecido Gladstone. Este homem illustre, como passatempo, derrubava arvores para exercicio physico e tentava derrubar o Catholicismo, para exercicio mental. Na sua vida util derrubava instituições. A unica coisa que elle conservou foi a propria vida, por perto de noventa annos. A sua mania era theologia, como a do marechal duque de Saldanha. A differença é que um, como inglez, estudava-a, e o outro, como portuguez, imaginava-a. Eu, mais admirador dos heroes patrios que dos estranhos, sigo sem hesitar o exemplo do marechal. Para a minha consciencia e para o meu pensamento, que não tem absolutamente nada de livre, basta-me o cathecismo de vintem, que contém todas as perguntas que a minha consciencia póde fazer, e todas as respos-

tas que o meu pensamento poderia dar, ainda que andasse por ahi a pinotear á solta.

É assim preparado que eu me proponho a escrever sobre os sete peccados capitaes, vulgar e erradamente chamados peccados mortaes. Um peccado para ser mortal precisa, que eu saiba, de tres circumstancias, que nunca se encontram juntas — assumpto grave, plena consciencia do acto e proposito firme de offender a Deus. Ora, a grande maioria dos nossos peccados versam sobre assumptos de gravidade pelo menos duvidosa. Rarissimas pessoas têm a perfeita consciencia do que fazem e muito menos do que dizem. E quanto á terceira circumstancia, não offenderão propositadamente a Deus as pessoas que crêem n'Elle—quanto mais não seja em virtude do antigo adagio «com teu amo não jogues as peras» — e, ainda menos, as que negam a Sua existencia, porque não é facil ter o proposito de offender o que não existe.

É, pois, mais difficil commetter um peccado mortal que jogar bem o *auction bridge*, ou levar a bom termo a paciencia de Monte Carlo.

Os peccados capitaes são assim chamados, não porque sejam mais frequentes nas capitaes que nas provincias, ou porque quási todos elles precisem de amplos capitaes para a sua realização — o que poderia bem ser — mas porque são a fonte de onde emanam todos os peccados, grandes ou pequenos, os mortaes, que exigem tanto trabalho, como os veniaes, que praticamos a todos os momentos, quási sem dar por isso, como descuidos de consciencias dyspepticas.

D'esses peccados capitaes, é collocado no primeiro logar—que costuma ser o logar de hon-

ra, excepto nos enterros de grandes personagens que levam escolta—a Soberba, sem duvida por ser ella que precipitou Lucifer do céo, sendo reconhecidamente o movel da revolta dos anjos, que tão fataes consequencias tem tido para a humanidade. Porque esses anjos, banidos e demittidos dos seus altos cargos na Côrte Celeste, adoptaram, para ganhar a vida ou por maus instinctos naturaes, a profissão de fogueiros ou de algozes, applicando ás almas que vão parar áquellas regiões exaggeradamente quentes todos os supplicios terriveis e comicos que podem ser vistos por meudo nos quadros flamengos dos seculos XIV e XV. Dante, no seu poema immortal, dá-nos uma descripção mais tragica e grandiosa que as representações pictoriaes dos ingenuos flamengos. Mas, embora o grande florentino assegure que andou por lá, tendo por cicerone e interprete o não menor Mantuano, a sua ida áquelle hospicio da humanidade mortalmente peccadora é quási tão duvidosa como a d'aquelles dois exploradores — um inglez, outro americano — ao Polo Norte, de onde ambos voltaram dizendo que o outro não tinha lá estado. De resto, qualquer d'essas explorações me parece inutil, pois, se tenho alguma convicção definitiva, é que ninguem irá passar o verão ao Polo nem o inverno ás regiões infernaes, bastando para calor e expiação de muitos excessos uma estação thermal.

A Soberba, sem ser o mais amavel dos sete peccados, é sem duvida o mais glorificado n'este mundo, sob o nome de *altivez,* ou ainda sob o outro mais cortez de *dignidade natural.* Os francezes têm para designar a Soberba bem vestida o vocabulo *fierté*, e os inglezes o vocabulo

pride. E louva-se geralmente o homem ou a mulher, até a criança, que possue este predicado, que aliás não é mais que um disfarce elegante do primeiro peccado capital.

Na vida, em que a mais bella e ampla estrada real tem seixos invisiveis, que fazem estourar os pneumaticos dos que a percorrem no conforto e rapidez de um Rolls-Royce, sem contar que rompem as solas das botas dos que seguem a pé, e ferem e ensanguentam os pés dos que vão descalços, é sem duvida muita vez conveniente oppor um peccado ao peccado alheio—a dignidade á insolencia, que são duas fórmas do mesmo peccado. Uma é a Soberba defensiva, a outra é a Soberba offensiva. Como eu recorro sempre que posso á sabedoria das nações, lembrarei que a ferida do cão se cura com o pello do mesmo cão, mesmo quando este é o *Cão Tinhoso*.

O orgulho de familia que é uma das modalidades mais usuaes e mais innocentes da Soberba, é de todo injustificavel, mas, como todas as coisas injustificaveis, é perfeitamente natural.

Não é merito descender de uma longa e alta linhagem. No entanto é mais agradavel ter uma ou duas duzias de avós illustres que não ter nenhum em que se ponha o dedo. E, se é mais util um avô que fez botas que um avô que acutilou sarracenos, é que poucas vezes o util se allia ao agradavel. Uma longa linhagem representa seculos de educação, que affeiçoam differentemente o espirito e o caracter. Mas, sobretudo, o que explica, embora o não justifique, o orgulho da nobreza, é que é o unico objecto de luxo que não está ao alcance do mais rico millionario, o qual póde mandar fazer de encommenda netos fidalgos mediante um bom dote á filha, mas não

póde por preço algum encommendar avós da mesma categoria nem compral-os feitos.

A posse de uma coisa que outros não podem ter é geralmente causa de orgulho, embora o possuidor não tenha n'isso o menor merecimento. Uma linda mulher tem orgulho na sua belleza, como um homem de talento na sua intelligencia, como um pianista na sua grenha. E, no entanto, a linda mulher póde ser espirituosa, o homem de genio póde ser bom, e os dedos do pianista, com serem só dez, valem mais que os seus cabellos innumeraveis. A differença n'este ultimo caso é que os dedos para se revelarem precisam de um teclado e os cabellos parecem dar-se bem sem pente nem escova. Ha, porém, excepções—lindas mulheres que são simples e pianistas carecas. Mas nunca vi um homem de talento que não fosse vaidoso. E, todavia, ha mais merecimento em ser-se idiota que intelligente, pois qualquer pessoa póde pelo seu esforço tornar-se idiota e nunca poderá ter talento se não nasceu com elle.

Este sentimento ás vezes vae inesperadamente longe. Um homem que eu conheço contou-me uma vez todas as doenças de sua mulher, que eram multiplas e variadas, e concluiu todo ancho por me dizer que um medico lhe tinha declarado que a egregia senhora era um compendio de pathologia. O meu conhecido manifestava um inexplicavel orgulho por ser casado com um compendio de pathologia, o que effectivamente é menos vulgar que ser casado com uma caixa de musica ou um jornal de modas. Mas o que tornava prepostera a florescencia do peccado capital da Soberba na sua alma, aliás razoavelmente virtuosa, é que, quando elle desposou sua

mulher, ella não despertava o menor interesse sob o ponto de vista clinico. Não tinha elle, pois, o menor merito em compartir a vida com um objecto tão pouco attrahente como util ás sciencias medicas.

A Soberba dos ricos, comquanto mais justificavel, se a riqueza é honestamente — ou não — adquirida, torna-se mais odiosa por, em geral, se manifestar aggressivamente. Provém isso de não ser acompanhada de boas maneiras e da consciencia não só de que a sua base é aleatoria, mas tambem de que a riqueza mais se impõe ao interesse do que infunde respeito. O poeta Heine, que, antes e depois de ser protestante, foi sempre judeu, dizia que a achava mais toleravel que a soberba nobiliarchica, por pensar que um golpe de bolsa podia anniquilal-a. Isto revela maus instinctos no insigne autor do *Intermezzo* e um outro peccado capital de que em outra occasião me occuparei.

A unica desculpa que póde ter a Soberba é que a Humildade, que é a Virtude Contraria, não é remuneradora n'este mundo. Mas nós devemos pensar no outro, e não só para fazer girar mesas de pé de gallo, mas para adquirirmos todas as virtudes, quer sejam contrarias quer não. S. Francisco de Assis, o maior exemplo de humildade christã que se tem visto, tem hoje n'este mundo, e indubitavelmente no outro, uma situação de fazer inveja a qualquer duque inglez, a qualquer millionario americano, e até a qualquer presidente da Republica, mesmo aquelles que conquistaram o poder a tiro e o conservam a pau e corda. Não me refiro aos indispensaveis utensilios, dos moços de fretes, mas ao pau horizontal com a corda vertical e um sujeito pendurado pelo pescoço.

Memento, homo, quia pulvis es et in pulvere reverteris, diz a Egreja.—Lembra-te, homem, de que és pó, e que a morte é um panno do pó nas mãos de um cangalheiro.

Não vale a pena ter Soberba, quando tudo n'esta vida passa. E de tudo que é passado, ainda o melhor são os figos do Algarve. Que eu, por mim, prefiro os de Smyrna.

II — Avareza

Dos sete inimigos da alma ha uns que são mais amaveis e outros que o são menos. O segundo, de que me vejo com repugnancia obrigado a tratar, sem ser dos mais odiosos, é sem duvida dos menos amaveis.

Uma das coisas que torna mais difficil o commettimento de um peccado mortal que, como a respeito da Soberba expliquei, é diverso de um peccado capital, é a inconsciencia com que as pessoas virtuosas commettem seis peccados capitaes, convencidas de que estão praticando, se não propriamente as virtudes contrarias, pelo menos a virtude geral, mais humana que divina, da moderação.

Porque a verdade é que o Divino Mestre, em que pese aos admiradores de Luiz Philippe e dos principios da monarchia de julho, nunca preconizou a doutrina do «juste milieu», antes pelo contrario aconselhou acções radicaes e heroicas, como dar tudo aos pobres e seguil-o, o que não se coaduna com a Avareza, nem sequer com a economia. Pois, emfim, dar tudo aos pobres, comquanto mais benemerito e louvavel, é

tão liberal e extravagante como perder tudo em Monte Carlo, ou gastal-o em champagne, com os respectivos accessorios, que comprehendem legumes caros, como espargos, fructas fóra da estação e carnes delicadas, como a do faisão, do cabrito montez, do pato bravo do Potomac, e de outros animaes delicados de plumagens caras, de pôr e tirar, que a decencia me não deixa mencionar.

O diabo, ladino tentador das almas, inventou a virtude da Economia e a pratica da contabilidade domestica, para assim disfarçar o segundo peccado capital. Mas, attendendo a que a maior parte da gente vive n'este mundo, em vez de viver, como devia, para o outro, é de esperar que a indulgencia divina considere o peccado da Economia um simples peccado de policia correccional, punivel com uns annos de purgatorio venciveis a dez tostões por dia. Os preceitos do Divino Mestre são absolutos e inilludiveis. Mas, na sua passagem pela terra, Elle mostrou-se divinamente indulgente, porque na sua infinita sabedoria conhecia e compadecia a lamentavel fraqueza da misera humanidade.

A Avareza é o peccado proprio de quem ganhou a sua fortuna com o suor do seu rosto, ou de qualquer outra parte do seu individuo. Lá diz o poeta hespanhol:

Que junte el rico avariento
Los doblones ciento a ciento,
Bien puede ser,
Mas que el sucesor gentil
No los gaste mil a mil,
No puede ser.

Ha, no entanto, avarezas hereditarias, que se

estendem a uma ou duas gerações. Eu sei de um pae avaro, que uma vez deu quinhentos mil réis ao filho para ir viajar. Foi o mancebo. Á volta, embebido nas idéas e sentimentos paternos, entregou ao autor dos seus dias a quantia de setenta e tres mil réis, que lhe tinham sobrado. Ao que este, movido á generosidade pela economia do seu descendente, deu-lhe de presente trinta e seis mil e quinhentos.

S. Martinho de Tours, com ser santo, mostrou-se avaro quando, encontrando um pobre esfarrapado a tiritar de frio, lhe deu metade da sua capa. D. frei Bartholomeu dos Martyres deu a um pobre a sua cama toda. Outras pessoas, levadas por motivos menos caritativos, têm cedido metade da sua cama, mas o santo arcebispo de Braga não se contentou com meias medidas compromettedoras. Não creio que fosse uma grande dadiva a cama do veneravel prelado, que não tinha «sommier» nem colchão de pennas, mas é preciso lembrar o ditado que «la plus belle fille de France ne peut donner que ce qu' elle a». O cynico accrescenta — «quand elle l'a». E n'este ponto D. frei Bartholomeu achava-se no caso da mais linda rapariga de França, sem a odiosa restricção do cynico.

Shylock e Harpagon são na litteratura moderna os prototypos do avarento. Para os tornarem mais repugnantes, Shakespeare e Molière materializaram-os nas pessoas de um velho israelita e de um velho que não é judeu e talvez se julgue christão, mas só o demonio será capaz de dizer o que elle é. Todavia, a Avareza não é o apanagio da velhice. Tenho conhecido homens moços e, sobretudo, mulheres moças, que têm ao dinheiro um amor,

que melhor empregado seria em objectos de menos dureza e frialdade que o ouro, ou de mais fragilidade que as notas de banco. Foi por uma feliz intuição psychologica, que os reis, para se fazerem amar dos seus subditos, mandaram gravar suas ephigies nas moedas. As republicas seguiram-lhes o exemplo; não tendo, porém, personalidade propria, substituiram o seu retrato, impossivel de fazer, por uma linda cabeça de mulher, ornada com um barrete phrygio. Mas do vivo ao pintado vae muita differença.

E' justo reconhecer que a Avareza geralmente se aggrava com a idade. No entanto o mesmo se póde dizer de todos os peccados capitaes, sem excepção d'aquelles para que a idade torna os individuos menos idoneos. O mau é ter nascido com elles. Isto prova que, se ha pessoas que têm medo do inferno, é muito maior o numero d'aquellas que têm medo do céo. O que me parece é que o homem tem medo de todos os seus novissimos, o que indica lamentaveis tendencias conservadoras na Humanidade.

Eu não approvo o habito da mendicidade que sem sobretudo voga nos paizes do sul, como a Hespanha, a Italia e—ai de nós! —Portugal. E' um costume desagradavel para quem é perseguido pelos mendigos, e não posso crer que seja para estes um requintado prazer andar a pedir esmola pelas ruas. Como profissão não é remunerativa, nem brilhante, nem de uma alta categoria social, embora de vez em quando narrem os jornaes que a um velho mendigo, que morreu de repente n'uma espelunca esqualida, foram encontrados entre farrapos seiscentos mil réis em cobre

ou prata, ou mesmo em notas — o que é materialmente indifferente. E então os prosperos leitores dos periodicos indignam-se porque um homem que deixa tal peculio andasse a mendigar com prejuizo de outros realmente necessitados. Mas, um guarda-livros, meu conhecido, depois de ter feito rigoroso calculo, asseverou-me que esse dinheiro, capitalizado a seis por cento — que elle, aliás, não considera uma capitalização segura—daria ao capitalista da ordem dos mendicantes um rendimento de trinta e seis mil réis annuaes, ou menos de um tostão por dia, e isto enche de espanto os capitalistas não mendicantes, que entendem que elle devia andar de automovel e contribuir para as subscripções patrioticas. Ha, de facto, quem viva economicamente com um tostão por dia. Mas é gente que dura pouco. A mendicidade indica falta de caracter na população e, sobretudo, falta de policia, e é por isso que eu não a approvo como systema. Por estas revelações e por estes principios é que muita gente objecta a dar esmola na rua a um mendigo casual. Não ha duvida que muita vez os mendigos profissionaes usam tricas para mover a piedade das pessoas sensiveis. Viuvas fazem-se acompanhar de numerosa prole, como se cada transeunte fosse o culpado da sua exaggerada fecundidade ou d'ellas não terem enviuvado prudentemente mais cedo. Outros mostram chagas e aleijões e pedem um vintem pelo divertimento que amavelmente nos proporcionam. A estes nunca dou, porque os considero faltos de boas maneiras, de tacto e de perspicacia, e não me parece a exhibição digna de ser remunerada. Se, em vez de me pedirem um vintem, me pedissem uma quantia muito mais avul-

tada, sob a ameaça de me mostrarem os horrores de que se adornam, eu, egoistica e covardemente executava-me. Mas isso é uma questão pessoal. Agora recusar a esmola só porque são mendigos profissionaes, é apenas uma desculpa — e das peiores — para justificar a Avareza. Todas as profissões são exercidas com vistas no lucro. E não é provavel que seja por gosto que certas pessoas escolhem a profissão de mendigo de preferencia á de banqueiro ou de agiota. Nunca me constou que andasse a mendigar pelas ruas nenhum membro da familia Rothschild, e mais ao tempo a que são ricos já podiam ser pobres. Mas, vela sobre elles o Deus de Jacob e de Abrahão, que tem abandonado muito boas familias christãs. No fim de contas, Moysés foi imprudente, como quási todos os legisladores, quando se irritou contra o culto do Bezerro de Ouro. Os accessos de mau genio passam e os bezerros ficam.

A doutrina christã manda dar indiscriminadamente aos pobres. As organizações beneficentes são o producto da philanthropia. Ora, a differença fundamental entre caridade e a philanthropia é que uma exerce-se por amor de Deus e a outra pratica-se ostensivamente por amor dos homens, e de facto por amor proprio. Na realidade, amor dos homens é um sentimento que normalmente só têm as mulheres. Entra no dominio da philanthropia a caridade posthuma, a que geralmente corresponde a avareza vitalicia. Custa pouco ser liberal á custa dos herdeiros. Em compensação, o prazer que resulta aos generosos doadores, dos longos necrologios publicados nos jornaes, dos discursos á beira da sepultura (que é o que eu chamaria a beira baixa)

e das lapides commemorativas, deve ser relativamente mediocre, pouco mais satisfatorio que o Noivado do Sepulchro para os directamente interessados n'essa ceremonia nocturna.

Pondo de parte a casuistica e encerrando a questão sob o ponto de vista exclusivamente mundano, o dinheiro, como a saude, só serve para se gastar. Não vale a pena ter saude e viver como um invalido por medo de a perder, nem ter dinheiro e viver miseravelmente para augmentar o capital. O que é logico e sensato é gastar a saude e o dinheiro. E, se uma pessoa tem o azar de lhes sobreviver, sempre é tempo de se privar de tudo que torna a vida supportavel, acceitando resignadamente, quando ellas vêm, as enfermidades e as contas por pagar, até vir um dia em que tudo se pague no outro mundo, onde todas as contas se ajustam.

III — ...

Toda a gente sabe qual é o terceiro peccado capital, e quem não souber, não tem mais que ir refrescar a memoria no cathecismo da sua infancia. Eu não tenciono escrever-lhe aqui o nome, nem mesmo com «ch», embora seja essa talvez a orthographia official portugueza. E' pelo menos assim que um cabo da guarda republicana escrevia á minha cozinheira em cartas eroticas, que ella revelava, não por indiscripção ou vaidade, nem por aversão á orthographia da guarda republicana, mas por absoluta incompatibilidade com a calligraphia do cabo, bem como de qualquer outra, proveniente de nunca ter frequentado

a eschola. Que eu já não sei se deva escrever «orthographia» ou «ortografia» — como sempre escrevi «orthopedia» e ultimamente vejo escripto «ortopedia», por pessoas para quem o diccionario do Sr. Candido de Figueiredo é a biblia dos ff e rr. Tambem já vi algures a palavra «hortopedia», mas como a supponho derivada de horto ou horta, presumo que se refira a pés de couve.

Seja como fôr, não ha como os livros santos para chamar ao pão pão e ao queijo queijo. Na Biblia, desde o Genesis aos Psalmos, incluindo os Juizes, os Reis e o Livro da Sapiencia, para não fallar na assombrosa lyrica do Cantico dos Canticos, lêem-se monstruosas enormidades, escriptas com a clareza e a simplicidade de corações puros e de espiritos isentos de maldade. Mas, se as fôssemos a escrever nós, que temos os corações impuros e os espiritos malevolos, taes ditos seriam má lingua e taes expressões inconvenientes.

Os patriarchas hebreus eram uma sucia, embora veneravel. Por isso o Omnipotente, se creou uma só Eva, e não duas, que tornariam logo mais animada a vida social, é porque na sua omnisciencia previu que se daria um caso de bigamia no paraiso terrestre. E seria, na ordem chronologica, o primeiro peccado capital aquelle de que me occupo com particular reluctancia.

Disse-me um dia Anthero do Quental—o espirito mais vasto, mais profundo e mais puro que tenho conhecido — que o amor é o desejo sexual idealizado. Eu creio, porém, que melhor seria chamar-lhe a attracção sexual espiritualizada. Eu creio que o espirito tambem tem sexo, que ha espiritos masculinos e espiritos femininos. Encontram-se occasionalmente espiritos mascu-

linos em corpos femininos e vice-versa, e d'ahi resulta um hermaphroditismo especial, que é sobretudo desagradavel, quando um corpanzil de macho contém um fino e indeciso espirito de mulher. No caso de Stendhal é original e encantador, porque o Stendhal já morreu.

O primeiro peccado capital tem sobre os outros a incontestavel superioridade de ser o unico exclusivamente humano. Os outros seis são communs á animalidade em geral. O cão rosna a outro que se approxima do osso que está roendo, ha odios e luctas e coleras entre os brutos, ciumes, que são uma fórma da inveja, e nenhum trabalha, a não ser obrigado, com excepção da formiga e da abelha; e quanto á gula, se a não refinou o espirito, é vulgar em todos os animaes e particularmente na giboia. Mas de todos os sete peccados capitaes, é o terceiro o mais caracteristico da animalidade, com excepção d'aquelles animaes, a quem a mão prudente do homem tirou os meios naturaes de o commetterem. Esta precaução, tem por resultado mudar o nome (é uma especie de chrisma), e engordar e tornar tenra a carne, dos objectos da sua sollicitude, a não ser no caso dos gatos, que tem em vista a tranquillidade domestica e o somno ininterrupto do homem nas noites de janeiro—e no dos eunuchos do Oriente, com o fim de assegurar a paz de espirito aos maridos desconfiados e ciumentos. O gato ainda ás vezes é dolosamente comido por lebre, mas não conheço ninguem que tenha provado um ragout de eunucho.

Dá-se geralmente em verso, e muitas vezes em prosa, o nome de «amor» ao terceiro peccado capital. Mas, considerando que ha o amor paterno e o amor materno e o amor filial, e o amor fra-

ternal, na fórmula burocratica de alguns paizes intimamente ligado á saude, e o amor divino, e o amor do proximo, e o amor da arte e o amor das coisas materiaes—parece-me a expressão vaga e inadequada para designar o desejo tão animal, como póde ser o de que resulta o peccado da Gula.

Que é o terceiro o mais abominavel dos peccados capitaes não póde haver duvida desde que se contemple qualquer quadro das almas, no qual invariavelmente se observa que o fogo do purgatorio as devora e castiga da cintura para baixo. E não o justifica, como alguns peccadores pretendem, nenhum argumento physiologico.

A fallencia d'estes argumentos hypocritamente tirados pelos homens da physiologia torna-se evidente a quem reparar que elles só os applicam á parte masculina da humanidade, a que pertencem. Mas, quando se trata da parte feminina, que elles entendem que lhes pertence, exigem a mais absoluta e longa castidade, sem que a physiologia lhes dê o menor cuidado, nem queiram saber do proverbio inglez, que judiciosamente affirma que o que é molho para o ganso é molho para a gansa. Estes doutrinarios querem o ganso com molho e a gansa sem elle. O que denota n'elles, com referencia ao sexo feminino, um censuravel desdem pela saude e pela fraternidade.

De facto, não ha razão physiologica nem ethica pela qual o homem não observe a virtude contraria tão rigorosa e longamente como a mulher. Ha apenas o mau habito adquirido e a tyrannia do vicio, que tanto o é o erotismo como o alcoolismo, embora nem um chegue

sempre á satyriase nem o outro ao delirium tremens. O melhor meio pratico de obviar a este habito, que em muitos se torna uma obsessão morbida e repugnante, é, como já notou Bacon, a diversidade e intensidade de interesses intellectuaes e de exercicios corporaes. Por elles o homem chegará a ver na mulher um ser espiritual, e poderá amar a belleza natural, como ama a belleza artistica, comquanto o primeiro sentimento seja, em todo o caso, mais perigoso que o segundo. Mas todo o homem experimentado sabe o que o diabo não diz — que é muito mais agradavel a tentação que propriamente o peccado. Quem devia dizer isto são os anjos da guarda. Mas elles sabem que ninguem lhes prestaria attenção, e não se ralam a dizer palavras que não seriam loucas, a orelhas que seriam moucas. Só eu me encarrego d'isso.

N'esta differença de principios, pelos quaes o homem regula o procedimento dos sexos, não se póde em justiça dizer que queira Deus para si e o diabo para os outros. Pelo contrario, elle quer Deus para a mulher e vae alegremente folgar na companhia do diabo.

Nem sempre, porém, a tentação vem do macho. Eu conheci um casal de pombos mutuamente amorosos e fieis, como em geral succede aos pombos, encantadores animaes a quem Deus deu a monomania conjugal. Ora, havia no mesmo pombal uma linda pombinha airosa, de pennas côr de perola, que não estava acasalada. A coquette começou a flirtar descaradamente com aquelle pombo. E tão donairosa passeava, virando para elle o biquinho tentador e arrulhando tão brandamente, que o pobre pombo largava o poleiro conjugal e ia ter com ella. Mas, a pomba

legitima, vigilante, seguia-lhe no encalço e trazia-o mais ou menos voluntariamente para o poleiro. A scena repetia-se com uma insistencia revoltante, mas sempre, graças a Deus, com o triumpho definitivo da moral e da santidade do matrimonio. Mas, era um drama domestico. E tão pungente se tornou, que a dona da casa, por natural solidariedade com a pomba legitima, foi-se á loureira pomba côr de perola e mandou-a guizar com ervilhas. Assim terminou n'uma caçarola tragica o mais authentico romance de Bourget, que eu tenho visto.

A attracção espiritual dos sexos é ingenita no homem, e brutaliza-se com a falta de educação, ou com a deseducação que se adquire nas escholas e no convivio dos brutamontes. E' vulgar que os paes tenham, se não mais amor, pelo menos mais ternura, pelas filhas (e não só as alheias mas as proprias), e as mães pelos filhos, e vice-versa. Este sentimento, em que não entra nenhum elemento que não seja da mais pura espiritualidade e que é exclusivo da humanidade, prova a affinidade espiritual dos sexos. Esta affinidade existe sempre nas sociedades civilisadas e nos espiritos cultos. Não existe, nem póde existir, nos canis, nos curraes, nas capoeiras ou nas córtes onde os suinos grunhem. Nem tampouco existe nos paizes orientaes, nem n'aquelles do occidente, nas classes em que a mulher do proximo é apenas olhada como a femea e a propria considerada um objecto de uso domestico — ao passo que a mulher em geral é tida como artigo de primeira necessidade. N'este caso, a mulher considera-se a si propria propriedade do homem, um objecto

util, mais ou menos luxuoso, conforme as circumstancias, que tanto póde ser um prato de Sèvres como uma certã de barro.

Essa concepção grosseira deriva do terceiro peccado capital, e a moral que d'ahi resulta é uma simples moral de capoeira.

Eu não pretendo que a affinidade espiritual seja vaccina contra o peccado carnal. A unica medida prophylactica que se tem mostrado efficaz é o systema oriental do harem. A uma tia minha encantadora e boa, mas velha solteirona, immaculada e devota, ouvi muita vez dizer que macho ao pé de femea, nem burro ao pé de gallinha. E, no emtanto, as relações criminosas entre estes utilissimos animaes, cuja menor differença está no sexo, seriam de uma difficuldade obviamente insuperavel. Em vez d'esta restricção humilhante, que reduz a mulher á condição da cadella fina, que se tem fechada em casa em certas occasiões em que os seus desvarios são mais provaveis, eu prefiro que o homem tenha o espirito aceiado, como a mulher geralmente o tem, de modo que em circumstancias normaes elles não sejam o macho e a femea. Agora, quando a mulher é gallinha e o homem é burro, sou inteiramente da opinião da minha tia.

Que este peccado é capital não póde haver duvida, pois d'elle derivam ciumes, coleras, rixas, assassinatos, roubos e sacrilegios. E, se só me refiro ás enfermidades moraes que d'elle resultam, e não ás enfermidades physicas, é porque ha quem, mais cuidadoso do corpo que da alma, se precavenha contra estas por meios que augmentam a sordidez do peccado, pois indicam a premeditação, em vez da tentação a que

os espiritos fracos e os corpos robustos nem sempre resistem.

Os libertinos e, mais que elles, os materialões, não têm a menor idéa de quanto seja em geral a innocencia da mulher — até das solteironas e de mulheres casadas. De facto ellas têm apenas noções vagas ou imperfeitas. Eu não posso entrar em pormenores escriptos e não dou consultas verbaes.

A razão d'isto é que a educação da mulher é mais espiritual e mais aceiada. Desde pequena é afastada da immundicie em que o homem se refastela como um suino na estrumeira. E succede que, quando uma mulher tropeça, a censuram aquelles que passam a vida aos trambulhões e se gabam de se espojar na lama. E, no emtanto, o tropeção da mulher educada, que raras vezes tem coragem para cahir, nunca, ou quási nunca, é motivado pelo instincto animal que move o homem, e não commetteria o peccado se o não idealizasse o seu espirito.

Ora eu quizera que o espirito do homem se conservasse aceiado como o da mulher. Não resultaria d'ahi a virtude absoluta, que não anda aos pontapés pelo mundo. Mas, não haveria o vicio, que é a fórma sordida do peccado. Quizera que se incutissem aos rapazes noções de limpeza espiritual, como se lhes incutem noções de limpeza physica. Um pouco mais de espiritualidade daria em resultado um pouco menos de animalidade e reduziria a proporções modestas um peccado que o homem tem em commum com os perús e outros animaes menos succulentos.

IV — Ira

Todos nós temos ouvido fallar na paciencia do santo e na paciencia do burro, e temos até empregado estas locuções familiares, causando assim, inconscientemente, males incalculaveis. A maior parte dos males são causados inconscientemente, pois a maldade é tão rara como a virtude. Uma e outra são coisas perfeitas, cada uma no seu genero, como tão vertical está o homem com os pés no chão e a cabeça no ar como com os pés no ar e a cabeça no chão. Mas, na posição normal, que é o peccado, o homem não póde estar indefinidamente sem se cansar, embora se aguente n'ella mais tempo, e com menos esforço, que na posição invertida. E tem de recorrer á posição mais ou menos horizontal, que é o repouso em que vivemos, e que não é virtude nem peccado; ou caminha, que é sempre uma posição obliqua e variada, em todo o caso desviada do prumo. Ha mesmo quem leve a vida ás cambalhotas. Esses são os grandes homens, que ora estão pelos pés, ora pela cabeça.

Não ha peccados capitaes maiores nem menores, embora as pessoas virtuosas considerem sempre maiores os que têm os outros; queixam-se as pessoas humildes por necessidade da soberba dos poderosos; os filhos, e sobretudo os sobrinhos, da avareza dos paes e dos tios; as mulheres a quem a natureza bem intencionada, mas pouco amavel, livrou dos attractivos que põem em perigo a castidade, consideram a falta

d'esta virtude o unico peccado imperdoavel; condemnam severamente a Ira os que têm os nervos de uma ostra; a velhice torna a humanidade tolerante para a gula, a menos que a dyspepsia ou o figado, dois grandes agentes de virtude, acordem a consciencia; os ricos e os felizes censuram a inveja dos que não são nenhuma d'essas coisas; e a preguiça excita a especial aversão d'aquelles que se vêem obrigados a trabalhar virtuosamente para adquirirem os meios de perpetrar os outros seis peccados capitaes— sendo muitas vezes que preferem trabalhar honestamente a assaltar casas, porque a profissão de ladrão é das mais mal remuneradas, tendo em vista o esforço violento que exige, mental e physico, e os riscos a que está sujeita, tanto mais que são os unicos riscos profissionaes que as companhias de seguros se obstinam em não cobrir.

Ha, sem duvida, peccados capitaes que são mais amaveis e outros que são excepcionalmente antipathicos. A Ira, sem ser dos mais nem dos menos desagradaveis, é sobretudo um peccado contra as boas maneiras, que muitissimas vezes substituem com vantagem a virtude.

Eu não sei se a minha casuistica é perfeitamente orthodoxa; e, se o não fôr, retracto instantaneamente tudo que o não seja. Mas, creio não ir longe da verdade suppondo que ha duas classes de Ira — a Ira repentina e passageira, que provém dos nervos, e a Ira permanente, que provém do caracter e que toma o aspecto do odio ou da simples aversão. A primeira é um peccado venial, que se trata com brometos, ao passo que a segunda só se cura com longas expiações. Mas, isso não impede que de um sim-

ples accesso de mau genio possa resultar o homicidio, ou pelo menos a deselegante gesticulação a que os noticiarios chamam vias de facto, para a differenciar das vias de eloquencia e das vias de pensamento—sem que por vezes as vias de eloquencia sejam menos para objectar, quando violentas, pois d'ellas compartem todos os ouvintes e não apenas o objecto a que são destinadas.

Uma pessoa sem nervos é um carro sem cavallos. Mas uma pessoa que não domina os seus nervos é um carro com cavallos e sem cocheiro; e, quando elles se assustam e desbocam, torna-se um perigo para os transeuntes. O cocheiro nunca deve descer da boléa nem largar as redeas e o pingalim. E' um preceito elementar.

A apparencia da virtude, se não a propria virtude, é sempre de bom tom, quando não seja exaggerada e aggressiva. E, assim, a cada peccado capital se póde oppôr uma virtude social—como á Soberba a cortezia, á Avareza as subscripções mundanas, ao terceiro peccado a discripção, á Gula o garfo e faca, e assim por diante. E' por isso que a civilidade é uma virtude que, na vida pratica, substitue o amor do proximo e consiste na applicação mundana e temporal do principio quási christão de não fazermos diante dos outros o que não queremos que os outros façam diante de nós. Ha pessoas pouco fastientas, que toleram no proximo grande liberdade de maneiras. Isso é talvez agradavel para o proximo, emquanto ellas não usam de liberdades identicas, tornando-se uma calamidade social. O ceremonial exaggerado, indispensavel nas funcções de córte, nas festas de egreja, na sala de armas e

nas touradas de fidalgos — assim chamadas d'antes, porque eram fidalgos os toureiros, e agora, porque o são os touros — é de pessimo tom na vida quotidiana. A razão d'isto é que o fim do ceremonial é evitar desmandos, que seriam prejudiciaes á solemnidade da funcção. E, se não é provavel que um cortezão tire um sapato que lhe aperte ou que um prelado use com estrondo o lenço episcopal, sempre é bom que o throno e o altar se precavenham contra excentricidades possiveis. Na sala de armas e na praça de touros o ceremonial rigoroso tem por fim impedir as consequencias da Ira dos esgrimistas n'um caso, do touro no outro. Porque a lucta provoca este peccado capital, mesmo quando o florete seja boutonné e os chifres embolados. Entre o esgrimista e o cornupeto (como se diz em vernaculo tauromachico) ha, porém, esta differença, que o primeiro muitas vezes se irrita com o simples contacto do botão no plastron, havendo até pessoas de mau gosto e unsportsmanlike que não gritam «touché», ao passo que o segundo excita-se com um dedo de ferro farpado mettido no couro e nunca deixa de mugir, que é a maneira de dizer «touché», segundo a rigorosa etiqueta taurina.

Fóra, porém, d'estes casos, a exaggerada ceremonia só indica que cada um não tem uma confiança por ahi além nas maneiras dos outros e conserva-se prudentemente em guarda contra uma cordial palmada no hombro ou um affectuoso piparote na região abdominal, manifestações affectivas que são pouco usadas nos meios em que, por isso mesmo, póde haver, sem perigo de vida, maior liberdade de maneiras.

Ha pessoas envernizadas — mulheres e ho-

mens — que reservam o mau genio, como ellas os bigoudis e elles os chinelos, para a domesticidade. Este facto tem desacreditado a vida de familia e os prazeres domesticos, como as difficuldades grammaticaes teem desacreditado o latim, comquanto, na realidade, este descredito provenha da preguiça dos estudantes, no segundo caso, e, no primeiro, de que muita gente em pequeno não bebeu chá senão de borragem, que faz transpirar indecorosamente. E' preciso que o mau genio não transpire. E os bigoudis e os chinelos devem ser d'aquelles segredos pessoaes que nem ao ouvido conjugal se confiam. Tal e qual como certa enfermidade que torna odiosas as cadeiras de estofo, ou aquella que produz ventilações escusadas. Não são coisas indecorosas, mas são coisas inconvencionaes. A Ira, além de ser um peccado tão grave, que é capital, é tambem uma coisa inconvencional, quando se manifeste por palavras ou gestos.

No entanto, e sem com isso pretender attenuar a sua gravidade, eu considero a Ira um peccado em segunda mão, quási sempre resultante de outro peccado capital, geralmente o terceiro, ou o sexto, que é a Inveja, de que ainda não tratei.

Além da Ira que provém do caracter impulsivo, dos nervos afiados e da educação incompleta, ha a Ira chronica, que é o odio, e, em ponto apparentemente menos grave, a malevolencia, que no fundo não é outra coisa senão a hypocrisia do odio. Para contrariar este peccado não basta a cortezia; e um cathecismo de vintem é mais util que um compendio de civilidade. Ha individuos que são verdadeiros accumuladores de mau genio e chegam a produzir correntes de

odio da força de muitos cavallos e até de outros animaes mais ferozes.

Se houvesse uma moral homœopathica, eu não duvidaria aconselhar, como antidoto á Ira, a soberba em altas dynamizações. Pois não ha nada para substituir a paciencia, quando esta não acode ao chamamento, como o desdem. Quando a gente não póde aguentar com equanimidade injurias, o melhor é ignoral-as. E' preciso, porém, que o desdem seja real, e não postiço, e se justifique pela superioridade moral, intellectual, social ou meramente physica do injuriado. Um cão de Ulm ou de S. Bernardo ignora por completo os latidos e aggressões do rafeiro ou de qualquer fraldiqueiro mimado é ridiculo, por isso mesmo impudente.

E' notavel que a Ira provém ás vezes de causas physicas. Assim, é certo que os surdos são geralmente impacientes. Este phenomeno é tanto mais inexplicavel quanto essa enfermidade os livra de ouvir inanidades e babuzeiras que põem á prova os mais equilibrados systemas nervosos, para não fallar das philarmonicas de aldeia e dos esforços dos amadores musicaes.

A maior parte das coisas que se dizem não vale a pena ouvil-as, e as outras era melhor não ouvir. Rarissimas são as que vale a pena dizerem-se. Mas, tão impenitentes somos do peccado de Eva, apesar de o andarmos pagando ha seis mil annos pelo menos, que irrita mais os nervos, e provoca a Ira, a curiosidade insatisfeita que a audição de inepcias e desafinações. Todavia, eu considero que a maior benção com que a Providencia benevola premiou o genio de Beethoven foi prival-o de ouvir as suas sonatas, tocadas no piano por alguns amigos meus.

A má digestão tambem provoca a Ira, bem como em geral os soffrimentos physicos, de sorte que n'estes casos póde o medico contribuir para a salvação das almas. Mas a virtude contraria deve exercer-se no meio dos soffrimentos physicos e moraes — como corridas de velocipedes, recitas de amadores, coquetteries de senhoras restauradas como a Sé de Lisboa, discursos de pessoas sérias, gracejos de pessoas jocosas, mulas que judiciosamente antes querem ser fustigadas paradas que a andar, azia, ciume, e outras miserias da vida, cujo numero é legião. Pois, para tentar a paciencia da fragil humanidade, o Inimigo tanto se serve de uma mulher bonita como de uma mula ronceira, e das affectividades da alma como da acidez do estomago. Por isso aconselharia a todas as pessoas — e isto para bem das suas almas — que, quando quizerem ter uma doença, escolham de preferencia aquellas que conduzem rapidamente ao estado comatoso. E aos novos direi que ha paixões amorosas que conduzem de prompto á imbecilidade perfeita, ou, como alternativa, ao matrimonio, que é o estado comatoso da paixão.

Ha côres que excitam a Ira. E' de todos sabido que a côr vermelha provoca a furia dos conservadores e dos touros, embora estes animaes não sejam movidos por opiniões politicas. E' de uso agora em Portugal uma prodiga exhibição da bandeira nacional, e tenho encontrado pessoas de fortes convicções que usam gravatas encarnadas, o que só é censuravel sob o ponto de vista da esthetica do vestuario. Eu me abstenho cuidadosamente de exprimir opiniões politicas, e sympathizo com o verde, que é uma côr calmante, aconselhada pelos ophtal-

mologistas. Mas a exaggerada exhibição, aliás louvavelmente patriotica, do encarnado, actuando em nervos mal dominados, faz-me sempre receiar que d'ahi resulte uma contra-revolução, ou uma tourada imprevista nas ruas de Lisboa quando desembarca o gado da Argentina.

Aconselhar paciencia contra a Ira é funcção do confessor. A boa educação é um processo lento e mais uma medida prophylactica que curativa. Mas ha um sedativo excellente — um bom charuto havano para os homens e um cigarro egypcio para as mulheres.

V — Gula

E' este um peccado de que resultam, além de grandes males espirituaes, dilatações do estomago e outras desordens moraes. E é tanto mais perigoso quanto é, talvez, de todos o mais subtil, dada a difficuldade de saber precisamente onde elle começa e onde acaba a necessidade organica da alimentação. Dos dois peccados sensuaes um é sempre peccado, excepto nos casos previstos pela Moral, consagrados pela Egreja e devidamente registados em repartições publicas, em que se tem em vista a existencia das gerações futuras. Ora, como a existencia das gerações futuras é das coisas que menos cuidado dão ás gerações presentes, os esforços que a humanidade faz para as garantir podem ser licitos e legaes, mas raras vezes deixam de ser peccaminosos. Pelo que se refere á Gula, porém, tirando certos preceitos de jejum ou mera abstinencia, que a Egreja impõe, e certas restricções legaes

quando o peccado toma a fórma liquida, ou impostas pelas difficuldades da guerra mundial, só o criterio individual e a consciencia do peccador podem traçar a linha que separa o peccado da necessidade organica.

Um pessimo cozinheiro é uma grande acquisição sob o ponto de vista hygienico, como sob o ponto de vista moral. Quando a comida é má, a gente em geral só come o que necessita e não se entrega a excessos prejudiciaes, que podem levar o peccador ao inferno, e á sua contra-parte temporal — a dyspepsia. Semelhante calamidade só póde ser remediada, n'este mundo como no outro, por grandes dóses de purgatorio.

O cozinheiro e a modista são dois agentes directos e traiçoeiros do Inimigo, pois com molhos e vestidos disfarçam a carne e a tornam mais appetecivel. E o cozinheiro tem isto de peior que a modista, que os molhos tambem se engolem de envolta com a parte mais substancial da iguaria. O que digo da carne digo do peixe. Um bom peixe não perde nada com um bom molho, embora não seja peior com uma simples «sauce maître d'hotel».

Na Gula, como em quási todos os peccados, ha o peccado elegante e o peccado animal, sendo que o primeiro tem a aggravante de não ser repugnante, antes pelo contrario ser attractivo e gracioso, ao passo que o segundo só póde tentar naturezas de suinos, que são mais vulgares do que se julga na especie humana. Ha uma maior differença do que parece entre um accento circumflexo e um accento agudo. A mesma coisa, com diversos accentos, póde ser uma côrte ou uma córte. Tudo está n'isso.

A Gula elegante refere-se mais á qualidade,

não só dos peccadores, mas do objecto do peccado. A Gula animal, pelo contrario, refere-se á quantidade tanto de uma coisa como de outra.

Segundo a Moral, os sentidos só devem ser destinados a discriminar o que convem ou não á saude e á virtude. A vista é nobre e util sentido, e d'ella direi que «vere dignum et justùm est», ver e admirar o que é bello, contanto que d'essa vista e concomitante admiração não nasça a cobiça das coisas alheias, nem da mulher do proximo. Com o sentido do tacto são precisas maiores reservas. O ouvido deve ser usado para escutar palavras meritorias e nunca applicado ás portas. Tambem não foi destinado pela mão divina á audição de discursos politicos, e só se póde sujeitar ao tratamento dos discursos academicos, por serem estes menos nocivos que o sulphonal e de effeito igualmente rapido. O olfacto indica de onde veem emanações deleterias que se devem evitar, e tem sido muita vez o cão de guarda da virtude. Foi sabendo isto que o Inimigo, em peccaminosa intimidade com a chimica, gerou o Guerlain e o Houbigant. O gosto tambem tem por fim repellir materias putrefactas, prejudiciaes á saude, mas o Tentador perverteu-o e depravou-o a ponto que nós apreciamos certa caça, quando está «faisandée», gostamos de arenque fumado e, quando somos allemães ou germanophilos, temos uma predilecção especial pela odiosa «Sauerkraut». E' assim que a creatura desvirtuou a obra do Creador.

A embriaguez é o mais repugnante resultado da Gula, e contra ella tanto têm prégado os moralistas, que d'ella deveriam os casuistas fazer um peccado á parte, um peccado autonomo, cuja virtude contraria seriam as aguas mineraes. E tão

notavel é, que a Historia Santa registra o caso de dois patriarchas que se embriagaram — Noé e Loth. Mas Noé tinha a attenuante de estar farto de agua quando encalhou no monte Ararat, e Loth não tinha culpa de ser chefe de uma familia tão pouco respeitavel, embora não fôsse evidentemente por culpa das meninas, suas filhas, que ardeu Sodoma.

Bismarck, que tinha em alto gráo o quinto peccado capital, pretendia que a causa da pesadez do espirito germanico, em opposição á leveza do espirito gaulez, provinha de os allemães beberem cerveja e os francezes beberem vinhos ligeiros, por isso annexou o Rheno e o Mosel. E não ha duvida que o povo russo perdeu o seu mysticismo com a proibição da vodka.

Com tudo isto não hesito em affirmar que o peccado da Gula é muito mais capital no estado liquido que no estado solido. Da excessiva absorpção de fluidos resultam rixas e assassinatos, ao passo que não consta que a comida produzisse outras mortes que não fôssem as dos comilões, nem attentados de que fôssem victimas senão animaes comestiveis. Esta regra, porém, não é absoluta, pois n'esta categoria são incluidos os missionarios nas ilhas Fidji, o que, sendo muito desagradavel para os missionarios, não póde ser naturalmente agradavel para aquelles ilhéos. E' de certo um gosto adquirido.

Ha uma relação intima, que só posso explicar pela interdependencia dos peccados, entre o terceiro e quinto peccados capitaes. A ceia é considerada uma refeição peccaminosa, e a virtude, propriamente dita, só é compativel com o almoço. Nas cidades immoraes, como Paris ou Vienna, os melhores restaurantes têm gabinetes

particulares, onde é permittido ceiar em *tête-a-tête,* comendo lagostins e bebendo champagne, diversões intrinsecamente innocentes, que só a maldade humana póde cercar de accessorios censuraveis.

Todavia, nas cidades virtuosas da Inglaterra e dos Estados Unidos, a não ser em algum restaurante francez, onde a cozinha é sempre melhor que os principios, não se servem menos de tres pessoas n'um gabinete reservado. De maneira que só lá póde ceiar o sultão, com a sultana e o grande eunucho. A virtude só se encontra nos paizes anglo-saxonios. Mas, em todo o caso, afigura-se-me este arranjo, não sei porquê, defeituoso. Mera questão de palpite.

O champagne é considerado um vinho immoral, o que não succede ao vinho tinto, conhecido nos restaurantes do Boulevard por «petit Bordeaux», e nos modestos Bouillons Duval por «vin ordinaire». Mas, nem este vinho é Bordéos, nem os «Bouillons» são caldos e o Duval já morreu — de sorte que esta moralidade, como muitas outras, tem o defeito de não ser sincera. A unica razão por que o champagne é immoral é o ser caro.

A virtude só existe, realmente, nas classes médias, por virtude da extrema carestia do peccado, por mais economicamente que elle se queira commetter. E a tal ponto assim é, que poderia haver uma só virtude contraria a todos os peccados capitaes — a qual seria a Avareza, se ella propria não fôsse o segundo d'estes peccados.

Apesar da sua má reputação, o champagne, além do seu elevado preço, que garante a moderação do seu consumo, é menos capitoso que o Bordéos, para não fallar do Borgonha e dos

honestos vinhos portuguezes. A sua graduação alcoolica, comparada com a dos outros liquidos engarrafados, só é superior á da soda-water. Mas a sua espuma dá-lhe uma apparencia de frivolidade, que o torna suspeito ás pessoas respeitaveis. E a sua posição social fal-o odioso, n'estes felizes tempos de democracia, ás massas triumphantes.

Eu não considero os vegetarianos, pelo facto de o serem, isentos do peccado da Gula, pois ha outros animaes herbivoros que são gulosos. Têm, porém, sobre S. João Baptista, o Percursor, a superioridade moral de não comerem gafanhotos. Ora, já não é pouco ter uma superioridade moral sobre o santo propheta que clamava no deserto e baptizava no Jordão. Este gosto, que o santo manifestou, de clamar no deserto, onde era uma especie de imprensa da opposição, prova que elle tinha boas maneiras e tacto, pois assim não incommodava ninguem. Mostra muito mais consideração pelos vizinhos clamar n'um deserto que tocar escalas no piano no 2.º andar de um predio em que ha outros moradores. A unica coisa que me perturba na doutrina dos vegetarianos é que, para elles, o leite e os ovos são vegetaes, e o chá e o café são animaes. Nas ilhas Fidji e em alguns pontos de Africa os vegetarianos do paiz chegam a considerar legumes os missionarios escocezes. Mas estes povos têm idéas imperfeitas ou erroneas de historia natural.

A malicia do Inimigo da alma teve a mais subtil das suas manifestações ensinando ás religiosas as receitas de fazer doces. D'esta maneira e por largos annos, aquelles que não succumbiam a nenhum peccado capital perdiam-se por toda a

eternidade pela marmelada do convento de Odivelas, ou pelos pasteis folhados das freiras de Santa Clara.

Não se contentou, porém, o Diabo com empregar as religiosas inconscientes na sua obra malfazeja, e ensinou a certos cartuxos e a certos benedictinos a arte de fazer licores, a que attribuiu propriedades estomacaes—como, antes d'isso, sob a fórma diabolica do acaso, tinha revelado a um monge as propriedades fermentativas de certos vinhos ligeiros dos arredores de Rheims e de Epernay.

Já lá vae o tempo do brutal Vitellius, que no meio de um banquete esvasiava artificialmente o estomago para o encher de novo, e as descripções dos festins medievaes infundem pavor n'aquelles que nunca jantaram na provincia, em Portugal ou na Belgica. Mas, se acabou geralmente o peccado da superabundancia, augmentou o do requinte. Ora, nos peccados capitaes, o requinte é mais condemnavel que o excesso, por ser mais consciente, mais humano e mais tentador. Isto prova apenas que o Inimigo se tem educado, progredindo nas suas manhas e adaptando-se á evolução social. Mas creiam que ha mais peccado n'uma garfada de «homard, sauce verte» com um copo de champagne, que n'uma pratada de caldeirada acompanhada com verdasco.

VI—Inveja

Todos conhecem a historia do mandarim. E quando se pergunta a uma pessoa, no caso de saber que levantando um dedo morreria lá no

interior da China um mandarim por ella nunca visto, nem conhecido, riquissimo, que lhe deixaria milhões, se levantaria o dedo, em geral essa pessoa responde indignada que não, porque sabe que tal mandarim não existe. As poucas pessoas que dizem imprudentemente que sim tambem têm a certeza que, embora tal mandarim existisse, não lhes deixaria sequer o rabicho, nem de certo morreria por ellas levantarem os vinte dedos, dos pés e das mãos, quanto mais um. Succede, porém, que, se o caso sahisse do dominio da hypothese — aliás tão provavel como qualquer hypothese scientifica — contra a pessoa que levantasse o dedo e tivesse tirado o legitimo proveito d'esse gesto frequentemente praticado pelas pessoas piedosas, erguer-se-iam as iras virtuosas e as mãos fechadas de todos aquelles que, por escrupulo, ou mais provavelmente por descrença, o não tivessem feito. O herdeiro do mandarim seria apontado á indignação geral como assassino. O assassinio, porém, consistiria, não na morte do mandarim, mas no seu testamento. E a indignação das gentes condemnando o dedo homicida não proviria da consciencia offendida, mas unicamente da Inveja — talvez inconsciente, como são em geral os Peccados Capitaes.

Effectivamente uma das coisas que deve dar trabalho aos confessores é a insufficiencia das confissões. E' uma insufficiencia involuntaria, porque na introspecção o angulo de refracção é exaggerado e errático. Ha pessoas piedosas a quem não falta um só peccado capital, e que lhes chamam: Dignidade, Prudencia, Coração, Justa Indignação, Confiança na Divina Providencia. Da Gula não se falla, pois é considerado o

peccado das pessoas virtuosas, o unico que ninguem tem vergonha de confessar, sobretudo quando se revela na absorpção de solidos; pois, quando a absorpção é de liquidos, e exaggerada, o facto é tão evidente que a confissão é uma superfluidade.

Não ha duvida que as pessoas que o acaso do nascimento, ou o acaso ainda mais fortuito das eleições, collocou n'uma situação elevada são sempre altamente peccaminosas. Os reis são sempre abysmos de vicios, os fidalgos pouco menos. E se d'elles são isentos os presidentes das Republicas é porque todo o imbecil imagina que póde chegar a essa posição eminente — o que é evidentemente um erro, pois os imbecis são muitos e o presidente é um só. Mas esta illusão em que vive o corpo eleitoral faz com que na alma collectiva e individual aquelle alto funccionario não acorde a Inveja que desperta aquelle que nasceu n'um throno, metaphoricamente fallando, ou na purpura, como tambem se costuma dizer. De facto os reis, em geral, nascem normalmente n'uma cama, e usam, como qualquer subdito, fraldas e cueiros, em que praticam actos improprios da dignidade real; o que prova em tão augustas personagens sentimentos e inclinações louvavelmente democraticas, como é proprio dos tempos esclarecidos em que temos a fortuna de viver.

A nobreza tem perdido muito da aureola do Peccado, porque se tornou uma especie de papel moeda, com um valor facial que não corresponde ao seu poder mercantil. Em compensação, os vicios tem-se concentrado nas almas dos millionarios, segundo a voz publica, n'este ponto justificada pelas palavras do Evangelho que se

referem ao rico, ao camello e á porta da Agulha, em Damasco, vulgar e inconvenientemente traduzida por «o fundo de uma agulha». E' que hoje em dia os titulos de nobreza estão mais ao alcance de todos que os titulos da divida publica. Talvez um dia me occupe d'este assumpto.

Os ministros tambem são em geral pessoas malfazejas aos olhos d'aquelles que o querem ser, as mulheres bonitas ou elegantes aos olhos das que o não são, e os homens fortes no espirito dos infezados. Assim é que a consciencia da inferioridade propria póde produzir uma Virtude Contraria, como a Humildade, ou um Peccado Capital, como a Inveja. Como ha reacções chimicas ha reacções psychicas, e o mesmo reagente actuando sobre espiritos diversos produz precipitados differentes.

Ha sentimentos complexos. O ciume, por exemplo, que se considera em geral um Peccado Venial resultante de um excesso de affeição, é de facto o producto de todos os Peccados Capitaes, á excepção da Gula e da Preguiça. E no entanto toda a gente condoe, chegando a ser pela jurisprudencia humana uma circumstancia attenuante, em casos de homicidio, esse precipitado moral em que entram como ingredientes nada menos que cinco Peccados Capitaes.

Acredito, como toda a gente, no melhoramento progressivo da Humanidade. Mas não posso deixar de notar que todos os progressos economicos e politicos são devidos aos Peccados Capitaes. A unica explicação que encontro para este facto é o velho dictado que «Deus escreve direito por linhas tortas». E' mesmo o unico pormenor em que um ebrio que caminha para casa se parece com a Divina Providencia. Assim,

a primeira coisa a fazer, quando se quer civilizar selvagens, é modificar-lhes a gula, quando ella tem a fórma, naturalmente mais repugnante ao homem que aos outros animaes, de cannibalismo; e logo a seguir crear n'elle todas as necessidades, que elle ainda não sentiu, provenientes dos Sete Peccados Capitaes. Finalmente — e esse é o ultimo retoque da civilização — são convencidos a abandonar, nas suas contendas, a arma branca pela carabina de tiro rapido com polvora sem fumo, que é incomparavelmente mais aceiada e hygienica.

Politicamente, se a Gula manifestada no amor ao carneiro com batatas e aos decilitros de vinho torreano — elementos essenciaes de uma eleição contestada — contribue para o desenvolvimento normal e pacifico das sociedades, é sempre a Inveja que produz as revoluções, que são os marcos miliarios no movimento ascencional da Humanidade. Quem se sente mal revolta-se, não tanto para se achar melhor, como para que se achem peior aquelles que se sentem relativamente bem.

Dos mais eloquentes appellos á Virtude nunca resultaram senão actos individuaes de uma sem-saboria desoladora — e isto mesmo quando estão com sorte. Quando, porém, se excitam as paixões mais truculentas da multidão resultam esses movimentos interessantes, e sem duvida no final beneficos, que estamos contemplando na Russia. Varios pensadores têm dito que o movimento é a Vida. Nada, portanto, tem mais vida que os povos movimentados como, antes dos *soviets* e dos *bolsheviki,* as dansarinas do theatro Imperial de Petrogrado.

A Inveja desgrenhada e vesga do symbolismo

antigo é uma coisa obsoleta, como são obsoletos em todos os casos os cabellos desgrenhados e o estrabismo desde que se inventaram os pentes e as escovas e, sendo necessario, o *maçassar oil* e os cirurgiões oculistas. A Inveja ou é uma arma politica ou uma amenidade social, e dá azo a notaveis reformas ou a longas e interessantes conversas. E não se creia que nos meios pequenos ella floresce mais e melhor que nos grandes. Na realidade não existem meios grandes, porque, logo que elles attingem certas dimensões, se dividem pessoal e geographicamente em pequenos meios, cada um d'elles provinciano. A differença é que nas grandes cidades cada nucleo local ignora o que se passa e diz nos outros nucleos locaes, ao passo que nas pequenas cidades e villas toda a gente sabe o que toda a gente diz, sente e pensa, sendo que a ultima funcção é certamente a que se exerce com menor actividade.

Outra vantagem, que só um fanatico deixará de reconhecer á Inveja, é que, mais ainda que a Necessidade, é ella a mãe da Invenção. Para o pobre não ha rico que não tenha adquirido a sua fortuna por meios illicitos ou que não a gaste em actos immoraes. Para a feia não ha mulher bonita que não seja fragil ou pintada. Todo o sêr obeso considera esqueleto esfomeado quem pesar menos de cem kilos, á excepção do porco gordo, que, nas vesperas do Natal, tem uma grande inveja aos porcos magros. E, se o tolo ou a tola não têm inveja ao homem, ou á mulher intelligente, é porque o saber que é tolo já denotaria um certo grau de capacidade mental. Quando a pessoa que falhou na vida tem esgotado todas as calumnias contra o triumphador, attribue a sua victoria a essa coisa vaga que se

chama a Sorte, a qual, no fundo, é um complexo conjuncto de circumstancias em que entra em grande escala o elemento pessoal, que consiste sobretudo em prever, provocar ou aproveitar essas circumstancias. Assim á roleta e ao monte, que são jogos de puro azar, quem tem mais sorte é invariavelmente o banqueiro, e logo a seguir o mirone. Quem nunca tem sorte é o ponto. Quando rebola a bola da Vida ha sempre quem faça banca e nunca faltam os pontos. Esta palavra «ponto» é singularmente expressiva quando applicada ao que aposta em jogo de azar, pois começa por ser ponto de interrogação, passa a ser ponto de exclamação e acaba ponto final.

A inveja litteraria é muito conhecida, não porque seja mais intensa ou mais frequente que qualquer outra, mas por se manifestar em escriptos que veem a publico e não em discretas conversas, na sala ou no club, ou na botica da aldeia onde é o mais violento veneno que existe na pharmacopêa, symbolizado pela tradicional serpente enroscada n'um pau. Mas, se ha gente que escreve e tem inveja de quem sabe escrever melhor, toda ella tem inveja, aliás justificada, a quem não sabe ler nem escrever.

Distingue-se este Peccado Capital pelo facto singular de não dar o mênor prazer a quem o commette, e não posso imaginar de que tentações se serve o Inimigo para fazer cahir n'elle a Humanidade, a não ser que use processos negativos. Pois se a Virtude contraria é a Caridade, ou Amor do Proximo, não ha duvida que, por artes do Demonio, o Proximo é quási sempre odioso, não só intellectual e moralmente, mas a todos os cinco sentidos, muito especialmente a Vista e Olfacto. Quando succede o Proximo ser

amavel, lá está o vigilante Inimigo prompto para a eventualidade com outro Peccado Capital. E quando não offende o paladar, dá-se então o caso a que já me referi, que só se observa, para socego dos viajantes, em certas tribus incivilizadas cuja sociedade não é necessario frequentar.

Creio, pois, que é tornando desamavel o Proximo que o Inimigo tornou difficil a pratica da Caridade christã, enchendo o vacuo que de ahi resulta na alma humana com o peccado da Inveja. E' por isso que a Gratidão é a virtude propria de quem faz um favor e não de quem o recebe. Quando um homem vale a um amigo, emprestando-lhe dinheiro n'um momento de afflicção, quem nunca se esquece d'esse acto de amisade é o credor. O devedor muitas vezes.

N'este mundo não ha senão estar de cima ou estar de baixo. Ha dois Peccados Capitaes — a Soberba e a Avareza — que são proprios de quem está de cima; e outros dois — a Ira e a Inveja — que são mais frequentes em quem está debaixo. Não por differentes qualidades moraes, mas apenas como effeito da situação relativa. Os outros tres Peccados são communs a uns e a outros, se não na pratica, ou pelo menos na fórma, que dependem das posses individuaes, com toda a certeza na intenção. Quem está no meio e, portanto, abaixo de uns e acima de outros, tem os peccados todos. Mas são n'este caso mais atenuados os Peccados resultantes de estar debaixo, graças á virtude redemptora do snobbismo, pois seriam a consciencia e — o que é mais sério — a confissão, da inferioridade do peccador. A Humildade é, em casos raros, compativel com a Superioridade, sendo até muitas vezes uma fórma amavel de Soberba, mas nunca com a Mediocri-

dade. Quem é alto póde curvar-se graciosamente, mas quem é baixo põe-se sempre nos bicos dos pés.

O povo, na sua expressão pittoresca, define este Peccado com o proloquio «a gallinha da minha vizinha é mais gorda que a minha». Mas o que a ninguem occorre, quando reconhece este facto, é dar milho á gallinha propria em vez de fallar da alheia.

VII — **Preguiça**

Eu estive para exemplificar este peccado de modo claro e graphico, deixando duas columnas em branco sandwichadas entre o titulo do artigo e o nome do auctor. A Preguiça seria aquillo mesmo, e os leitores tirariam de alli as conclusões que o seu espirito, as suas tendencias e as disposições mais ou menos agitadamente virtuosas, ou mais ou menos indolentemente peccadoras, de suas almas lhes suggerissem. Mas n'estes tempos de rigorosissima censura receei que o publico, que tem a amabilidade de me ler, suppuzesse que eu escrevera um artigo germanophilo, generosamente pago pelo Kaiser, ou que tentara revelar ao inimigo, por traição ou por inepcia, segredos politicos ou militares que lhe fôssem uteis — como seria contar-lhe a veridica historia de um submarino allemão, que, no mar do Norte, foi pescado, seccado, vendido e comido por bacalhau da Noruega com batatas da Hollanda. Para evitar os vexames que de ahi me resultariam mudei de opinião, e, armado da Virtude Contraria, que é a Diligencia, deitei mãos á obra.

E' um facto conhecido, e tão inexplicado como a suggestão hypnotica ou as almas do outro mundo, que em se fallando em bocejos toda a gente boceja. Assim, o fallar da Preguiça dá vontade de uma pessoa se deitar ao comprido e não commetter outro peccado. Porque a Preguiça, sendo um Peccado Capital, origem, portanto, de outros peccados que por antithese chamarei provincianos, só póde produzir peccados de ommissão, pois é obvio que os peccados de ommissão exigem sempre o exercicio da Diligencia, embora mal encaminhada.

Se eu quizesse alargar o plano d'estes ligeiros estudos, que emprehendi para santificação das almas dos meus contemporaneos, provaria com factos incontroversos que ha uma relação intima, que eu supponho ser de causa e effeito, entre as latitudes e os Peccados Capitaes. Ninguem póde negar que os povos septentrionaes são mais aristocraticos e gananciosos, o que indica que a Soberba e a Avareza se dão bem com o frio. Em compensação, os povos do sul são mais revolucionarios, o que indica um superior desenvolvimento da Inveja e da Ira. A Gula é propria dos climas do norte, ao passo que o calor é propicio ao terceiro Peccado Capital. A Preguiça é um peccado negativo, que floresce admiravelmente nos tropicos.

Já um medico materialista me quiz explicar este facto pela anemia produzida pelo calor e pelo paludismo frequente nas regiões tropicaes. Mas tal explicação é contraria ao principio da adaptação ao meio, e não justifica o facto que a energia que falta para o trabalho se mostre superabundante em actos de creação e de destruição. O meu espirito satisfaz-se melhor com a

doutrina de uma distribuição geographica, adequada e providencial, dos Peccados Capitaes, como ha uma distribuição geographica dos animaes e das cryptogamicas.

E' facil confundir a Preguiça com a serenidade, e o espalhafato com a Diligencia. Ha pessoas que passam a vida a fazer coisas e quando chega a hora da morte não têm feito nada, ao passo que outras, sem barulho e sem se dar por ellas, produzem coisas extraordinarias. O pae do Principe de Bismarck — é o filho quem o conta nas suas Memorias — tinha a mania de caçar veados nas suas propriedades, onde os não havia, e sahia para essas expedições venatorias com grande algazarra de cães e de guarda-caças, dava muitos tiros e, é claro, só matava algum coelho, porque, como diz a celebre receita culinaria, para fazer um civet de lebre é preciso, antes de tudo — um gato. Ora este homem, que com todo este espalhafato, não matava coisa que se visse, era o mesmo que, sem ninguem dar por isso, a não ser talvez outra pessoa, fez, nem mais nem menos, que o Principe de Bismarck.

Póde-se ser humilde, generoso, casto, pacifico e frugal, unicamente por Preguiça. Mas essas virtudes assim exercidas não valem, porque pertencem ás classes inactivas. Para serem meritorias têm de ser productos da actividade espiritual.

Se o trabalho foi imposto ao homem como castigo por a primeira mulher ter andado a apanhar fructa fóra de tempo — o que prova que desde a creação do mundo é sempre o homem quem paga os desatinos da mulher — é nossa primeira obrigação cumprir a pena e expiar assim o Peccado Original. Quem não souber fazer nada mais util, tem obrigação estricta de jo-

gar o bilhar, que é trabalho pesado, mas saudavel. E melhor é andarem as bolas, que os homens, á pancada uma ás outras. Além de que, se, de andar uma bola a correr atraz de outra, sahe, ás vezes, uma carambola, de andar um homem atraz de uma mulher, não é raro sahir um carambolim. Não sei se o termo é classico, mas é expressivo.

A Preguiça é certamente um peccado adquirido, e provém da rebeldia natural da Humanidade, que objecta a tudo que seja obrigatorio. A energia das creanças dá que fazer ás amas, aos paes e ás governantes. Manifesta-se em berros desde a primeira infancia e depois em pinotes e tropelias. E' de notar a energia dos pulmões infantis, mesmo aquelles que, mais tarde, dão em tuberculosos. Mas essa actividade immanente desfallece desde que a creança tenha deveres a cumprir, e o senso commum, ainda não obliterado pelos contactos perniciosos da existencia, se oppõe ao estudo da grammatica. A Preguiça, que nasce do estudo, vae-se desenvolvendo «pari passu» com a sabedoria, até inutilizar o ser humano para a vida activa. Se tem dado tão bons resultados para o desenvolvimento e expansão da raça o notavel systema inglez de educação, é porque consiste em não ensinar nada. Os jogos de campo — *cricket*, *foot-ball* e *hockey* desenvolvem, em vez de as atrophiar, as energias primitivas. E' raro haver Preguiça absoluta. A inacção provém geralmente de uma pessoa não querer fazer o que tem que fazer, e não poder fazer o que quer. E' raro alguem que não queira fazer alguma coisa e n'essa coisa, se lhe fôsse permittida, revelaria prodigios de diligencia. Quando mais não seja, ha sempre quem queira fallar e quem queira escutar. Mas succede frequente-

mente que quem gosta de escutar tem que fallar, e quem gosta de fallar não tem absolutamente nada a dizer que valha o uso dos pulmões e da larynge.

O que se dá com o homem dá-se com os animaes. O cavallo é eminentemente activo por natureza. Trota e galopa por gosto. Mas quando se acha contaminado pelos vicios da Humanidade e o atrelam a uma carroça, pega-se nas subidas. O homem tambem se pega nas subidas.

Embora a egua não seja mais diligente que o cavallo, a mulher é em geral mais diligente que o homem, e isso provém de ella empregar a sua actividade nos trabalhos que lhe dão prazer — como entrevistas com a modista, bazares de caridade, fazer o chá para os seus amigos de todos os sexos, bordados, aquarelas que só dão prazer a quem as faz, e mil outros esforços de grande utilidade.

Ha noções erradas sobre a utilidade das coisas. Tudo aquillo que tem as creanças quietas e as mulheres entretidas são coisas de utilidade publica, para lhes não chamar objectos de primeira necessidade. O grande defeito do voto eleitoral das mulheres é que, desde que ellas sejam eleitoras, nunca mais votam, ao passo que as suas reivindicações politicas trazem-as relativamente quietas e entretidas a quebrar vidraças e a brigar com a policia.

Sem fazer o elogio da Preguiça, direi que desconfio muito da energia visivel, que indica sobretudo má educação, quer se manifeste na pressa, no gesto, na voz ou nas sobrancelhas. Tambem havia bigodes energicos, mas felizmente desappareceram desde que uma recente moda os eliminou ou, pelo menos, reduziu a sobrancelhas

do rez-do-chão. Dos outros Peccados Capitaes é menos mau tel-os que parecel-os. E' de um tom deploravel mostrar Orgulho ou Avareza. A Ira manifesta é má creação. Quem revela o peccado da Gula é glutão e comilão. Ha outro peccado que mostra o homem lamecha, o que é ridiculo e odioso. Pelo contrario, a indolencia, fórma visivel da Preguiça, é indicio de boas maneiras. E' de pessimo gosto fazer ás cinco horas da manhã o que se póde fazer ás cinco horas da tarde; e mostrar a respeitavel virtude da Diligencia, aliás digna de louvor como todas as virtudes, é tão inesthetico como um homem trazer brilhantes, que, no entanto, são coisas de quási tanto valor como a Virtude, no peitilho da camisa ou nos dedos das mãos. Dos dedos dos pés cada um póde fazer o que quizer.

Não ha pessoas ociosas. Dormir é fazer alguma coisa. Fumar, bordar, contar as taboas do tecto, fazer sarilho com os pollegares, espreitar a vizinhança e dizer mal do proximo, tudo isso é fazer coisas, embora se não possa dizer que sejam tudo applicações louvaveis da actividade individual. A Diligencia consiste em cada um fazer o que tem que fazer e não o que têm que fazer os outros. E', para condensar a phrase, cumprir a obrigação propria. Ora, ha no homem uma natural propensão a se occupar da obrigação alheia, sobretudo pela fórma benevola e irritante de conselhos. E' a Preguiça que leva muita gente a metter-se na vida alheia. A falta de tacto faz o resto.

Quem, porém, tiver a verdadeira Preguiça, a que leva a gente a não fazer a sua obrigação nem a dos outros, fique-se com uma consolação e uma attenuante, quando chegar o Dia de Jui-

zo, em que as suas almas terão a maçada de andar á procura dos seus corpos. E' que quem não faz nada tem nove probabilidades em dez de não fazer asneiras.

E, para concluir, direi que n'esta vida comezinha de todos os dias, para quem não fôr theologo, nem moralista, ha uma coisa que substitue as Virtudes Contrarias melhor do que a *orfèvrerie* christofle substitue a prata—são as boas maneiras. Agora, no Outro Mundo, já é outro par de mangas.

DE SENECTUDINE

Eu não tenho a absoluta certeza de que a velhice seja uma coisa tão veneranda como os velhos querem fazer acreditar, visto que ella não indica merecimentos especiaes de quem a goza ou de quem a soffre, e não tem em si propria encantos particularmente attrahentes. No emtanto, o respeito pelas cãs é um logar commum dos moralistas baratos, embora essas cãs muitas vezes sejam as do chinó.

Ao fallar da velhice, eu devo restringir-me exclusivamente ao sexo masculino, pois as mulheres em geral nunca envelhecem. Deterioram-se. E n'esse estado de deterioração tornam-se sorvadas, ou seccas, ou azedas, ou rançosas. Depende isso de serem de sua natureza pecegos ou figos, vinhos mais ou menos carrascões ou capitosos, ou unctuosa manteiga, azeite doce ou gordo toucinho. Porque ha de tudo. E tambem ha gourmets que apreciam a fructa ligeiramente tocada e o figo passado, embora exceda os limites conhecidos da aberração do gosto a estima pelo vinho azedo ou pelas gorduras com ranço.

As mulheres que envelhecem são uma excepção, e, são em geral aquellas que viveram uma intensa vida espiritual e sentimental, e adormecem na vaga e doce recordação do passado, perfume de folhas mortas d'uma flor cuidadosamente guardada no fundo d'uma gaveta. São as raras boas velhinhas que uma vez por outra se nos deparam indulgentes e sorridentes, doces como um crepusculo. Onde ellas se encontram quási sempre é nos romances.

Voltemos aos varões, mesmo quando tenham deixado de o ser.

Tenho uma fé muito limitada na virtude humana que vae além das prescripções do codigo da honra e do codigo penal. Em compensação, tenho uma fé intensa nas fraquezas da Humanidade. Têm ellas produzido muita coisa boa. E bem faz Deus em escrever direito por linhas tortas, pois, se não tivesse essa divina habilidade, ou escrevia sempre torto, o que seria improprio do seu caracter, ou não escreveria de todo, o que seria uma inferioridade n'esta epocha de jornalismo intenso.

Ha, sem duvida, heroes e santos. Mas diz a boa doutrina que o justo pecca sete vezes ao dia, o que dá para cima de dois mil e quinhentos peccados por anno, perfazendo uma conta de cento e vinte e cinco mil peccados ao fim de cincoenta annos. E embora de ahi por diante diminua talvez o numero dos peccados por pensamentos, palavras e obras, pela debilitação natural do cerebro, dos pulmões, e de outros orgãos menos essenciaes á propria que a outras vidas, não é de crer que o justo possa diminuir consideravelmente o numero dos seus tropeções moraes. E ao que não é justo, uma reducção de

cincoenta por cento ainda lhe deixa muito panno para mangas.

A mocidade é geralmente abundante de idéas generosas. Não ha duvida que a Humanidade tambem tem envelhecido, e a mocidade hoje é mais velha, mais experiente e menos generosa do que era ha cincoenta ou cem annos. Nasce-se, hoje, com as noções com que se não nascia então, e uma creança de cinco annos tem idéas e conhecimentos que ha um seculo não tinha um homem de trinta. Provém isso, em parte, das alterações materiaes da vida, a que é uso chamar melhoramentos.

Esta idéa de melhoramentos materiaes é um preconceito resultante da vaidade humana, que suppõe, modificando o antigo dictado ácerca de Deus, que tudo quanto o homem faz é para melhor. Ora, na realidade, andar de automovel não é melhor que andar de coche, e o telephone não substitue com vantagem o moço de recados. O que um e outro fazem é encurtar o espaço e o tempo, como se elles por si fôssem demasiado longos. E como a terra e o mar lhe não bastassem, o homem invadiu o ar, que já lhe parece demasiado estreito, attendendo a que tenho registado varios accidentes devidos a abalroamentos de aeroplanos. De aqui a pouco lançar-nos-hemos affoitos para além da atmosphera, munidos de uma atmosphera artificial n'um cesto de viagem, como quem leva o farnel para a jornada, e iremos tranquillamente, passar de sabbado a segunda-feira, á ingleza, com um nosso amigo martiano. Em vez de ter uma casa de campo, por estar o campo a esse tempo socialistica e moscovitamente dividido pela população rural, os millionarios do futuro terão provavelmente

uma casa de planeta. Eu não phantasio. A viagem á Lua, sonhada por Cyrano de Bergerac e prevista por Julio Verne, cujas divagações scientificas, que fizeram o encanto da minha infancia, se tornaram na sua maior parte o pão quotidiano da minha edade viril, ha de vir a ser provavelmente um facto, com comboios expressos que descarrilam, á americana.

Mas não é do futuro que se trata, é do presente. A par d'este amontoado de factos ha um amontoado de idéas que a creança de hoje encontra diante de si e bebe com o leite. Por isso os rapazes são cada vez mais velhos. E, continuando assim, as creanças nascerão sem dentes, não porque lhes não hajam nascido, mas porque já lhes tenham cahido; e depois de bebido o primeiro biberon pedirão sabão e navalha para fazerem a barba e andarem no seu carrinho empurrado pela aia, rigorosamente escanhoados á moda. O que vale é que os rapazes de hoje tornam-se mais moços com a edade. Aos cincoenta annos, se Deus quizer, hão de ter buço.

A velhice é feita de peccados, mais ou menos capitaes, de transigencias e de infamias, e não ha ninguem que não tenha, no decorrer da vida, apertado muita mão em que aos dezoito ou vinte annos não pegaria com um trapo quente. Max Nordau escreveu um livro banal sobre as mentiras convencionaes, que se dizem todos os dias, a todos os momentos. Mas não escreveu sobre as mentiras não convencionaes que constituem a vida e que a tornam supportavel. Desde o demagogo que promette a felicidade ao povo, até ao janota que se perfuma porque dá menos trabalho que lavar-se, desde

o ministro que promette empregos até ao candidato que os não sabe exercer e só pensa na remuneração, desde o austero juiz que é muitas vezes um pandego até ao réo que póde ser uma excellente pessoa — tudo mente, pois tudo representa um papel n'esta semsabor comedia da vida. E assim o homem quanto mais tem vivido mais tem mentido, a tal ponto que quando morre muito velhinho não sabe a gente se morreu, se adormeceu.

Além de ser um amontoado de acções más, ou de acções indifferentes, ou de acções inuteis, a velhice é uma decadencia physica, intellectual e moral. Não insistirei sobre a decadencia physica, ou sobre a decadencia intellectual. Esta é, em parte, compensada pelo saber, se o homem é intelligente, se estudou, observou e apprendeu. A decadencia moral é o scepticismo filho da experiencia e das desillusões.

Até aqui tenho fallado do velho respeitavel. Mas ha duas classes de velhos egualmente comicos e odiosos — o velho lamecha e o velho libertino.

O velho lamecha, se acontece ser intelligente e sentimentalmente sincero, é uma tragi-comedia. No *Eudymion,* lord Beaconsfield põe na bocca de lord Roehampton, personagem em que querem ver o celebre lord Palmerston, estas palavras dolorosas: «Não ha nada mais tragico que ter um coração de rapaz n'um corpo de velho». O difficil, n'estes casos, não é ter um corpo de velho, é ter concomitantemente um coração de rapaz. Mas têm-se visto d'estes casos patheticos, a que geralmente se dá o lamentavel nome de paixão senil. O que os torna grotescos é o sentimento da desproporção, que é

sempre a base de todo o ridiculo. O *sense of humour* não é senão o sentimento vivo das desproporções. Por isso é ridiculo o esforço que o homem n'estas precarias circumstancias faz para esconder a velhice, esforço que está fóra de toda a proporção com o resultado obtido.

O velho libertino é outro par de mangas. Se o moço libertino é odioso, quando a velhice se junta ao vicio é um caso nojento. Não pretendo arvorar-me em moralista. Mas o vicio só tem por attenuante a graça e a elegancia, que o tornam attrahente, e de que a virtude em geral é singularmente desprovida. O vicio sordido é mil vezes mais repellente que a virtude mais aggressiva ou mais gorda. Ora o vicio senil é necessariamente sordido, sem brilho, sem alegria, sem a inconsciente despreoccupação da mocidade, quási sempre latente e hypocrita, quando não tem a desfaçatez propria dos velhos suinos, despido da phantasia redemptora, e por isso eu não sei de nada mais completamente desprezivel, nem mais perfeitamente grotesco.

Assim, o homem, quando chega á velhice, ou é o sepulchro caiado do Evangelho, ou é a velha barraca pinturilada, de tábuas desconjuntadas d'um theatro de feira.

Ha, porém, na velhice, uma coisa attendivel e até certo ponto respeitavel. E' a experiencia. Se um velho dictado diz que o Diabo sabe muito porque é velho, é provavel que o velho por sua vez saiba muito em virtude das suas longas, e mais ou menos intimas, relações com o Diabo. Não ha duvida, porém, que a vida é uma accumulação de experiencias, as quaes produzem conjuntamente com a schlerose das arterias, a schlerose da alma e do sentimento,

dão ao velho uma respeitavel somma de sabedoria pratica, que aliás não aproveita aos outros, nem muita vez a elle proprio. E' um facto melancholico e obvio que nunca ninguem apprendeu a vida com a experiencia alheia. Nós fizemos as tolices que fizeram nossos paes com o mesmo zelo com que as fariamos se fôssem absolutamente ineditas, e depois de nós hão de fazel-as com a mesma perfeição os nossos filhos e depois d'elles os nossos netos. Nós mesmos somos capazes de as tornar a fazer, no que não teremos outra desculpa que não seja a tenacidade da estupidez humana. Ha homens que até ao fim da vida conservam a boa fé ao ponto de só não acreditarem em S. Paulo e nos Evangelistas. Esta disposição, que em geral dá maus resultados, é aggravada pela convicção que têm de que, tendo atravessado muitas illusões e as respectivas desillusões, já ninguem os engana. N'este caso, succede quási sempre que vão depositar a sua velha confiança em quem menos a merece, nos que têm a cuidadosa prudencia da insinceridade, desconfiando dos sinceros, abertamente imprudentes. E, como o ultimo amor da vida é sempre o amor proprio, affeiçoam-se e crêem em quem lhes satisfaz esse sentimento humano e insaciavel, por ser o unico amor para o qual não são precisas energias de especie alguma.

Ha, porém, na velhice, um elemento respeitavel, que é o soffrimento. Não o soffrimento presente, os achaques e a impotencia, mas os soffrimentos inherentes a uma longa vida de homem, reaes ou imaginarios, é-me indifferente, sobretudo se elle teve a dignidade de os soffrer calado. Deus me livre do homem que chora e

da mulher que berra, e de quem me descreve as suas doenças e me mostra as suas mazelas! Não é só uma questão de maneiras, é, sobretudo, uma questão de pudor. E' mais impudico mostrar enfermidades e aleijões que revelar a esplendida nudez de um corpo são. E mais impudico ainda é mostrar as enfermidades da alma e gemer sobre as dores moraes, pois, se ha uma coisa mais sagrada que o corpo e cuja integridade seja mais preciosa, essa coisa é a alma. E se me disserem que a alma não existe, então o corpo humano não vale por si mais que o corpo de bombeiros voluntarios d'uma aldeia onde não ha agua encanada.

O que ha de respeitavel, n'um velho, não são os seus innumeros peccados, nem as suas baixas transigencias, nem as suas mentiras não descobertas, nem as concupiscencias apagadas, nem a experiencia inutil. São as dores de uma vida inteira, que só elle conhece, são as altas ambições insatisfeitas, os ideaes irrealizados, o que partiu demasiado cedo e o que chegou demasiado tarde, as bellas searas de illusões e de esperanças que um dia de geada crestou e destruiu, o acordar de muitos sonhos.

E ha tambem uma coisa lamentavel, que os philosophos acham ser a paz e a felicidade para os outros. E' que, quando a gente vê um velho, de aspecto venerando ou comico, encostado a uma bengala, andando a custo e lentamente para não entrevecer de todo, no campo ou na cidade, não repara em que elle, nas suas pernas tremulas e frouxas, vae na verdade caminhando rapidamente — para a Morte.

DA RAZÃO

Toda a gente que sabe historia, e quási toda a que não sabe, conhece o facto de ter a França promulgado um dia o culto da Deusa Razão. E quem conhece este facto notavel não ignora que esse culto foi estabelecido no momento em que a França praticava as mais desvairadas loucuras da Revolução do seculo XVIII, e cessou quando ella recuperou o juizo. Este acontecimento não tem nada de notavel ou contraditorio, por isso que a razão e o juizo são duas coisas inteiramente differentes e eventualmente antinomicas. Ha pessoas extremamente racionaes que são doidas varridas, e outras, perfeitamente sensatas, são absolutamente incapazes de raciocinar.

Se a razão é a faculdade de concatenar as causas e os effeitos — e n'essa concatenação consiste o raciocinio — para que ella leve a resultados certos é preciso que as premissas sejam verdadeiras. Ora, como isso raras vezes succede, o que acontece é que, quanto mais preciso fôr o raciocinio mais as consequencias se affastam da verdade.

A Geometria, sciencia absolutamente logica, baseada na Razão pura, funda-se n'um postulado indemonstravel que nem sequer tem a evidencia intrinseca dos axiomas.

Quando eu quiz penetrar um dia nos meandros d'um livro de Riemann sobre a Geometria a *n* dimensões, obra dictada pela Razão pura, que não se baseia em idéas preconcebidas taes como o postulado de Euclides, quem ia perdendo a razão, mais ou menos pura, não vem para o caso, era eu.

Dirão que eu a esse tempo estava destreinado dos esforços violentos do calculo. Mas conheci um sabio professor, mathematico profissional, que, não tendo tido, como eu, a energia moral de desistir emquanto era tempo, endoideceu no estudo das formulas de Euler. Como os meus leitores serão, na maior parte, ignorantes de mathematica superior, direi de passagem que para chegar a estas formulas é preciso um calculo mais complicado que o que seria necessario para saber o preço do pão de aqui a seis mezes ou para avaliar a circumferencia da cintura da fallecida, e para muitos saudosa, Rainha Isabel de Hespanha. Este professor recuperou parcialmente o juizo não tanto que não ficasse até ao fim da vida com o habito vicioso de tocar violino.

A Razão é uma coisa incerta e limitada. Tomada assim como ella é, póde prestar eminentes serviços a quem a possue e d'ella faz uso. Mas a ambição e a vaidade humana querem fazer d'ella um instrumento de precisão, e de maior alcance do que a sua natureza comporta. Lembra-me que um estimavel philosopho que me deu lições de Metaphysica e depois casou rico me explicou, fundado nos dictames da Razão,

que Deus é um ser absolutamente justo, bom e amavel. Ora, a julgar pela sua obra n'este mundo, Deus seria, racionalmente fallando, eminentemente injusto, mau e desagradavel. Não discutirei a sua omnipotencia; mas quanto á sua omnisciencia—mais dois attributos, com que o meu illustre professor ornava a Divindade—basta fallar com qualquer lavrador para se ter a certeza de que Elle não sabe nada de agricultura. As chuvas e os calores, ambos necessarios á terra, veem sempre fóra de proposito. Esta incompatibilidade da doutrina com a realidade provém unicamente de a Razão julgar que não tem limites a sua esphera de acção e applicar portanto ao Incognoscivel as idéas correntes da moral burgueza. Só lhe faltou dizer que Deus é economico, sobrio e aceiado.

A Razão de outros professores leva-os a affirmar que Deus não existe, e o unico motivo que allegam para isso é que não sabem nada a seu respeito. Nunca o encontraram. Como se fôsse provavel que o Creador andasse em más companhias! N'este caso a Razão só tem argumentos negativos e não consegue pôr nada no logar d'Aquelle cuja existencia nega, a não ser palavras, como *forças,* cellulas primordiaes, e outras coisas que tambem nunca ninguem viu e que sobre a concepção da Divindade só têm a vantagem de não terem nenhuma especie de qualidades moraes.

E negando a Divindade, esses senhores combatem-a como se Ella existisse. E lembra-me que, fallando de Stendhal, theophobo como todos os atheus, o sceptico Merimée dizia: «Il haïssait Dieu comme un maître.» Parece-me um pouco com o odio violento que um homem doidamente

apaixonado tenha á mulher que deseja e não possue.

Por isso eu creio que só a Revelação nos póde dizer o que é Deus. E quem não acreditar na Revelação o melhor que tem a fazer é acolher-se ao prudente e modesto agnosticismo. Póde dizer-se sem perigo de errar que Jesus era perfeitamente bom, justo e amavel. Mas Jesus era Deus feito homem, e como tal as suas virtudes tinham de ser virtudes humanas. E se Elle nos dictou os preceitos, e deu o exemplo, da Moral christã, não resulta de ahi que a Divindade como tal esteja sujeita a esses preceitos. E seria loucura suppôr o contrario, quando a Vida é cheia de factos que á face da Moral são injustiças, crueldades, abominações e erros meteorologicos.

E' um engano dizer que os alienados são desprovidos de razão, quando a sua logica de ferro, como a dos Bolsheviki, os leva a conclusões que aos sensatos parecem perversas. De facto elles constituem um pequeno numero que pensa de modo differente das multidões. E estas, por serem a maioria, encerram-os em manicomios e põem-lhes ás vezes coletes de forças. Mas, a não ser o criterio d'essas maiorias, nada prova que não sejam elles os sensatos e nós, que andamos cá por fóra, os doidos.

De resto abusa-se muito d'este epitheto de doido, que egualmente se applica a rapazes que se divertem mais do que é agradavel aos paes, e a mulheres que levam a censuravel extremo a virtude de amar o proximo como a si mesmas e de fazer aos outros, *mutatis mutandis,* o que desejam que lhes façam a ellas—coisas decerto lamentaveis mas que não denotam alienação mental.

Lombroso approximou o genio da loucura. Tanto o homem de genio como o louco são individuos que não escrevem em papel pautado. Mais nada. E a Razão d'um louco raras vezes o leva a conclusões mais disparatadas que a Razão do philosopho e do sabio.

A Natureza é, para o criterio humano, uma coisa absolutamente illogica, não obstante as leis a que os sabios pretendem submettel-a. Essas leis de facto são meras generalizações e como taes estão muito bem. Mas uma vez estabelecidas pela observação de mil factos e variadas experiencias, a presumpção dos sabios pretende tornal-as imperativas e não admitte que a Natureza lhes desobedeça.

E se concedem que na ordem physica haja monstros, não admittem que na ordem physica, nem na ordem moral haja milagres. E quando se dá um facto illegal testemunhado por milhares de pessoas, em vez de reconsiderarem a lei violada, negam à priori o facto.

O facto physico que se não sujeita, como os factos ordeiros e bem comportados, ás leis naturaes, póde ser controlado, examinado, contestado. O facto moral, porém, legal ou illegal, está fóra da alçada da Razão, pelo simples motivo que a Razão e a Moral são incompativeis, além de que a Razão, e a sua filha a Sciencia, não póde atinar com as forças moraes; e no estudo dos phenomenos psychicos embica logo na transformação substancial e incomprehensivel da impressão em sensação e d'esta em idéa. Póde ella seguir a impressão, desde o objecto remoto ou proximo até á epiderme, e d'esta ao cerebro. Póde palpar, medir, pesar, analysar e identificar os meios conductores—o hypothetico ether, a

atmosphera, os nervos. Mas esbarra no cerebro. E não tem meio de explicar, nem com palavras vãs, como é que a massa encephalica, materia pura, transforma a impressão, que é um facto material, na sensação que é um phenomeno essencialmente diverso.

Que o som, o calor e a luz sejam produzidos por vibrações, é coisa que n'este momento se não contesta, d'um interesse mediocre. Que estes agentes physicos cheguem ao cerebro pelo ether ou pelo ar é um facto que não deve ralar ninguem. Que transmittidos pelo systema nervoso, dêem uma impressão material no cerebro, não póde espantar pessoa alguma. Mas ahi acaba a sciencia com a sua observação e as suas experiencias, e começa a Razão a divagar. A sensação e a idéa são coisas absolutamente diversas dos phenomenos materiaes.

A unica inferioridade do homem com relação aos outros animaes é ser elle um animal racional. Porque, em vez de viver, como os outros, a vida que Deus, ou a Natureza, lhe traçou, procura regras novas, em geral desprovidas de senso commum. Quer saber de onde veiu—o que é completamente indifferente—e para onde vae—o que não altera na minima coisa a estrada que tem a seguir. Não contente com isso, impõe aos outros animaes a força da sua razão, e obriga os mais proximos de si a vestir-se e a trabalhar, outros a trabalhar ou a converter-se em iguarias mais ou menos succulentas e apreciadas, outros a ser caçados para o divertirem. Pretendem os pretos do sertão africano que o macaco podia fallar se quizesse, e não o faz com receio que o homem o obrigue a trabalhar. Eu estou que o medo d'elle é de que o elejam deputado.

Em vez de limitar o emprego da Razão á vida pratica, o homem fez d'ella um aeroplano em que se arroja ás alturas da Metaphysica. Mas, como succede em todos os aeroplanos, a sua natureza humana não lhe permitte chegar ao extremo do azul, e o melhor aviador é o que consegue descer em «vol plané» ás planicies do senso commum.

Póde-se crer ou não crer na Revelação. Eu sou dos que crêem, e cada vez mais procuro ter a fé do carvoeiro. Não é decerto uma grande aspiração intellectual. Mas, entre a crença affirmativa d'este enfarruscado trabalhador e a philosophia negativa do sapateiro, prefiro aquella. Em todo o caso, como os annos tornam a gente ou nimiamente tolerante ou insupportavelmente rabujenta, um homem de natureza sociavel, para que o aturem, por mais crente e carvoeiro que seja, comprehende os espiritos que não crêem. O que é menos toleravel é a negação, ou affirmação, baseada no raciocinio. É mais difficil negar absolutamente, embora em qualquer dos casos seja difficil a certeza definitiva. Mas quando uma pessoa vê pouco, em minha opinião o melhor que tem a fazer, para atinar com o seu destino, é fechar os olhos e deixar-se guiar por quem lhe assegura que conhece o caminho. Foi assim que eu subi o Vesuvio a pé, levado por um guia n'uma noite escura. Se o quizesse fazer á luz do dia, soffrendo horrivelmente de vertigem, com certeza não tinha chegado lá acima, e provavelmente teria vindo parar cá abaixo, contra os meus desejos, as minhas intenções e a integridade dos meus ossos, obedecendo apenas á lei natural, que Sir Isaac Newton descobriu n'um dia de preguiça. Succede ás vezes, como n'este

caso do mathematico inglez, que para fazer coisas grandes o melhor é não fazer nada.

Esta historia do Newton descobrindo a gravitação universal porque emquanto preguiçava debaixo d'uma macieira, lhe cahiu uma maçã na cabeça, junta á do Paraizo Perdido, suggere-me a possibilidade de escrever uma obra substancial e erudita sobre a influencia das maçãs na historia da Humanidade. Viria depois a influencia do marmello, que, menos accentuada, é no emtanto consideravel.

O homem deveras estimavel é o que não se preoccupa com os problemas da Razão e os mysterios da Fé — que come, bebe, trabalha e dorme, faz negocios e gerações. Póde até ser philantropo — o melhor é depois de morto, em testamento porque lhe faz menos transtorno. E, no emtanto, no seu escriptorio vi um livro tendo na lombada o titulo «Livro da Razão». Na minha crassa ignorancia de coisas commerciaes sempre tive uma grande curiosidade de saber — e não ousei perguntar — o que esse livro continha. Mas, pelo titulo, desconfio que não ha nada lá dentro.

DA MEDIOCRIDADE

N'um paiz que eu conheço, onde com previdencia que outros não mostravam, e como precaução sanitaria, se entendeu que o melhor que havia a fazer ás linguas mortas era enterral-as, toda a gente sabe dizer «aurea mediocritas» com a mesma fluencia e correcção com que diz «Dominus vobiscum». Não vae geralmente mais longe que isso o conhecimento de Virgilio ou dos Santos Padres, a não ser nas pessoas com vehemente inclinação litteraria, que lêem Virgilio em francez, e nas pessoas eminentemente devotas que vão para a egreja dormir ao som d'um sermão, como em geral se prégam no referido paiz, em que ha uma ribombante sonoridade de oratoria pretenciosa e barata e uma completa ausencia de doutrina. Note-se bem que eu não quero dizer mal do clero portuguez, perfeitamente digno do respeito que eu lhe consagro, e apenas lamento que a sua educação, e ainda mais a educação do auditorio, produza o culto menos orthodoxo do palavriado resonante e banal, que basta para as discussões inuteis do Parlamento,

mas convinha que fôsse excluido do pulpito, que devia ser eschola de religião.

Parece-me que estou divagando por caminhos escabrosos. E, como é minha firme intenção não melindrar as almas d'este mundo, nem provocar as do outro, voltarei á estrada direita.

«Aurea mediocritas» é uma illusão de poeta. A mediocridade é sempre tanto de ouro como o padrão monetario em Portugal, onde aliás as notas do banco podiam ser ao menos de papel dourado para nos dar a sensação metallica. A mediocridade é sempre de prata, ás vezes de prata dourada, quási sempre de pechisbeque. E eu refiro-me não só á mediocridade das fortunas, mas a todas as mediocridades, incluindo n'ellas a intellectual e a moral. E o pechisbeque, que nos outros chama a attenção e provoca a censura de cada um, a que se dá o nome de vaidade ou snobbismo, é a unica feição redemptora que indica uma natural aspiração de sahir d'ella. A mediocridade satisfeita nunca produziu nada que se visse, nem esforços heroicos, nem gloriosas ruinas. Dá apenas a vida pacata dos pantanos onde medram sanguesugas e de onde se evolam mosquitos.

Nem todos podem ser superiores. Se o fôssem, a superioridade deixava de o ser e tornar-se-ia mediocridade, embora esta ficasse n'um nivel mais elevado. A Mediocridade é o que constitue a maioria, e isto basta para condemnar, sob o ponto de vista ethico, como sob o ponto de vista biologico, o principio das maiorias em politica. Apesar de Voltaire ter dito que «tout le monde» tem mais espirito que elle, «tout le monde» é um jumento de milhões de pés, e, de orelhas metade d'esse numero. O patriarcha de Ferney,

que de patriarcha só tinha a edade e a robe-de-chambre, começando por lhe faltar a geração, depois de ter adulado Frederico da Prussia, Catharina da Russia, e em França a amavel e peccadora marqueza de Pompadour, achou pouco a adulação individual, e quiz adular a multidão. Mas não creio na sua sinceridade, nem n'um caso nem no outro. «Tout le monde» é lamentavelmente destituido de espirito. O espirito foge da collectividade. Uma academia, geralmente composta de homens de espirito e intellectualmente superiores á Mediocridade, é sempre uma semsaboria, e não ha nada mais maçador que uma sessão academica, a não ser talvez um drama de Victor Hugo, a leitura dos classicos portuguezes ou uma festa de familia.

Entre a Mediocridade e a pobreza, parece-me esta preferivel por ser uma situação definida. Quem não tem que comer, ou trabalha se póde, ou pede esmola se lh'a dão, ou rouba se o deixam, ou morre á fome, que é um acto perfeitamente licito, ao alcance de todas as bolsas e a que ninguem se oppõe, a não ser no caso voluntario das suffragettes inglezas.

A mediocridade dos meios de fortuna, porém, tem obrigação de fazer tudo o que faz a riqueza, com a condição de fazer barato. O homem tem de andar aceiado e á moda, vestindo n'um algibebe. Não póde deixar de viajar, comtanto que seja na segunda classe. Se vae para um hotel em Lisboa é o Francfort e não o Avenida Palace. Em Paris, se lá chega com muito trabalho e economia, prefere invariavelmente uma «pension de famille» ao Ritz. Ainda transige com o Grand Hotel, e em Londres com o Metropole. Os Ritz é que são em toda a parte objecto da sua especial aversão.

A mulher então é um drama. As toilettes penosamente elaboradas têm de substituir a simplicidade horrivelmente cara do Redfern ou da Paquin. A's vezes superiormente intelligente e delicada, tem de fazer trabalhos servis para guardar as apparencias da sua mediocre situação social. Falta-lhe o tempo para cultivar o espirito porque tem de temperar a panella e vigiar uma cozinheira barata e notavelmente incapaz. Se é espiritualmente mediocre, anda de bigondis, robe chambre e chinelas até a hora de ir ver as montras das lojas na rua do Ouro.

A familia é uma tragedia. Os rapazes são cheios da mais nobre aspiração — não de fazerem alguma coisa util, mas de fazerem figura. Não sei de nenhum rapaz intelligente que aos vinte annos pensasse em fazer outra coisa que não fôsse divertir-se, funcção da maior utilidade n'esse periodo da vida, porque é extremamente difficil exercel-a n'outro. E no emtanto os seus divertimentos têm de ser mediocres, o que nos caracteres que não são de aço é uma occupação desmoralizadora. As raparigas procuram libertar-se da mediocridade domestica por meio do casamento, onde encontram outra mediocridade ainda mais domestica e uma virtuosa servidão. Na Mediocridade entende-se que a mulher é para viver em casa, como o gato, o homem para viver na rua, como o cão. E quando os dois se encontram em casa ou na rua, continuam representando os seus respectivos papeis, e são o cão e o gato.

No verão a familia vae para o campo, a meio caminho de Cintra, e para as praias, a meio caminho de Cascaes. Se isto se passa em Portugal, em toda a parte ha Cintras, Cascaes e meios

caminhos. Ora, este «meio caminho» resume todo o symbolismo da Mediocridade. A Mediocridade fica sempre a meio caminho, o que é uma coisa lamentavel em todos prazeres e em todos os esforços da vida.

E no emtanto a Mediocridade é a base em que assenta todo o edificio social. Se em litteratura só se empregassem os homens de genio, não haveria bastante que ler n'este tempo de alphabetismo universal e incompleto. E o pouco que houvesse não seria mais comprehendido pelos alphabetos que o lessem que pelos analphabetos que o não pudessem soletrar. Se derem feno a um jumento elle aprecia e zurra de contente. Mas se lhe derem uma «caille sur canapé» ou um «pâté de foie gras de Strasbourg» ou caviar fresco do Volga, elle ficará, diante d'esses acepipes, que os deuses inventaram para consolação da humanidade, mais indifferente que uma abobora diante d'um carneiro — porque entre o carneiro e a abobora sempre ha uma ligação illegitima e contra a natureza, embora posthuma como o Noivado do Sepulchro. Eu não quero melindrar ninguem comparando as duas especies asinina e humana, tão radicalmente differentes pelo numero dos pés que correspondem ao mesmo numero de cabeças. Apenas pretendo indicar que os appetites mentaes, como os appetites estomacaes, variam, conforme a categoria das mentalidades. Se o revisor escrever «mensalidades» tambem não se engana.

Entre a musica da «Santa Lucia» ou do «Funicoli Funicolá» e a musica do «Tannhäuser» ou as brilhantes dissonancias da «Electra», a Mediocridade prefere as primeiras. E isso constitue a sua felicidade unica, que é ter um ideal artis-

tico perfeitamente attingivel. O diacho é quando á Mediocridade da fortuna e da situação não corresponde a Mediocridade do pensamento, pois d'ahi resulta sempre disparate. Ou sahe um «raté» ou sahe um genio—duas coisas inuteis quando não nocivas á collectividade.

Um povo de genios seria uma coisa terrivel e perigosa; pois não haveria meio de o encerrar n'um hospital de doidos. E seria, além d'isso, tão immoral como era o Olympo, onde habitavam os Immortaes, que por signal morreram todos, victimas dos seus excessos.

A Mediocridade, sendo uma coisa melancholica, é o que os economistas chamam um objecto de primeira necessidade.

Não conheço livro mais tragico que «A Shabby Genteel Story», do Thackeray. Mas se não houvesse a Mediocridade não haveria amanuenses, e sem amanuenses, não existiria Portugal. Foi a suppressão dos amanuenses que fez alluir a Russia.

A Mediocridade espiritual, apparentemente a mais innocua, é de facto a mais pathetica e a mais corrosiva de todas. Se lhe dá para ser philosophica, sem ler um só philosopho, nem conhecer nem de nome a longa e dolorosa historia do pensamento humano, é simplesmente negativa, e produz triumphantemente argumentos capazes de convencer uma mula, e imagina ter dito a ultima palavra sobre o assumpto. A Mediocridade do seu pensamento só vê o vizinho do lado e o vizinho de fronte, e a Mediocridade da sua espiritualidade fica perfeitamente satisfeita, n'um contentamento que vae muito perto da imbecilidade.

Mas se lhe dá para ser religiosa, vae á missa

todos os domingos e confessa-se uma vez cada anno, como manda o cathecismo e como toma o seu café com leite pela manhã e o seu chá com torradas á noite. A sua espiritualidade é como uma garrafa de champagne aberta na vespera.

A espiritualidade é para o homem o que o acido carbonico é para o vinho — e aquelle que a não possue, só tem do melhor champagne a qualidade de ser bruto.

Ora, tanto a Mediocridade negativa como a Mediocridade religiosa conduzem ao scepticismo e ao cynismo, que só são digeriveis com um molho muito picante de espirito. Já uma vez um mediocre me ia matando com paradoxos da sua lavra, a que só pôz termo o meu absoluto e estolido silencio, que, se elle não desiste, poderia tornar-se eterno.

Passava-se isto á meia-noite emquanto tomava o fresco á beira-mar. Estive para atirar um de nós á agua — ou elle ou eu. Mas a maré estava baixa, e seria ajuntar um paradoxo aos do meu interlocutor noctivago.

A unica Mediocridade incondicionalmente plausivel é a Mediocridade sentimental, que produz affectos calmos e sedativos. E' como alcool desnaturado que não causa embriaguez e é muito util para aquecer a agua, e outros usos domesticos. O homem sentimentalmente mediocre considera a mulher um objecto de primeira necessidade — que ella certamente não é — e as suas paixões são precisamente aquellas que fazem luctar dois veados e brigar dois gallos. Na mulher a Mediocridade sentimental dá os sentimentos calmos e confortaveis d'uma vaquinha leiteira. Esta Mediocridade não se póde dizer que seja a mãe de todas as virtudes, mas é a de algumas.

Não é um leito de Procusta nem uma cama de «sommier»; mas é um colchão de sumaúma, bastante commodo para todos os fins a que um colchão é naturalmente destinado.

Como tudo mais, a Mediocridade tem dois aspectos inteiramente diversos, conforme é a nossa mediocridade ou a mediocridade dos outros.

A mediocridade dos outros é a base da sociedade, do senso commum, dos prazeres legitimos, das virtudes corriqueiras e das conquistas democraticas. Em nós, é o soldado que não chega a ser Napoleão, o estadista que não chega a ser Bismarck, o marinheiro que não chega a ser Nelson, o poeta que não chega a ser Dante, o philosopho que não chega a ser Kant, o pintor que não chega a ser Vinci, o esculptor que não chega a ser Miguel Angelo, e financeiro que nunca chega a ser Rockefeller, o mystico que não chega a ser S. Francisco de Assis, o costureiro que não chega a ser o Worth, o sapateiro que não chega a ser o Thomas, o camiseiro que não chega a ser o Pitta, o amante que nunca chega a ser Abélard, o janota que não chega a ser Sagan, o galgo que não ganha a «Waterloo Cup», ou o poldro que não vence o Derby.

E' uma longa lista de coisas lamentaveis, que ainda se podia continuar até encher pelo menos uma pagina. Não é, porém, meu intuito, fazer aqui a Ladainha da Mediocridade.

Mas como os outros são mais numerosos que cada um de nós, no fim de contas a Mediocridade é uma excellente coisa.

DO FUMAR

Ha ainda pessoas respeitaveis e severamente possidonias que não vêem com bons olhos uma mulher fumar e rigorosamente prohibem ao elemento feminino das suas familias que se entreguem a esse passatempo inoffensivo e gracioso, embora relativamente caro. E no emtanto, esses virtuosos varões empestam a atmosphera domestica com os mais vis cigarros, o odioso cachimbo e as essencias de charutos tão maus quanto baratos. Porque n'este mal organizado mundo as coisas boas não são para quem sabe gozal-as, mas para quem póde pagal-as.

Segundo elles o unico fumo que póde penetrar nos seus bem guardados gyneceus é o fumo que elles expellem, mostrando-se n'isso mais barbaros que os mahometanos da Africa e da Asia, para não fallar dos da Europa, que se acham periclitantes, os quaes permittem no harem não só a perfumada cigarrilha oriental, mas o estonteador aroma do narghilé. E, se trago para aqui o exemplo dos mahometanos, é porque em certas camadas sociaes de Portugal, e, sobretudo,

nas provincias, a mulher ainda é moira, e o homem ainda é turco. A differença é só que no Oriente as mulheres tapam a cara e no Occidente tapam as pernas. E, para o homem, é que este em Portugal exerce a polygamia volante.

Esta austeridade dos paes e dos maridos christãos, que prohibe o tabaco em labios femininos, tem apenas o defeito de ser incoherente, sem ter absolutamente nada que ver com a Moral. Quando os nossos avós tomavam rapé tambem as nossas avós o tomavam n'um convivio amavel e salutar. E seria natural que, quando o tabaco abandonou o nariz dos homens pela bocca, identica troca se fizesse nas mulheres. Effectivamente foi o que aconteceu, mas lentamente e com protestos masculinos que em Portugal ainda são em grande parte effectivos. E, todavia, se era repugnante ver um fino e aristocratico nariz de mulher sujo de rapé e se não era inspirador o subsequente dialogo entre esse nariz e o lenço, nada mais gracioso que ver uma fina cigarrilha do Muratti ou do Savory entre dois dedos esfusiados de mulher bonita e elegante, e tenues nuvens de fumo azul como um sonho sahirem d'uma bocca fresca, que ri n'uma camaradagem alegre e innocente. E se o cigarro dessexua um pouco, isso facilita, em proveito da Moral, a simples camaradagem que só póde existir entre espiritos cultos e aceiados, e é julgada impossivel pelos turcos do Oriente e do Occidente e pelos suinos dos quatro pontos cardiaes.

Os mesmos patriarchas que prohibem o cigarro a suas mulheres e filhas permittem-lhes o uso do vinho e dos licores, embora o alcool seja

um excitante mais poderoso que a nicotina e seja infinitamente menos elegante o gesto de levar um copo á bocca que o de levar um cigarro aos labios. O que mostra n'elles um afferro irracional e incoherente ao passado e uma lamentavel ignorancia ou um censuravel desprezo da belleza do gesto. E' essa ignorancia, ou esse desdem, que torna sordida a vida domestica. Produz um regresso á natureza e á animalidade, quando seria tão facil e tão agradavel conservar na intimidade conjugal e patriarchal todas as artificialidades que tornam a existencia supportavel, que vão desde a toilette ás maneiras, e que se podem observar, pelo menos, desde que duas pessoas se levantam até que duas pessoas se deitam — e até depois. Bem sei que isso custa caro. Mas tudo que é bom e elegante custa caro. Até as boas maneiras representam uma alta capitalização durante gerações.

Fumar póde ser ou não ser um vicio — tal e qual como beber, comer ou jogar, para só fallar de vicios confessaveis. Não é vicioso o homem ou a mulher, que jogue tres *rubbers* de *auction bridge* a preço razoavel, que jante uma *sole meunière* e uma *côte d'agneau aux petits pois* com meia garrafa de champagne, e que ao café, com o *Grand Marnier cordon rouge* ou o cognac Raynals de 1820, que n'esse anno excedeu Fernandes Thomaz, fume, elle um *corona*, ella uma cigarrilha egypcia do Savory. São apenas duas pessoas de gosto que conhecem e apreciam a vida. E, se não são dois monstros de virtude, são provavelmente duas pessoas amaveis, que nada impede de serem até respeitaveis, e que teem a perspicacia de saber que a felicidade consiste nos pequenos gozos, como a verdadeira infelicidade

está nos attrictos pequenos e quotidianos que roem a existencia como a traça destroe os tecidos. Os grandes prazeres e as grandes desgraças — os dramas da existencia — são raros e destruidores, como violentas tempestades que passam; e depois volta o sol, ou a chuva miudinha que encharca e faz lama, a poeira quesilenta, a pedra que entra no sapato e o argueiro que entra no olho.

São raras e só para *happy few* as grandes alegrias e as grandes dôres que mutuamente se geram. Uma grande dôr resulta sempre d'uma grande alegria. E não ha grande alegria que não seja precedida da lancinante dôr da geração. Ás vezes são irmãs gemeas e caminham de mãos dadas.

Ora, fumar não é uma grande alegria. Mas é um pequeno prazer quotidiano, consolador e subtil. Assim o comprehendeu afinal a Humanidade, e as mulheres decidiram-se a fumar ainda antes de votar. De modo que em Inglaterra, onde ha quarenta annos ninguem fumava em publico e os homens antes de accenderem os seus charutos ou os seus *briars* e *calabashes* vestiam os seus vistosos *smoking jackets* de seda ou de velludo para que o fato não se impregnasse do cheiro do fumo — hoje fumam publicamente os tres sexos, incluindo o das suffragettes, e quem menos fuma agora são as chaminés, graças á extensiva generalização da electricidade.

Todas as mulheres fumavam na Russia quando lá havia mulheres e Russia. Agora que a Russia está ralada como um queijo parmesão e as amazonas se batem a tiro, não sei o que por lá fazem. Só sei o que desfazem.

Na Austria, na Belgica, na Hollanda, em Fran-

ça, em Hespanha e em Italia, é rara a mulher elegante que não fume, como fumam nos luxuosos harens as mulheres do Oriente. O fumar inclina á meditação e é um calmante para os nervos. Ora, se a meditação é ás vezes perigosa, a ponto que, se é verdade o que se diz, já houve quem morresse a pensar, é d'ella que têm sahido as grandes obras da intelligencia humana. Meditam os sabios, os religiosos, os pensadores, os poetas, os homens de acção e as grandes costureiras. O que é preciso é que seja justo e nobre e util o objecto da meditação. Um dos immortaes sonetos do grande Anthero do Quental começa — *Fumo e scismo...*

O que é vicio, e portanto condemnavel, é o abuso do fumo. Mas todos os abusos são vicios, como o comer e o beber, como a humildade, a liberalidade, a penitencia e todas as virtudes christãs. Ha lindas devotas que têm o vicio de andar mal vestidas, e mysticos que têm o vicio da flagellação. Ninguem hoje que leve uma bofetada n'uma face estenderá a outra, como recommendava o divino Jesus. A humanidade modificou o christianismo adaptando-o á vida pratica, e o preceito do Redemptor foi transformado n'este — *se te beijarem n uma face, não te zangues e offerece a outra.* É verdade que Nosso Senhor só conheceu um beijo, que foi o de Judas. Mas o Iskariote ainda anda pelo mundo, ás vezes veste saias e tem conta na Paquin.

Esse mesmo preceito, embora attenuado pela Humanidade transigente e dubia, tem seus limites. É permittido offerecer outra face, mas não outra e outra.

A differença radical que ha entre o Vicio e o Crime, é que o Vicio em pequena escala deixa

de ser vicio, e o Crime em grande escala deixa de ser crime. O primeiro é o exaggero de um acto intrinsecamente innocente; o segundo é a pratica em ponto pequeno de um acto por sua natureza condemnavel.

A embriaguez é um vicio, embora o não seja beber moderadamente, comquanto haja quem diga que Byron só compunha os seus poemas, Pitt só proferia os seus discursos e Wellington só ganhava as suas batalhas, depois de beberem duas garrafas de vinho do Porto. O que é certo, devo confessar com reluctancia, é que a Historia não menciona que nenhum homem tivesse praticado uma acção brilhante ou heroica depois de beber duas garrafas de agua mineral.

Arriscar fortunas ao jogo é um vicio e é um vicio fumar desde pela manhã até á noite, e até na cama que, embora destinada a variados usos, é um movel absolutamente inadequado a esse.

O Vicio está pois, não na natureza do acto, mas no excesso e inopportunidade da sua pratica.

Com o Crime succede exactamente o contrario. Rebella-se um homem contra um policia que o prende e dá-lhe uma sova — o homem é um delinquente. Mas se forem muitos homens armados, e em vez de uma sova derem tiros e lançarem bombas explosivas, e em vez de atacarem um policia atacarem a policia em peso, o mesmo acto deixou de ser um sordido delicto de resistencia á auctoridade e passou a ser uma revolução gloriosa. Um bando invade uma casa — é uma quadrilha de salteadores. Um bando cem mil vezes maior invade um paiz — é um exercito victorioso. Um sujeito que mette a mão na algibeira do vizinho e o allivia do peso da sua carteira commette uma reles gatunice. Se,

porém, mais habil, praticar em larga escala o *conto do vigario*, realiza uma grande operação financeira. Ora, fumar não sendo um acto criminoso, o seu abuso é condemnavel.

Eu confesso que sou moderadamente feminista. E se não vou ao ponto de reclamar os direitos politicos para a mulher é porque já acho inconveniente que o tenham em geral os homens. Lembra-me o dito de Carlyle, a quem uma senhora se queixava de que o seu jardineiro, que mal sabia lêr, era eleitor, ao passo que ella, intelligente e culta, não tinha voto; ao que o Carlyle respondeu que isso não provava que ella devesse ter o direito de votar, mas simplesmente que o não devia ter o jardineiro. Parece-me porém que o sexo attingiu na Historia a maioridade, cujos privilegios essenciaes consistem no direito de fazer tolices e de fumar em publico.

Note-se que eu não aconselho a ninguem que fume, e tendo em muita conta a estima dos paes de familia, menos ainda o aconselharia ás filhas innocentes e ás esposas christãs. Mas receio que ellas interpretem erradamente o proverbio que affirma não haver fumo sem fogo. Muitas vezes n'este mundo, onde ha mais fumo é onde ha menos fogo, e o peior fogo é o que vae minando sem deitar fumo. E no outro mundo, se todos nós temos ouvido fallar no fogo do inferno, nunca ninguem ouviu a menor referencia ao fumo d'essa estação de inverno. O que me faz crêr que não é tão moderno como se suppõe o systema de aquecimento central.

No emtanto, na minha sollicitude pelo bem estar dos chefes de familia, dos seus parentes e das suas relações, dos vizinhos e até de quem passa pela rua, sempre lhes direi que é preferivel as

filhas fumarem a tocarem escalas no piano ou sobretudo aprenderem a tocar rebeca. Poucas pessoas têm uma idéa exacta dos uivos extranhos e agonizantes que um arco inexperiente póde tirar das cordas de um violino. É uma offensa de longo alcance. Ao passo que o fumo do cigarro só póde incommodar quem esteja perto, e hoje em dia já não incommoda nenhum nariz, a não ser narizes torcidos.

O fumo é tambem um grande elemento de moralidade publica. Eu conheço poucos seductores de profissão — talvez um ou dois, que já acho demais. Mas emfim conheço esses, como em tempos idos conheci algumas seduzidas de profissão e um fabricante de notas falsas. Ora, contou-me um d'esses seductores de officio, que estava um dia exercendo as suas artes de seducção n'uma linda e elegante mulher e que ella ia visivelmente succumbir. Mas ao sentir-se desfallecer avistou a sua cigarreira sobre a mesa, tirou um cigarro e pediu ao seductor um phosphoro. Este acto simples restabeleceu o equilibrio, e o homem immoral, em vez de accender a senhora, viu-se reduzido a accender-lhe o cigarro. Desde então perora violentamente contra o uso das mulheres fumarem, com vivo applauso das pessoas virtuosas.

Da influencia do tabaco nos destinos das nações, além da prosperidade da Republica de Cuba e do Estado da Bahia, dá-nos um exemplo o conde d'Hérisson d'Irisson nas suas *Mémoires d'un officier d'ordonnance.* Na qualidade de official ás ordens acompanhou este Jules Favre a Versailles para as negociações com o conde de Bismarck. Na mesa em que se debatiam os destinos da França, havia um prato com excellentes charutos que Bismarck offereceu a Favre. O aus-

tero negociador francez disse-lhe que não fumava, ao que o Chanceller observou que fumar era util n'uma discussão desagradavel. Um homem ás vezes perde a paciencia (a senhora da outra historia ia perdendo mais do que isso), e então pega n'um charuto, morde-o e accende-o, e entretanto recupera o sangue-frio. Entabolou-se a discussão e d'ali a pouco Bismarck irritado com a tenacidade de Favre ia dizer qualquer coisa violenta. Percebendo isso, o conde d'Hérisson pegou no prato dos charutos e estendeu-o silenciosamente ao Allemão. Este ficou um momento surprehendido. Depois, lembrando-se do que tinha dito, sorriu, e com um *Vous avez raison Capitaine*, pegou n'um charuto, accendeu-o, e a discussão recomeçou serena.

Como todas as fragilidades humanas o fumar predispõe á benevolencia, e revela o caracter. Suspeito sempre do homem que chupa desesperadamente o cigarro até ao fim, e da mulher que ensopa a ponta do papelito. O homem que masca a ponta do charuto é em geral um animal perigoso. Só por isso, quando mais não fôsse, seria o tabaco recommendavel ás consciencias sãs e aos caracteres estimaveis.

Esta apologia do fumo é tanto mais sincera quanto eu não sou accionista de nenhuma companhia de tabacos, antes toda a minha vida tenho sido uma victima de todas ellas. Faço esta declaração para obviar á maledicencia das pessoas que têm o vicio de não fumar.

DA CULINARIA

Ficou na historia o nome de Vattel, o celebre cozinheiro que se matou por não ter chegado a tempo um certo peixe que havia encommendado, a tal ponto que qualquer jurisconsulto, se lhe lembram esse glorioso nome, não pensa no publicista emerito e absolutamente inutil, mas sim no grande chefe que, se deixou um livro — o que eu ignoro — não foi de certo de Direito Internacional, mas sim de receitas culinarias.

Só conheço na historia do mundo outro exemplo d'um suicidio devido a uma demora inexplicavel, e foi o do valente almirante Reis, que se matou na Rotunda por não ver chegar a Republica, como Vattel se matou por não ver chegar o peixe. E se ambos elles tivessem esperado umas horas, teriam visto, um o advento do regimen por que se batia, e outro o advento do salmão que tencionava cozinhar. E admiro-os tanto mais, que eu proprio d'uma vez estive, vae não vae, para attentar contra os meus dias por causa de duas *selles de mouton*, que tinha mandado vir de Inglaterra; e, se o não fiz, foi menos

por tenacidade de paciencia que por falta de coragem. E tive o prazer de ver chegar as duas peças de carne como elles teriam visto chegar os objectos dos seus desejos. Ora, no fundo, não vejo uma differença por ahi além entre um regimen politico e um regimen alimenticio.

Não é menos difficil nem menos nobre a arte de fazer môlhos de peixe ou de carne, que a de fazer môlhos politicos. E tanto que correm parallelos os dois proverbios francezes — *on devient orateur, on nait poète* e est'outro *on devient cuisinier, on nait rôtisseur* — sendo certo que para triumphar em politica é preciso ser orador, e é cozinheiro mediocre o que não tiver o genio de assar — da mesma maneira que só uma grande costureira é capaz de alliar a elegancia á simplicidade e só um grande alfaiate é capaz de cortar um fato elegante e sobrio. A perfeição alliada á sobriedade vê-se da arte grega — a mais pura — desde os seus edificios até ás suas estatuas, cujas roupagens são modelo de simplicidade a tal ponto que geralmente não existem. Chegado a este extremo é que é indispensavel uma costureira eximia ou um alfaiate emerito, pois, sendo mediocres, insistiriam em accrescentar um folho ou um laçarote, ella; um collete de veludo ou uma gravata vistosa, elle: o que seria d'uma incongruencia fatal.

Succede o mesmo na arte culinaria. É mais facil fazer môlhos que não os fazer. Disfarça-se com elles muita coisa, e tambem com os enfeites do vestido — por exemplo, o estado adiantado de decomposição da caça ou da senhora. A ostra quando é boa deve ser comida crua. A mulher quando é formosa deve ser — desconfio que, com a obsessão da rima, ia escrever uma

inconveniencia. Pode-se, por meio de môlhos, apresentar como nova a comida da vespera, e por meio de vestidos complicados, a senhora do anno passado. Todos os amadores fazem deliciosos guizados, mas nunca vi nenhum offerecer-se para fazer um assado. O assado é o Arco de Tito ou o Palazzo Farnese, da arte culinaria.

Eu não tenho duvida de que a arte culinaria é uma verdadeira arte que appella para o sentido do gosto, como a pintura para o da vista, a musica para o do ouvido e a esculptura para o do tacto. Se não é preciso ir apalpar uma estatua para lhe apreciar a belleza, é porque a nossa vista educada substitue o contacto directo, que é o meio natural, e em certos casos, unico satisfatorio, de apreciar as fórmas. Tambem é prudente que os gourmets que sejam dyspepticos substituam o paladar pelo simples olfato, embora de ahi lhes resulte um prazer incompleto. Vi muitas vezes, em Park Lane, uns pobres esfarrapados com os narizes nas janellas da cozinha d'uma casa famosa pela excellencia do seu cozinheiro, trincando um pedaço de pão. Eram evidentemente gourmets com poucos meios de fortuna, saboreando com a sua codea os effluvios do jantar que outros estavam comendo. Considero isto um cumulo de sensibilidade artistica.

E' de notar como a alta intellectualidade, quando não se tenha esterilizado especializando-se, se allia á gastronomia, a qual é mister não confundir com a capacidade absorvente de certos estomagos avidos como os de suinos. Bismarck discutia as trutas do Rheno com a mesma gravidade e pericia com que discutia o tratado de Versailles. Colbert, quando demittido e exilado

da côrte, compoz iguarias que contribuiram mais para immortalisar o seu nome que as suas finanças. Nenhum homem normal sabe hoje em dia quaes eram os planos financeiros do celebre estadista, mas não ha nenhum homem culto que não conheça e aprecie o *potage à la Colbert* e a *sole à la Colbert*. Se passaram de moda as operas de Rossini, não passou de moda o seu *tournedos*. Ninguem hoje lê o *Génie du Christianisme*, mas toda a gente come com respeitoso deleite um *beefsteak à la Chateaubriand*. Houve um Vattel que fez jantares e outro que escreveu pesadas obras de Direito internacional. Em cem diplomatas ha noventa e nove que veneram a memoria do cozinheiro contra um que leu os livros do publicista e não os digeriu. A fama de Lucullo chegou até nós, como a de César. E lembramo-nos hoje com respeito de que os gourmets romanos davam escravos a comer ás murêas para assim as engordar e tornar mais saborosas, o que era agradavel ás murêas e aos que as comiam. Só não dava prazer aos escravos, mas estes constituiam a minoria em tal caso. E' um facto notavel de anthropophagia indirecta.

Eu não sou de modo algum partidario do regimen anthropophago, como não sou do vegetariano. Mas lembra-me a historia de um missionario que, em Africa, prégava a Biblia aos pretos e contava-lhes a historia d'aquella peccaminosa Jesabel que os cães devoraram toda, á excepção das palmas das mãos. N'este ponto um dos catechumenos interrompeu o orador para lhe declarar que agora via ser verdade o que elle estava dizendo. E perguntado por que, respondeu que a pelle das palmas das mãos humanas é tão dura que nem os cães a comeriam.

De onde se prova que até o cannibalismo póde ser testemunho da verdade.

Mais de uma vez um bom jantar tem contribuido para a paz do mundo. As truffas *en serviette,* a terrina de *foie gras*, as *cailles sur canapé*, a *dinde truffée,* as *cêpes à la bordelaise,* a *truite saumonnée,* associadas ao Moet et Chandon de 1906 e ao Clos Vougeot de 1869, tornam os diplomatas amaveis e conciliadores. Um mau jantar, pelo contrario, irrita-os e fal-os militantes. E é bom dizer que todos os paizes do mundo têm contribuido para a paz geral, até a Russia com o caviar do Volga, e a propria Allemanha com os presuntos de Westphalia e os peitos de ganso fumados. O militarismo da Allemanha está todo no *Sauerkraut.* O philosopho Wundt e o historiador Treitschke são, com certeza, dyspepticos ou mal alimentados.

O cozinheiro emerito e a eximia *cordon bleu* têm de ser letrados e eruditos. Precisam saber não só a pratica, mas a theoria e a historia da arte. A technica inclue tudo isto. Ha livros de cozinha tão volumosos e compactos como livros de jurisprudencia, com a differença só que são mais substanciaes e menos indigestos. Ha revistas culinarias mais interessantes que revistas litterarias, contendo novelas idylicas como os espargos *à la Norvégienne*, e romances tragicos como o *Canard au sang,* em que são precisos dois patos para fazer um pato. Se fôsse um pato e uma pata era um facto quotidiano. Mas n'este caso o sexo não importa. Um pato dá o pato, o outro dá o sangue, e como um bom soldado fica anonymo. Joseph, o auctor d'esta carnificina é mais conhecido pelas suas obras que Josephus, o historiador hebraico, que só alguns caturras têm lido.

N'este seculo de manias, ha pessoas herbivoras, assim como ha pessoas hydrophilas como algodão em rama que se vende nas boticas. Acho muito mais racional comer os vegetaes através da vacca ou do carneiro, que comel-os directamente, á excepção d'aquelles que a mão provida do horticultor especialmente cultivou para completar um menú perfeito. E tambem me parece preferivel beber a agua que todo o vinho encerra e que não precisa ser filtrada nem fervida, a disfarçal-a em vinho, mettendo-a em garrafas, o que é um facto contra a natureza — pelo menos a natureza das garrafas.

Só os restaurantes vegetarianos se podem com propriedade chamar casas de pasto. No emtanto, eu não censuro as pessoas herbivoras nem as pessoas hydrophilas. Só notarei que não são por isso nem mais virtuosas nem mais saudaveis, e que o regimen que adoptaram como um principio moral ou hygienico póde ter consequencias inesperadas. Conheço uma senhora que nunca teve filhos por um escrupulo excessivo de vegetarianismo.

O exclusivismo, em materia culinaria, que vulgarmente se chama *ter má bocca, é* simplesmente uma falta de educação. O paladar educa-se como todos os sentidos — afina-se e catholiciza-se. Os animaes ineducados — e n'elles incluo o homem como o maior de todos — só comem aquillo a que estão habituados. Ha quem não coma carne de macaco pela semelhança que encontra entre este animal e o homem. Eu, nem que viajasse na náo Cathrineta comeria o capitão-general, por achar o homem muito parecido com o macaco que cheira tão mal como um comicio. É uma questão de idiosyncrasia. De facto,

só o animal culto — e tanto póde ser o homem como o cão — aprecia os acepipes raros. É por isso que ha quem prefira assorda de alho a *foie gras* e bacalháo a *caviar* e vinho de Torres ao champagne ou ao Assmannshauser; como ha quem prefira o fado aos Niebelungen e uma brilhante oleographia a um quadro do Tiziano. Não são depravações do gosto, é falta de educação dos sentidos, os quaes, aliás, com os musculos, merecem ser educados tanto ou mais que a intelligencia, por terem mais applicação na vida quotidiana e normal.

No emtanto devo observar que o homem, mais que qualquer outro animal, é propenso a abusar de tudo quanto é bom e está ao seu alcance, com grave prejuizo da sua saude, e ultimamente da bolsa e da vida. A boa cozinha, que é uma coisa intrinsecamente innocente e mais saudavel que a má, torna-se assim um perigo de dyspepsia, como um lar agradavel póde dar ao homem nocivos habitos sedentarios. Por isso, tres coisas aconselharei sempre aos meus amigos, em nome da hygiene — uma casa inconfortavel, uma mulher feia, e uma má cozinheira.

DAS ILLUSÕES

Não ha nada mais vulgar do que encontrar gente desilludida, e se fôrmos a notar, veremos que este melancholico, mas pratico estado de alma é sobretudo frequente dos dezoito aos vinte e cinco annos. E' essa a idade propria da ingenuidade inconsciente ou do cynismo amargo. No primeiro caso, só muito mais tarde se vem a saber que as illusões eram illusões. No segundo caso chega-se mais cedo ao conhecimento de que o cynismo tambem era illusão.

O mundo vive do preconceito da illusão. A ultima e a maior de todas as illusões é a gente suppôr que as já não tem.

Não vou agora negar a realidade objectiva. E' uma velha philosophia desacreditada como todas as philosophias, como a theologia, como tudo que se baseia no raciocinio puro. O homem moderno tem o mais profundo desdem pelo raciocinio puro, e chegou finalmente a convencer-se da inanidade da razão humana. E desde que chegou a essa conclusão declarou a razão suprema e nega systematicamente tudo que se

oppõe, não á razão em abstracto, visto ser ella uma inanidade, mas á sua razão individual, considerando que todo o homem bem comportado tem uma razão e um par de chinellos, que são sua propriedade exclusiva, para trazer por casa. E assim, como declinasse a philosophia, augmentou «ad-infinitum» o numero de philosophos, o que me faz lembrar um homem que eu conheci, que tinha uma perna só e muitos pares de botas. Por fim, já não tinham conta em sua casa as botas novas do pé direito.

Mas, o facto é que nós só temos a certeza absoluta da verdade subjectiva. Os orgãos só recebem impressões que transmittem ao cerebro, no qual se produzem as sensações que se transformam em idéas por um processo desconhecido que, não obstante os esforços dos materialistas e dos physiologos, se não póde comparar com o phenomeno da digestão. Assim, o tal sujeito que só tinha a perna esquerda, soffria muito dos callos do pé direito, com a aggravante que o pedicuro não lh'os podia cortar, porque antes um habil cirurgião tinha praticado essa operação de modo mais radical.

Não ha, pois, nada que nos garanta a realidade do mundo objectivo. Porque mesmo o consenso universal traduz-se por palavras. E não só estas correspondem a differentes concepções nas pessoas que as proferem e que as ouvem, mas, o que é mais grave, d'ellas proprias só temos, como de todo o mundo exterior, a idéa subjectiva. Taes palavras que ouvimos ou lemos, podem ser apenas uma allucinação do nosso cerebro.

Não obstante, eu estou disposto a acceitar a realidade objectiva como sufficiente para fins

praticos, da mesma fórma que basta para os usos praticos da vida a geometria baseada sobre o postulado de Euclydes, sem ser preciso endoidecer mais os geometras com a geometria a «n» dimensões e os calculos vertiginosos de Riemann, fundados no principio estonteadoramente philosophico que o facto de os nossos sentidos só apprehenderem tres dimensões nos corpos, não prova que elles não tenham mais. Possibilidade comparavel á dos raios ultra-violeta, invisiveis, mas existentes, e apenas conhecidos pelos seus effeitos.

A humanidade vive, pois, n'uma allucinação constante.

A astronomia diz-nos que estrellas que nós estamos vendo já não existem ha milhares de annos, e que durante esse tempo a sua luz tem vindo a caminhar pelo espaço com uma velocidade que para as nossas mesquinhas noções terrestres é vertiginosa, mas que mostra que, para as proporções do espaço, ainda está por inventar a viação accelerada. Temos a illusão de que a estrella existe. Para todos os fins praticos a que é destinada uma estrella que não seja operatica, a estrella existe. Mas, na realidade, segundo os calculos e observações dos astronomos, o que nós vemos é a alma-do-outro-mundo de uma estrella. De modo que, ou estamos illudidos nós, ou estão illudidos os sabios. E talvez estejamos illudidos uns e outros.

E' facil motejar das almas-do-outro-mundo. Não custa nada fazer gracejos baratos ácerca de Deus ou do diabo, e muito menos d'aquellas almas que tanto podem estar com um como com outro; ao passo que a mesma irreverencia para com a creatura, quando a sua alma é ainda

d'este mundo, arrisca-se a dar logar a represalias que podem ser, conforme as faculdades e inclinações da alma, verbaes ou manuaes.

Nunca vi almas-do-outro-mundo, confesso — e tambem confesso que as não desejo incluir na minha lista de visitas. No emtanto, ellas exercem sobre mim uma grande fascinação, porque tenho medo de que não existam. As pessoas que crêem piamente n'ellas, chamam-as para a mesa do chá e com ellas conversam familiarmente por intermedio de uma mesa de pé de gallo, que é o telephone pelo qual se communica com o mundo espiritual. O legislador que as quizesse exilar d'este mundo, determinaria que todas as mesas tivessem quatro pés. Como elle.

As coisas que mais fascinam a humanidade, são aquellas que não existem. Assim, por exemplo, para haver ferrenhos monarchicos, é preciso que não haja monarcha. A influencia que sobre os destinos do mundo têm exercido as tres palavras — liberdade, igualdade e fraternidade — provêm de que liberdade, igualdade e fraternidade, são tres coisas que não existem e que nunca existiram, nem na vida nem na morte. Basta comparar os enterros de primeira classe com os enterros de terceira classe, como se um funeral fôsse um comboio de caminho de ferro. Talvez um dia escreva sobre funeraes, que é um assumpto, não direi alegre, mas instructivo e ameno. Isso, em todo o caso, fica para outra occasião.

Eu não estou preparado para negar a existencia real das almas-do-outro-mundo. Ha pessoas inconsequentes que se acham aptas a negar da maneira mais terminante tudo aquillo que não cahe no limitado circulo da sua experiencia.

Esses mesmos, porém, que negam a realidade de apparições que não viram, são capazes de jurar sobre os Santos Evangelhos, embora não creiam n'elles, ou de affirmar pela sua honra, embora esta seja contestavel, que existe a China, que, aliás, nunca viram. E no emtanto, a China é mais absurda que uma alma-do-outro-mundo. Se ha pessoas que têm visto a China e até que lá têm ganho dinheiro, ha igualmente pessoas que têm visto almas-do-outro-mundo; e no commercio d'estas têm feito pequenas fortunas em numero consideravel de mediuns. Têm-se escripto livros sobre a China, e ha jornaes chinezes, como se têm escripto livros sobre os espiritos, e ha jornaes espiritistas. E ás mensagens dos varios dictadores chinezes, desde que cortaram o rabicho que os prendia ao céo, podem contrapôr-se as numerosas mensagens dos espiritos, desde que perderam o rab... — perdão, o corpo que os prendia á terra. E' por isso, e para evitar questões desagradaveis, até com uma mesa de pé de gallo, que eu tenho o espirito aberto a todas as convicções, embora as mensagens dos espiritos me pareçam tão destituidas de senso como as dos dictadores. De resto, umas e outras vêm da Republica Celeste.

A maior parte das mulheres — e se não digo todas é para não provocar as iras de nenhuma, pois, aberta a excepção, cada uma se póde metter dentro d'ella — têm amado repetidas vezes pela primeira vez. Em compensação, nunca nenhum homem amou pela primeira vez, o que seria humilhante, mas todos amam repetidamente pela ultima vez. De modo que o amor na mulher é como os cartazes italianos que annunciam o «dibuto» da prima donna, e no dia seguinte an-

nunciam com a maior frescura o «sccondo dibuto», e ás vezes «il terzo e il quarto»—ao passo que nos homens lembra as touradas, quando depois da ultima corrida em que toma parte o diestro, ha sempre outra ultima e irrevogavel e a maior parte das vezes uma terceira, «a pedido de várias familias do Ribatejo». A diffcrença é que no amor, emquanto a prima-donna canta, e emquanto o estoque não cahe da mão do diestro, ha sempre probabilidades de haver mais um «dibuto», ou mais uma ultima e irrevogavel funcção, embora as familias do Ribatejo não mostrem para isso o menor empenho.

Ora eu crcio que nove vezes em dez tanto as mulheres como os homens são perfeitamente sinceros. A mentira deliberada é muito menos vulgar do quc se pensa, não só porque não é precisa, mas por não ter logar, visto achar-se a vida cheia de mentiras inconscientes. N'este caso especial limita-se á coquette e ao seductor de profissão, que é uma especie de apache moral. Ora, eu não me dou ao trabalho de pensar e de escrevcr para ou a respeito de anomalidades despreziveis. O que ha é a illusão. O esquecimento absoluto é uma faculdade predominante na mulher e a imprevisão no homem. E' profundamente verdadeiro e caracteristico aquelle verso do Swinburne:

She has forgotten my kisses, and I—
have forgottcn her name

Elle póde ter-se esquecido do nome d'Ella, mas não se esqueceu das caricias. Ella lembra-se talvez de como Elle sc chama, mas o nome não significa mais que uma pessoa sua conhecida.

A politica é toda uma illusão, porque não passa de um tecido de formulas. Monarchia, aristocracia, democracia, são palavras que não correspondem a realidades objectivas.

Nunca houve no mundo um monarcha, isto é, um homem que, sózinho e pela sua vontade suprema, governasse um povo. O mais absoluto soberano foi sempre governado pelos validos, pelo confessor, pela favorita, pela sua confiança, pela sua consciencia, pelas suas paixões, e sobretudo pelas circumstancias, pelo que Bismarck chamava os «imponderaveis».

A aristocracia e a democracia são grupos de homens — limitado ou illimitado, é a differença — e os grupos nunca governaram, nem são capazes de governar. São manadas com um boi-guia, a quem apoiam com o poder dos seus chifres que é ao que se reduz a força das suas numerosas cabeças.

E, no emtanto, por cada uma d'estas illusões, homens têm morrido, e outros enrouquecido, e mulheres têm-se agatanhado mais do que é proprio da natureza feminina.

A vida é uma illusão que aproveita ás parteiras. A morte é uma illusão de que vivem os agentes de funeraes.

E' uma illusão a riqueza. O homem cria necessidades inuteis, e depois trabalha como um boi de lavoura para as satisfazer. O preto, de tanga, com um coco e um cacho de bananas, é tão rico como o millionario Carnegie que de vez em quando dá um milhão para se fazer uma bibliotheca, que é uma illusão, cheia de obras illusorias, e de leitores ainda mais illusorios que apenas para lá vão abrigar-se da chuva e do frio, se não dispõem dos meios necessarios para

procurarem esses confortos, accrescidos de um grog quente, em um bar.

E' rara a utilidade do ouro que não possa obter-se com outro metal, e no emtanto o ouro é o padrão da riqueza. Não quero entrar aqui em discussões de economia politica, nem apreciar se é absolutamente razoavel dar pão e carvão e todos os objectos indispensaveis á vida em troca de rodellas de ouro, que não são comestiveis e cuja utilidade intrinseca e real é mais que problematica. O facto é que, mesmo como intermedio para a troca de objectos uteis, é uma illusão que em alguns paizes tem sido substituida pela do papel. Eu sei de notas de banco que são illusões especialmente gravadas para esse fim.

Ha muitas mulheres, e até homens que se pintam, não obstante as iras dos prégadores, desde S. Paulo até Savonarola — porque os modernos já se convenceram de que era perder tempo e latim — e os sarcasmos dos moralistas. Ora, eu não vejo que, sob o ponto de vista da moral, seja mais censuravel applicar as côres á pelle do que a uma téla e sobretudo não vejo a differença essencial entre a pintura sobre pergaminho, quando este anda solto ou quando ainda encobre decorosamente os ossos de uma senhora idosa, luctando meritoriamente contra o tempo.

Os homens em geral só pintam o cabello e a barba, e como o cabello a esse tempo geralmente é pouco e a barba se póde cortar, não têm desculpa a meus olhos. Quanto ás mulheres, porém, o caso é outro, pois, seus esforços tendem a intensificar uma illusão ou a substituil-a por outra ou a creal-a.

Têm os inglezes um proverbio que diz que a belleza não vae mais fundo que a pelle—«beauty is skin deep». Este proverbio é evidentemente estupido.

Sem dúvida só se vê da belleza o que a pelle mostra, e já não é pouco quando assim succede. Em regra geral só se vê o que nos deixam ver a Lucille ou a Paquin, para não fallar nos artistas menores. Mas se a pelle é um dos elementos da belleza, tambem o são o musculo e o esqueleto. Uma linda pelle de mulher cheia de batatas não é uma mulher, é sempre um sacco de batatas; cheia de materia adiposa é sempre uma bexiga de banha — e nem um sacco de batatas nem uma bexiga de banha constituem typos de belleza. E' preciso que sob a pelle haja a fórma. E a fórma, desde a cabeça até aos pés, é dada, primeiro pelo esqueleto e depois pelo musculo.

Apesar d'isso, é talvez fiadas no proverbio inglez, que as mulheres pintam o rosto e deformam o corpo, augmentando assim a illusão. Porque a verdadeira illusão n'este caso vem do facto expresso por este outro proverbio, que é portuguez — quem o feio ama, bonito lhe parece. Em proverbios vou sempre pelos portuguezes, embora ás vezes pequem pela compostura, como por exemplo aquelle que se refere ao asno morto.

O homem quer ser illudido, comtanto que imagine que o não é. Ha homens que se têm arruinado a pagar contas de modistas, sabendo aliás que o vestido não é precisamente o objecto dos seus sentimentos. Antes, pelo contrario. Mas n'este ponto não entrarei em pormenores.

O direito é uma illusão que só póde ser realizada pela força. Em Inglaterra, onde o direito

é respeitado a par da libra esterlina, a ponto que a maioria da nobreza era de toga e não de armas, até que em recentes annos passou a ser de pipa de cerveja, o direito é garantido por homens de seis pés de altura, vestidos de panno azul e cobertos com um capacete, capazes, de, com um murro, esmigalhar o crime e virar de pernas ao ar o criminoso. Nos paizes do continente, em que o musculo não representa um papel conspicuo na guarda do direito, cada policia parece o homem dos sete instrumentos, com a differença que os instrumentos musicos são substituidos, com vantagem para a musica, por armas de todos os generos, desde a arma branca medieval até á arma de fogo do mais moderno fabrico. E, finalmente, a illusão do direito é sanccionada pela illusão da pena, quando o criminoso é condemnado a trabalhos forçados, pois ainda estou para ver trabalho que não seja forçado.

Tanto o homem quer viver illudido, que, em materia culinaria, inventa os acepipes mais repugnantes á sua natureza, habitua-se a elles e acha-os deliciosos. Citarei o «foie-gras», a caça faisandée e o caviar. Só farei uma excepção do «canard au sang», que é um modesto regresso ao cannibalismo natural.

Aconselharei, pois, aos novos que não se esforcem por perder as illusões, e aos velhos que não se dêem ao trabalho de as reviver. E' tempo perdido. Antes appliquem os seus cuidados ao cabello.

O cabello, que cahe para não voltar, as illusões renascem sempre, mesmo sem o emprego do Vigor Ayer. Ninguem imagine que o tempo e a experiencia lhe trazem sabedoria e senso, e

pensem nas tolices que fez Salomão, um jovem tão promettedor dotado, aliás, com a sabedoria do Senhor, e que apesar d'isso teve trezentas mulheres, communicou com a rainha do Sabá e escreveu versos á Sulamite, dos quaes a egreja se apoderou subrepticiamente.

Só nós e os nossos sentimentos temos realidade para nós mesmos. A' impenetrabilidade da materia corresponde a impenetrabilidade dos espiritos. No mundo physico como no mundo metaphysico ou no mundo psychico só póde haver contractos, mais ou menos intimos, e quási sempre ha choques, mais ou menos violentos, que produzem estragos. E no fim de contas só a illusão tem realidade objectiva.

DE SUPERSTITIONIBUS

Ha espiritos fortes que deslumbram e riem das superstições, mas declaro que ainda não encontrei nenhum que as não tivesse. E é natural que assim seja, porque a superstição é inteiramente alheia ao raciocinio, e, se assim não fôsse, deixaria de ser superstição.

Nós hoje estamos vivendo dos restos da cultura grega e romana, que ora comemos frios, ora requentados, ora preparados com môlhos de uma cozinha nova, que os disfarçam tornando-os indigestos.

Para que isto succeda é preciso que esses povos antigos fôssem eminentemente cultos, o que os não impediu de serem fundamentalmente supersticiosos.

E' verdade que hoje em dia já não consultamos as entranhas das victimas a não ser nos casos de autopsias judiciaes. Mas consultamos os augures, e dizem-me que a conta corrente da famosa madame de Thebes com o seu banqueiro é tão respeitavel como a de qualquer commerciante honesto e prospero. Madame de Thebes

prevê — ou previa, que eu não sei se ella ainda existe, pois a preoccupação da guerra veiu obscurecer muita celebridade — o futuro, como o commerciante provê, quando os Ministerios da Alimentação lh'o consentem, — ás necessidades do presente. Ora, o futuro é uma necessidade do presente — póde mesmo considerar-se objecto de primeira necessidade — ao contrario do passado, que é sempre desnecessario e a maior parte das vezes inconveniente. O passado é, na vida, o que eram antigamente as longas caudas do vestido — inuteis, levantando pó, irremediavelmente pisadas pelos desastrados que iam atraz, e fazendo por vezes tropeçar, quando se voltavam, as elegantes senhoras que as arrastavam. E' preciso muita arte para a gente não tropeçar no passado, que se não póde cortar como o rabo de um cão. Felizmente, como succedeu ás caudas dos vestidos, o passado vae passando de moda, e a gente hoje só se occupa do presente e, vagamente e por superstição, do futuro.

Em Londres, que é hoje a capital do mundo e de que Paris é um elegante suburbio, abandonam os magos e videntes de ambos os sexos e de todas as nacionalidades, de preferência hindús ou egypcios, pela maior parte nascidos em Hammersmith ou nas proximidades do palacio de Cristal. E em Piccadilly encontram-se a cada passo homens-sandwich, annunciando uma vidente, um homem que vê no cristal, um palmista e varios nigromantes que lêem o futuro nas cartas de jogar, como qualquer banqueiro ao monte e ao baccarat que tenha a vulgar prudencia de usar baralhos marcados.

Esta denominação de homens-sandwich, applicada a uns pobres diabos sem camisa mas com

gravata, que passeiam nas ruas de Londres com um cartaz no peito e outro nas costas, é uma generalização por semelhança do acepipe inventado por lord Sandwich. Foi este par de Inglaterra celebre jogador.

Quando, pela noite adiante, apertava com elle a fome, afim de se não levantar da mesa do jogo para ir cear, mandava vir para alli mesmo uma fatia de carne entre duas fatias de pão, que comia emquanto fazia as suas paradas. De ahi deram os inglezes a este arranjo, depois aperfeiçoado pelos gourmets, o nome do seu auctor. Os hespanhoes, tão orgulhosos da sua lingua como rebeldes ás estrangeiras, chamam-lhe «emparedados». Os francezes, sempre promptos a borbarar os vocabulos inglezes para vingarem a beata Joanna d'Arc que os inglezes torturaram, dão-lhe o nome de «sandeviche». E em Portugal, o Sr. Candido de Figueiredo deve escrever «sanduiche», se não inventou uma palavra apropriada ao caso como «desporto» para substituir «sport».

Chamem-lhe como lhe chamarem, todos a comem do mesmo modo — á mão, e com os dentes, se os têm. Porque isto do garfo é uma superstição moderna, vinda provavelmente das eiras.

Eu não quero approvar as superstições. Mas quando a uma mesa se sentam treze pessoas e d'ellas morre uma de alli a pouco, será difficil convencer as outras doze se tornem a sentar á mesa com mais uma. Se o Acaso, a Providencia ou o Fado, fez que um homem sempre que emprehendeu um negocio á sexta-feira veja falhar esse negocio — elle fará o que quizer, mas eu no seu caso passava a emprehendel-o á quinta-

feira. O exito ás vezes está em qualquer coisa. A propria questão do pé direito ou do pé esquerdo só não tem valor para quem só tem um pé, o que livra do «embarras du choix».

Conheci um homem que quando ia ao rendez-vous amoroso tinha o cuidado, ao contrario dos outros, de não pôr brilhantina no bigode, aliás havia sempre transtorno e falhava a aventura. Elle sabia muito bem que o transtorno não tinha nada com o bigode nem com a brilhantina. Mas era inutil arguir com elle, porque a sua experiencia provava-lhe com numerosos factos que entre a brilhantina do seu bigode e o amor do seu coração havia irreductivel incompatibilidade.

A superstição, no fundo, é uma consequencia do mysticismo innato no homem. E' a sub-consciencia que nós temos de que ignoramos completamente as leis que regem a vida. As leis descobertas pelos physicos, como a da gravitação, por exemplo, não passam de modestas posturas municipaes da Natureza. De facto, é impossivel saber, como, nem porque, nem por quem, essa lei foi promulgada e posta em vigor. Só quem não sabe nada é que explica tudo, ou pela aravia scientifica ou pela superstição.

Ha superstição religiosa, como ha superstição scientifica, politica, meteorologica, agricola e sobretudo superstição vulgar, dos pés, dos numeros, dos dias da semana.

A superstição religiosa não indica, como o suppõem certos calvinistas severamente estupidos, falta de sentimento religioso, mas sim uma defeituosa comprehensão e uma errada expressão d'esse sentimento. Assim, o meu cão, querendo manifestar-me a sua profunda e leal affei-

ção por mim, dá ao rabo, quando esse movimento não tem nenhum valor esthetico e como tal não me dá prazer nenhum, e lambe-me as mãos e a cara, o que é altamente desagradavel. Eu, porém, que o amo e comprehendo, deixo-o fazer, não pelo acto em si, mas pelo symbolismo do acto, e porque elle não entenderia a causa d'uma repulsa e achar-me-ia ingrato se eu o repellisse. Moralmente, é-me mais agradavel o agitar do rabo do meu cão que o sorriso d'uma linda bocca. Immoralmente já não direi outro tanto.

Anatole France no seu livro «Monsieur Bergeret a Paris», aliás muito inferior ao «Manequin d'Osier» que o precede, tem no principio uma ou duas paginas interessantes dedicadas á psychologia de Riquet, o cão do professor da Faculdade de Lettras. N'esse breve estudo psychologico, o fino analysta e delicioso estylista explica pelo sentimento religioso o facto de o cão vir agachar-se e lamber as mãos do dono, se este sem querer o pisa ou o magôa. Pede-lhe desculpas, em vez de lhe exigir satisfações, como faria um amigo de dois pés. O cão, no dizer de Anatole France, tem pelo dono o sentimento que o homem normal tem pela Divindade, e considera-o infinitamente bom e justo. De ahi conclue que, se o dono lhe fez mal foi porque elle, embora sem saber, tinha peccado; e, na humildade do seu coração innocente, pede-lhe perdão do erro inconscientemente praticado.

Ha pessoas que, em vez de terem a superstição das imagens religiosas, a qual consiste em attribuir directamente á imagem aquillo que pertence ao santo, têm a superstição das imagens e reliquias dos homens diversamente illustres. Um

pequeno de doze annos a quem eu um dia mostrava a abbadia de Westminster, applicada desde a Reforma ao culto anglicano, perguntou-me se as numerosas estatuas que povoam e desfiguram aquelle nobre edificio — Shakespeare, Addison, Pitt, etc. — eram imagens de santos. E tendo-lhe eu respondido que eram estatuas de grandes homens, perguntou-me ingenuamente se os santos não foram grandes homens. O facto é que a superstição das imagens e reliquias é propria á natureza humana. Tenho visto senhoras, mais dedicadas que elegantes, trazerem pendurada ao pescoço n'uma medalha de ouro que, comprada na rua da Prata, causaria, já não digo inveja, mas espanto a Benvenuto Cellini, a lamentavel photographia d'um sujeito bigodudo e gordo, sem dúvida seu marido, pois só o matrimonio sacramental poderia tornar o modelo amavel. E' este um caso, vulgar em certa classe, e em todas admiravel, de culto externo e superstição conjugal. Como ha homens que trazem as suas opiniões politicas ao pescoço, assim ha Griselias e Penelopes burguezas que trazem sobre o conchego dos seus amplos seios o symbolo manifesto da sua austera e amorosa fidelidade. Ha quem diga que livra de sezões.

Mas deixemos o culto dos deuses lares, que tanto póde ser discretamente praticado no boudoir elegante d'uma mulher do mundo como passeando-os em procissão na rua do Ouro sobre os magestosos andores em que muita materia adiposa protege um coração sensivel, e mesmo a superstição privada que guarda em cofres secretos, cartas, retratos, flôres seccas, anneis de cabello, e outras reliquias compromettedoras. Um alfaiate que eu conheci, mostrou-me

um dia, commovido, religiosamente guardados n'uma pasta de marroquim, os moldes de sobrecasacas e outros objectos de vestuario que um filho recentemente fallecido cortava, emquanto, de tesouras na mão, andava n'este mundo e que eram compromettedoras para pericia do fallecido. E' um sentimento igual ao que leva a guardar os poemas ineditos d'um poeta ou a rótula do joelho de Santo Ambrosio.

Na vida publica, as praças mostram, com as suas numerosas estatuas, a superstição da imagem, pois a maior parte das vezes não só não influe para o facto o sentimento da Arte, mas antes pelo contrario este sentimento produziria legiões de iconoclastas. N'uma das mais lindas villas de Portugal — refiro-me a Santo Thyrso — ergue-se em pleno rocio a estatua d'um fallecido benemerito local vestido com a farda de fidalgo-cavalleiro. Foi assim que elle morreu, apesar de ter nascido no povo e nunca ter andado a cavallo.

As reliquias profanas são objecto de tanta, e mais ruidosa veneração como as reliquias sagradas. Os ossos de Camões já foram por duas vezes sepultados na egreja dos Jeronymos, convertida em pantheon nacional, porque um desmancha-prazeres se lembrou de affirmar que os primeiros para alli trasladados eram espurios e tinham pertencido em vida a um tambor de regimento. Tambem o delicioso padre Manuel Bernardes descrevendo o «zancarrão de Mafoma» — osso da perna do propheta — affirma que não é authentico, mas é simplesmente o da perna d'um camello, que attribuem a Mafoma por ser homem de estatura grande.

Devo dizer que a Egreja e o senso commum

condemnam todas as superstições. Mas a Igreja tambem condemna todos os peccados capitaes, e o senso commum todas as virtudes contrarias. E, no emtanto, não ha ninguem que não tenha commettido algum peccado capital, ou que não se possa gabar de alguma virtude contraria.

A vontade popular, a representação nacional, o suffragio universal, são outras tantas superstições politicas. Os medicos, e muitos doentes, têm n'este momento a superstição do microbio. Mas não os censuro por isso. Como César, no drama de Shakespeare queria junto de si homens que fôssem gordos, eu, que não sou César, contento-me bem ver-me cercado de homens que sejam supersticiosos.

Para não fallar da antiguidade, era supersticioso Napoleão, e era supersticioso Bismarck. É livre de toda a superstição qualquer jumento, o que prova que a liberdade do espirito não é incompativel com o comprimento das orelhas. Eu admiro os espiritos fortes. Mas quando são demasiado fortes, parecem-me moços de fretes intellectuaes.

DO PRECONCEITO

Ha muita gente n'este mundo — sem fallar dos que já se acham confortavelmente no outro — que não tem idéas, em opposição áquelles que era melhor que as não tivessem. E os irracionaes e outras pessoas a quem a Providencia ainda tem tempo de dar senso commum, antes de fechar a loja á pressa na rigorosa observancia do Sabbath, perguntam uns aos outros como é que taes espiritos podem navegar com segurança nos agitados mares do Pensamento. E o problema aggrava-se ao mesmo tempo que o descanso dominical se torna imperativo e inviolavel á face da lei, desde que o direito ao trabalho, recentemente proclamado e geralmente acceito, é solidario com a obrigação de não trabalhar. Quando o trabalho era um dever ou uma necessidade, cada um trabalhava quanto podia ou quanto lhe convinha. Logo, porém, que deixou de ser um dever e passou a ser um direito, aquelles mesmos que reclamavam esse direito, considerando que em uma sociedade organizada todos os direitos devem ser limitados, exigiram que

este fôsse estrictamente circumscripto a certos dias na semana, a certas horas no dia, e a determinadas condições de salario, para que não abusassem d'elle, na medida das suas posses, aquelles a quem elle fôra reconhecido. E essa prudente regulamentação tende em toda a parte a dividir o dia de 24 horas em quatro partes, tres iguaes e fixas, e outra indeterminada, a saber : oito horas para dormir, oito horas para folgar, oito horas para descansar, e o resto para trabalhar. E foi, colhida de surpresa por esta sabia legislação, que a Providencia, tendo inconsideradamente deixado o senso commum para o fim, se viu forçada pela escassez do tempo a ser parca na sua distribuição. Foi, pois, quando uma d'essas raras pessoas a quem elle coube, perguntou aos irracionaes como podia navegar a gente sem idéas, que uma vacca hollandeza lhe explicou que era graças aos preconceitos.

O Preconceito é a base não só da Sociedade, mas do Pensamento. Se entre os meus leitores ha alguns que tenham a felicidade de jogar o golf, dir-lhes-hei que o Preconceito é o «tee» de onde parte inicialmente a bola. Se não sabem jogar o golf, mas aprenderam grego, que é um exercicio muito mais violento e menos interessante, dir-lhes-hei que é o Alpha da existencia. Se têm tendencias classicas explicar-lhes-hei que é o leito de Procusto do Pensamento. Se não sabem nada aconselhal-os-hei a que vão para a escola, visto que a educação é um preconceito.

Antes de fazer a Luz, Deus fez o Preconceito, visto que a luz é um preconceito. O que se prova com a existencia de muitos animaes que vivem na mais caliginosa treva e n'ella medram e se reproduzem.

Alguns, sem d'ella sairem, chegam a ser doutores, para não fallar da arraia meuda dos bachareis.

O Preconceito é a base da sociedade, pois é elle que divide as classes. E' uma loucura suppôr que póde haver sociedade que não esteja dividida em classes, e a questão politica e social reduz-se apenas a saber qual d'ellas ha de estar por cima e qual ha de estar por baixo. Nos paizes latinos, como Portugal, que foi sempre democratico nos seus sentimentos, desde o tempo em que o rei D. Pedro, a quem a historia chamou o Cru, por andar em constante ebulição, folgava e dansava com o seu povo leal, até D. Miguel, amigo do picador Sedvem, e depois até aos nossos dias — a linha divisoria dos preconceitos sempre foi mais tenue, embora se tenha accentuado com o avanço da Democracia. D'antes, os fidalgos portuguezes iam para as hortas onde fraternizavam com o povo no culto da estroinice a que não era estranho Baccho e a que assistia Neptuno sob a humilde fórma de peixe frito. Quando começavam todos a ser fidalgos até que todos deixámos de o ser, desappareceu a fraternidade do peixe frito e salada, com vinho tinto do Termo — a unica que desde que S. Paulo escreveu aos epliesios tem tido realidade no mundo.

Nos paizes germanicos—se assim lhes posso ainda chamar sem aggravo—onde o feudalismo se prolongou até aos nossos dias, como a Inglaterra, a Allemanha, a Austria, com as suas Camaras dos Senhores e a politica dominada pela aristocracia, ou a Belgica, ainda ha menos de um seculo sob o dominio austriaco, paizes bem ordenados em prateleiras e gavetas, as li-

nhas divisorias das classes são nitidas. Não quer dizer que se não possa passar de uma classe para outra. Mas quem entra para uma classe, entra e fecha a porta. Não é um terreiro aberto.

Falla-se sempre dos preconceitos aristocraticos, como se só a aristocracia os tivesse. Ora, de facto, os preconceitos burguezes e os preconceitos populares não são menos numerosos, nem menos illogicos, nem menos irritantes. Em qualquer dos casos são idéas que se formaram e fixaram, e entram no espirito — tal e qual como os enguiços — pela tradição e o meio.

Todos conhecem o phenomeno da fossilização, em que uma arvore se vae lentamente desaggregando e as suas moleculas vegetaes vão sendo ao mesmo tempo substituidas por moleculas mineraes. Passados milhares de annos, a arvore conserva todo o seu aspecto. Sómente de organica passou a ser inorganica.

Não cresce, não tem seiva, não dá flôres nem fructos. O que era madeira é pedra. Por isso mesmo mais forte e mais rija. Contra ella quebra-se o machado e embota-se a serra. Sobre ella póde-se edificar solidamente. O preconceito é uma idéa fossilizada.

A idéa nasceu, cresceu, floriu e fructificou, reproduziu-se; e depois, lentamente, com o andar dos tempos, perdeu a vida organica e tornou-se em preconceito. Então contra ella embota-se a serra da analyse e quebra-se o machado do raciocinio. Mas sobre elle só, se póde edificar com segurança.

Li algures de certo animal que vive na agua (e talvez por acaso seja um peixe) o qual pondo-se-lhe perpendicularmente na vasilha em que vive uma lamina de vidro, passa metade da vida

a dar com a cabeça no vidro sem ver que d'alli não ha passar.

Afinal, reconhece que ha um obstaculo qualquer, e então póde-se retirar o vidro, que elle passa a outra metade de sua attribulada existencia a chegar ao sitio onde o vidro estava e a voltar para traz. Custou-lhe a adquirir a idéa, mas, uma vez tornada em preconceito, nunca mais a perde.

A aristocracia tem geralmente o preconceito da sua superioridade que lhe vem de seculos de predominio politico e social. E como esse preconceito offende a vaidade, que é o callo de todos os pés — das outras classes, estas não lh'o perdoam. As classes médias têm o preconceito da sua virtude permanentemente offendida. O povo tem o preconceito da oppressão da aristocracia, embora não haja nem aristocracia nem oppressão, e, desde a revolução franceza, o da irreligião. A mania religiosa — filha de um preconceito que inicialmente pôz na alma humana um Deus interesseiro e sagaz, e que d'ella, desde então, tem tentado arrancar pessoas igualmente interesseiras, mas incomparavelmente menos sagazes — é muito menos vulgar que a mania irreligiosa. O mais longe que os philosophos têm ido é a affirmar que Deus é um preconceito, implicando assim, sem darem por isso, que é irreductivel.

Nós vivemos de preconceitos. A familia é um preconceito humano, que não existe na natureza, senão no curto espaço de tempo em que as crias precisam do cuidado materno. Foi na sua origem uma idéa — talvez a da defesa collectiva. Hoje, a defesa collectiva está nas mãos da policia, onde, confesso com pejo, não tenho pessoa

nenhuma da familia. Mas a idéa fossilizou-se, tornou-se indestructivel preconceito, a ponto tal que certo governo provisorio a pôz legalmente no logar do preconceito do Natal que era impossivel supprimir.

A Patria é outro preconceito. Se alguem fôsse agora a fundar uma patria como todas ellas foram fundadas, por conquistadores acompanhados de guerreiros nobres e rapaces, levantavam-se indignadas as idéas. Mas a idéa primitiva converteu-se com os seculos em preconceito, e tornou-se uma coisa sagrada para mim e para muita gente bôa. E o mesmo succede com a gloria militar que põe na sombra todas as outras, embora com isso gemam os raros e estimaveis pacifistas que prégam a paz universal, exceptuando apenas d'ella as relações naturaes entre gatos e ratos, se têm em casa d'estes animaes, tanto como elles, amigos de queijo. Só sei de um pacifista que, em vez de perseguir os ratos, os circumcisava, na esperança que lhe não fôssem ao toucinho. Mas a isso eu chamo um attentado contra a liberdade de conseiencia, onde quer que ella se ache.

Não direi aqui a quantidade de preconceitos de que é feita a consciencia moral da humanidade, para que não me accusem de immoral e porque não sei a que mãos inexperientes e a que consciencias vacillantes irá parar o que escrevo. Mas o facto que, abolida toda a religião, que é a unica base logica da moral, esta ainda subsiste, provém de que o Preconceito não foi destruido. E' difficil, se não impossivel, comprehender a razão, fóra da idéa religiosa e do alcance da policia, porque uma pessoa não ha de roubar, assassinar, prevaricar e violar todos os

artigos do Decalogo, se isso lhe convier ou lhe appetecer. E no emtanto ha pessoas absolutamente destituidas de toda e qualquer fé, racionalistas e até materialistas, que são, não só pessoas de bem, mas pessoas excellentes, algumas até dotadas de uma virtude hostil — ao passo que pessoas profundamente religiosas são verdadeiras esponjas de peccados: absorvem quantos lhes apparecem. E no emtanto não ha nenhum raciocinio honesto que leve á pratica do bem nem ao cumprimento dos mandamentos da Lei de Deus. Ha quem allegue o instincto da conservação da especie.

Ora, considerando bem a especie, eu não vejo uma grande vantagem em a conservar. De resto, o decrescimento das natalidades em França, em Inglaterra, e nos ultimos annos na Allemanha, mostra que a conservação da especie é o ultimo dos cuidados do homem civilizado. E, se este lamentavel phenomeno se não observa nos povos incivilizados e nas classes inferiores das nações cultas, não será temerario affirmar que não é isso devido a um especial cuidado d'esses povos e d'essas classes pela conservação da especie.

O que faz com que tantas pessoas sem o menor ideal religioso sejam verdadeiros poços de virtude é o que vulgarmente se chama a Consciencia Moral. Ora, essa consciencia é nem mais nem menos que o Preconceito. E' uma idéa antiga semeada pela necessidade material e pela idéa religiosa, que viveu, medrou, cresceu no espirito humano, e que, fossilizada, é a base indestructivel de todos os actos decentes que o homem pratica. E o facto eventual de haver pessoas cuja virtude não tem a profundeza e a im-

mobilidade de um poço, tendo aliás viva no espirito a idéa religiosa, mais prova que não é a idéa viva, mas o Preconceito morto, que determina as acções humanas e fixa as regras moraes da vida.

O mundo hoje é christão. E aquelles mesmos que negam a doutrina e recusam a idéa, obedecem inconscientemente aos preceitos, porque têm o preconceito do christianismo. Ninguem é capaz de affirmar, como principio moral, um principio avêsso á moral christã.

Ha annos em Salt Lake City foi eleito membro do Congresso Americano um mormon. Os mormons prégam a polygamia, e — o que é muito mais imprudente — praticam-a. Levantou-se em todo o paiz um brado de indignação, e á frente do protesto estavam todas as solteironas da America.

Ora, sob o ponto de vista das realidades praticas, ninguem teria mais interesse na generalização da polygamia do que essas donzellas de maturidade perfeita, e ás vezes mais que perfeita.

Nao foi, pois, um interesse egoista que as moveu. Não foi o raciocinio, pois não ha raciocinio exacto que condemne essa instituição, perigosa apenas para a paz do ambicioso marido. O que as determinou foi o Preconceito. E tão vigoroso e intangivel elle se mostrou n'essa occasião, como em todas, que o Congresso Americano não consentiu que aquelle aliás excellente pae, não só de familia, mas de familias, tomasse assento no seu seio.

E só pôde retomar assento no seio das suas numerosas esposas, se porventura a multiplicidade d'ellas lhe deixava muito tempo para estar

sentado. Que, no fundo, elle talvez só ambicionasse uma cadeira no Congresso para ter descanso, que o Preconceito lhe recusou.

Um exemplo ainda mais frizante de que é infelizmente o Preconceito, não a Razão — senão que seria de nós! — quem governa o mundo é que ainda recentemente foi condecorado um soldado por ter morto dezeseis homens, e no mesmo dia foi enforcado um paizano por ter morto um homem só.

Aquelles que se revoltam contra o Preconceito não fazem mais que obedecer ao preconceito da revolta contra a auctoridade e os poderes estabelecidos — tão antigo que já lançou para a Gehenna a Lucifer, aliás tão estimavel, que exercia na côrte do céo o invejavel cargo de Archanjo. E' este preconceito que faz crer que mudando se melhora, quando a experiencia e um frio raciocinio mathematico provam que são 10 contra um que mudando peioram. O peior de tudo é sempre, por consenso unanime, o presente, comparado ao passado. Logo, o futuro, que vem necessariamente a tornar-se presente, ha de ser peior que o presente, que a esse tempo será passado. «Quod erat demonstrandum».

Não direi nada do pudor nem das bôas maneiras, que nascem do Preconceito. Mas a vida sem o pudor seria, pelo menos nos paizes quentes, a ruina das costureiras, o que sensivelmente aggravaria a questão social; e a sociedade sem bôas maneiras seria uma ménagerie. E' o Preconceito que impede que um homem educado crave uma faca de aço, tanto em um peixe morto como em uma pessoa viva. E elle lá tem suas razões, embora muitas vezes inexplicaveis.

O Preconceito são os muros de pedra e cal

d'esta estreita e tortuosa azinhaga da Vida por onde a gente caminha sem saber bem para onde. Quem dá com a cabeça n'elles quebra em geral a cabeça. E o audacioso que salta o muro arrisca-se muito a quebrar as pernas.

MODAS E CONFECÇÕES

Não se julgue de modo algum que eu tenho a pretensão de fazer esquecer, em columna e meia de jornal, o «Sartor Resartus» do immortal Carlyle, embora a reputação d'este original pensador ande muito por baixo desde que rebentou a guerra entre a Inglaterra e a Allemanha. A razão d'esta baixa está em que Carlyle, que apreciava a força em todos os seus aspectos, intellectual, moral ou physico, panegyrista de Cromwell e de Frederico o Grande, manifestou ha quarenta e seis annos a sua admiração pela Allemanha e introduziu em Inglaterra a philosophia e a mentalidade allemãs que até ha coisa de cinco annos predominavam na intellectualidade britannica.

Da influencia allemã, que durante quási meio seculo se exerceu na sciencia, na philosophia e na litteratura da Inglaterra, são hoje asperamente accusados Carlyle e a rainha Victoria. Para se desculparem de ter, durante todo esse tempo, estudado, pensado e escripto á sombra do Pensamento allemão, os outros precisavam de um

bode expiatorio, que foi Carlyle. No meu innato respeito pelas tradições, pelo sexo, e em particular pela respeitavel senhora que durante mais de sessenta annos cingiu com admiravel senso commum a corôa real de Inglaterra e Escocia, não sei como a classificar n'este caso.

Tambem não tentarei fazer a historia do vestuario, que teria muito que dizer, desde a simplicissima toilette de Eva, depois da sobremesa, até aos vestidos de meia bailarina adoptados hoje, em que as senhoras amavelmente mostram os braços de noite e as pernas de dia, reduzindo o mysterio da sua anatomia a justas proporções. Eu sei pouco de modas femininas, mas isso não é razão para não escrever sobre ellas. Se a gente só fallasse d'aquillo que sabe, nove decimos da humanidade andavam calados e o restante decimo gaguejava penosamente. Um dia ouvi uma conferencia em francez sobre o Ruskin. Eu desadoro a discussão, sobretudo com conferentes, que são pagos para fallarem sobre um assumpto emquanto que ninguem me paga para os ouvir. Mas uma senhora do meu conhecimento, que tem uma predilecção especial pelo Ruskin e outra geral e propria do sexo, pelas discussões, fez-se apresentar ao litterato francez e discutiu varias proposições que elle tinha avançado; e tanto fez que lhe extorquiu a confissão que não sabia inglez e nunca tinha lido o Ruskin, mas sim apenas um livro sobre o celebre e alienado critico. Foi este nobre exemplo da coragem gauleza que me inspirou o desejo de escrever sobre «Modas e confecções».

O assumpto é importante, pois se é certo que o habito não faz o monge, o facto é que um monge sem habito é geralmente um monge *dé-*

froqué. E não é menos certo que ha actos que um homem pratica em mangas de camisa e não praticaria de sobrecasaca. Nos tempos joviaes em que a fidalguia estroina de Portugal fazia patuscadas na calçada de Carriche e esperas de touros, os rapazes elegantes vestiam-se para isso de jaleca e cinta. Ninguem se lembraria de ir esperar touros de sobrecasaca e chapéo alto. Até os cabrestos ficariam attonitos. A pompa externa do vestuario penetra por um phenomeno especial de endosmose no corpo humano.

Quanto ás mulheres, têm os inglezes um proverbio que diz que as bellas pennas é que fazem as bellas aves. E é inutil argumentar com ellas, que ninguem comeu uma ave sem a depennar primeiro.

Analysar as roupas femininas nas suas constantes variações é caso de produzir alienação mental. Para mostrar erudição bastar-me-hia reproduzir um livro interessante e não muito comprido que as descreve em traços geraes atravez das idades, — não das idades das mulheres, o que seria perigoso, mas das idades do mundo. Não tenho, porém, o livro á mão, o que me impede de seguir nas pégadas do litterato francez que discursou sobre o Ruskin. Limitar-me-hei, pois, a aconselhar ás leitoras que examinem a elegancia das estatuetas de Tanagra, ou que admirem a graça mundana da estatua de Agrippina, a esposa de Germanicus, sentada n'uma poltrona de marmore e acolhendo os visitantes no Museu do Vaticano (se bem me lembro, mas talvez seja no do Capitolio) com a graciosa distincção de uma senhora de carne e osso que se prepara para nos fazer o chá das cinco horas. Recommendo-lhes sobretudo a elegancia supre-

ma das roupas que foram de certo cortadas pela Paquinia ou a Lucilia d'aquelle tempo, avó da Paquin ou da Lucille do nosso.

Circumscrevendo-me por agora aos trajes masculinos, começarei pelo chapéo, por ser, pelo seu symbolismo, a parte mais importante do vestuario. A corôa, o chapéo alto, o barrete phrygio ou simplesmente o de dormir, são objectos de uma alta significação symbolica. E' tal a importancia do chapéo, que um viajante meu conhecido, ao ir, pela primeira vez, para as regiões tropicaes, fez, depois de profundos estudos, um bem elaborado enxoval, que se compunha de um chapéo de palha do Panamá e um par de chinelos. Chegado ao seu destino, devo dizer que achou o enxoval incompleto; não só porque as exigencias da moral nos tropicos são tão imperativas como nas zonas temperadas, mas porque a sua pelle, degenerada pelo abuso de roupas desde a mais tenra infancia, não estava preparada para receber directamente os raios solares. A pelle humana, que Deus Nosso Senhor fez para defender o mecanismo interno dos estragos que n'elle fariam a chuva, o calor e o frio, está reduzida, por um processo de degeneração devido ás camisolas Jaeger e outras invenções semelhantes, ás humildes funcções de manter dentro dos limites da sua elasticidade os musculos dos athletas e a materia adiposa das pessoas prosperas. E' uma simples policia para conter as naturezas exuberantes. Quando não é isto, é uma sinecura.

Mas não é da pelle que se trata, é do chapéo.

Bem sei que ha em Inglaterra uns excentricos, vulgarmente conhecidos pelo nome de «hatless brigade» — brigada dos sem-chapéo —

que nunca usam esse ornato, mas isso não destróe a minha affirmação relativa á importancia d'elle. Os sem-chapéo são uma minoria excentrica, como os espiritistas e os vegetarianos.

Não se julgue que eu tenho a menor aversão aos espiritistas ou aos vegetarianos. Pelo contrario, inclino-me muito para uns e outros. Mas não só não evoco os espiritos, como até lhes peço que não se incommodem por minha causa, e prefiro que não me appareçam. E, sendo vegetariano, aprecio mais os vegetaes depois de convertidos na succulenta carne dos bois de Devonshire ou dos seus gloriosos rivaes do Rio Grande, ou na preciosa *saddle of mutton* do Paiz de Galles, que é justamente celebre pelos seus principes, pelos seus carneiros e por Mr. Lloyd George.

Tratando-se do chapéo — *à tout seigneur tout honneur* — reclama a precedencia o chapéo alto, de que tanto mal se tem dito, considerando-o uma invenção recente e inesthetica.

De facto, já Henrique II, de França, usava chapéo alto e, depois d'elle, Francisco II, Carlos IX e Henrique III. Tinha a aba muito estreita e a fórma de tronco de pyramide, ás vezes ornava-o uma pluma, mas era um chapéo alto. O jovial Bearn não o achou proprio para as suas alegres patuscadas de Vert Galant e abandonou-o pelo chapéo desabado, como os nossos estroinas de ha quarenta annos, quando iam esperar os touros ou cantar o fado na Horta das Tripas. Finalmente, foi este desbancado pelo tricornio de Luiz XIV, que durou até á Revolução Franceza. Com esta voltou o chapéo alto, não de aba estreita e afunilado, mas cylindrico e de aba larga.

E' curioso que o chapéo alto se tenha tornado, com o andar dos tempos, um symbolo aristocratico incompativel com as idéas modernas. E tanto assim, que em Lisboa, desde a revolução de 1910, desappareceu por completo da circulação, e ninguem se atreve a usal-o senão o Sr. presidente da Republica. De sorte que o chapéo alto passou a ser em Portugal uma especie de corôa democratica, o symbolo da suprema magistratura do Estado. Um seculo antes era elle um symbolo democratico. Os revolucionarios francezes repudiaram o tricornio e, deixando o barrete phrygio aos *sans culottes*, cobriram com o chapéo alto as cabeças, em que fermentavam as idéas novas. Robespierre e Danton usavam chapéo alto. A coisa era tão reconhecida, que Paulo I, da Russia, inimigo da Revolução e protector dos Bourbons exilados, deu ordem para expulsar dos seus dominios quem quer que usasse um chapéo alto, que então se chamava «chapeau rond». Em Portugal os constituintes de 1820 usavam chapéo alto.

Este afinal triumphou e era de chapéo alto que os inglezes caçavam faisões e jogavam o *cricket*. E, se foi mais tarde abandonado pelo *cap*, mais adaptavel, ainda se mantem no mais nobre dos *sports*, firme na cabeça dos *huntsmen* nas corridas de raposa. E' já um symptoma da sua aristocratização. Avançaram as cabeças, ao passo que o chapéo alto conservou-se moderadamente constitucional.

Até ha coisa de vinte annos o chapéo alto não era só aristocratico, era o symbolo da respeitabilidade, Em Londres ninguem se atrevia a apresentar-se fóra de casa a qualquer hora do dia ou da noite sem um chapéo alto na cabe-

ça. Se um caixeiro de escriptorio se apresentasse na City com qualquer coisa na cabeça que não fôsse um chapéo alto, ainda mesmo que fôsse uma corôa de duque ou uma corôa de louros, era instantaneamente despedido.

Tres coisas contribuiram para a decadencia do chapéo alto — o ferro de engommar, o automovel e a guerra.

Era realmente elegante um elegante inglez de ha vinte annos. Não tinha a graça do seculo XVIII com a casaca de seda, o calção e o tricornio; nem a alegria vistosa que lhe succedeu com a casaca de côr, o colete mirabolante de cuja algibeira pendiam numerosos berloques tilintando, e o chapéo branco de castor, e em viagem o *carrick* em que o dandy guiava *four-inhand* a trote largo e a galope pelas estradas poeirentas, na almofada do glorioso *drag*, quando, ao soar vibrante da trombeta do guarda, todo o tráfico parava para deixar passar o *mail-coach* cujo cocheiro abaixava cortezmente o longo chicote enrolado, em signal de agradecimento. Era o que os inglezes chamavam «the courtesy of the road» — a cortezia da estrada. Eu ainda vi os restos d'essa gloria. Mas o *coach* já não levava a mala, o *carrick* fôra substituido pelo casaco de panno fulvo, e o chapéo de castor branco era um anachronismo que se mantinha só como respeito á tradição. No meu tempo o *mail-coach* não era mais que um espectro. O ultimo que fez a classica carreira de Brighton foi guiado por um americano, Alfred Vanderbilt. Só os americanos manteem as tradições da Inglaterra.

A's 8 horas da manhã, ha vinte annos, viam-se descer Piccadilly homens aprumados n'uma so-

brecasaca preta abotoada ou aberta, de collarinhos altos e plastron branco ou preto, ou de côr muito escura, na cabeça um chapéo alto brilhante com os classicos «huit reflets» e botas igualmente brilhantes envernizadas com o verniz de Guiche. Era extremamente sobrio — um estudo em branco e preto — e dava-lhe uma distincção especial o chapéo alto. O chapéo alto aristocratizou-se desde que deixou de ser de castor e passou a ser de seda. E' que toda a gente podia escovar um chapéo de castor e póde escovar um chapéo de feltro. Mas nem toda a gente podia ter um criado de quarto bem treinado para lhe engommar todos os dias o chapéo de seda. Foi por isso que a democracia atacou o chapéo alto.

O chapéo alto mal engommado era uma coisa lamentavel. Podia ser respeitavel, quando não estivesse amachucado, mas era mediocre. Amachucado tornava-se pathetico.

A outra causa da desapparição do chapéo alto foi o automovel. Graças a este rapido meio de deslocamento, uma pessoa está sempre n'outro sitio. Tão depressa está em Londres como em Berkshire ou em Warwickshire. O chapéo alto, que estaria muito bem na metropole, não é toleravel nas estradas dos condados, nos parques e nas casas de campo, nem mesmo nas cidades de provincia para os que têm a distincção de as não habitar. Ora, a gente não póde estar a mudar de chapéo como muda de idéas. Seria trabalho de mais para uma cabeça. E como não fica mal a uma pessoa estar em Londres como se chegasse n'esse momento do campo, ao passo que seria indecoroso para um londrino apparecer em Manchester ou em Liverpool como se

fôsse um burguez dessas laboriosas e odiosas cidades, o inglez hoje desce Bond Street e atravessa a City de fato de viagem, coroado por um democratico chapéo de coco.

Os *whigs*, que ha tres quartos de seculo eram reformadores liberaes e avançados, passaram a ser conservadores. Qualquer conservador hoje é tão avançado como os liberaes de então. O chapéo alto teve a sorte dos *whigs*. De symbolo da democracia passou a ser um distinctivo aristocratico. Finalmente foi banido quási por completo.

O que faz honra a esta revolução é que ella cingiu-se apenas ao chapéo, quando outras houve que attingiram as cabeças.

II

Se a guerra tem sido cruel para a Belgica, a ninguem tem feito mais transtornos que ao chapéo alto. Ha paizes como a Italia e Portugal, onde elle já tinha sido abolido pela vontade popular. Em França e em Inglaterra, porém, embora o ferro de engommar e o automovel o tivessem prejudicado, elle resistia valentemente como Pétain em Verdun, ainda que com exito differente. E, como Joffre nas suas retiradas para melhores posições durante o anno de 1914, elle esperava mais tarde retomar a offensiva e passar de novo da nuca para o alto da cabeça, o que Joffre conseguiu e elle não.

Não obstante os poderes dictatoriaes que me

toda a parte têm assumido os governos belligerantes, quer combatam pelo militarismo, quer luctem pela liberdade, é justo confessar que nenhum prohibiu o chapéo alto.

A França prohibiu o absintho, a Russia prohibiu a vodka, a Inglaterra prohibiu o whisky, com graduação superior á de qualquer cabo de esquadra; Portugal prohibiu o entrudo, mas nenhum prohibiu o tradicional ornamento das nossas cabeças. No emtanto, as illustrações mostram-nos o Dr. Affonso Costa passando revista ás tropas portuguezas em Tancos, de chapéo de côco, e o presidente Poincaré visitando os campos de batalha de gorro de viagem. Tudo isto está em harmonia com o discreto kaki e as saladeiras que nos exercitos combatentes substituiram os uniformes brilhantes e os capacetes emplumados. Em tempo de guerra, sempre ouvi dizer que não se limpam armas, e observo que não se engommam chapéos.

Esta guerra não é certamente uma guerra de *panaché*. Já em 1870 Moltke oppuzera á esplendida *furia francesa* os movimentos methodicos de um homem de negocios; e ao passo que a França perdia tudo em brilhantes lances de jogador, a Allemanha ia juntando patacos no seu balcão de merceeiro. Mas a lição não foi inutil. E este negocio da guerra passou a ser uma lucta de ratos, com soldados vestidos côr do rato furando o seu caminho por baixo da terra. Parece que ao rato allemão já vae faltando o queijo.

Quando estes ratos voltam da frente da batalha, feridos, mutilados, ou simplesmente exhaustos para recuperarem as forças, seria de uma terrivel incongruencia que aos seus sobrios uniformes de valentes se misturasse o chapéo alto

rutilante dos que não foram para a guerra e as *toilettes* vistosas das mulheres. E então tudo adoptou a sobriedade modesta de que os militares nos davam o exemplo, e cada um, fôsse qual fôsse o seu sexo, tratou só de não dar nas vistas.

Quem pôde vestiu-se kaki. Vi o bispo de Londres de kaki, como capellão-mór das tropas inglezas em campanha. Vi elegantes senhoras e lindas raparigas de kaki com o chapéo boer, com mais ou menos cruz vermelha e algumas com galões de official. No meio d'isto tudo um chapéo alto seria tão incongruo como a agulha de Cleopatra no *embankoment* de Londres.

Mas, com o chapéo alto desappareceu tambem, não só a sobrecasaca austera mas o frivolo *morning coat*, a que nós chamamos fraque e que é incompativel com qualquer outra fórma de chapéo. Quando vejo algum pretenso janota de fraque e chapéo de côco, penso logo n'um grande sacrificio para aplacar os manes do Beau Brummel e o dos dois principes de Galles, que foram, em épocas differentes, arbitros das elegancias. E se os não realizo, é porque estou convencido de que nenhuma victima os satisfaria a não ser o proprio janota degolado por um pontifice, que seria o alfaiate Cook no altar do bom gosto.

Não ha dúvida que as mulheres só sabem vestir-se em Paris, embora saibam despir-se em toda a parte. As inglezas que se vestem bem, e não são poucas, vestem-se em Paris, ou, em Londres, por costurciras francezas. O homem francez, porém, é um animal mal vestido. Os poucos que se vestem bem vão vestir-se a Londres. O córte do alfaiate inglez, sem ser apertado, como em geral o do francez, define as linhas do corpo — se não as linhas verdadeiras, as linhas ideaes de

que a Natureza é avara. Depois, o inglez detesta dar nas vistas e o francez pella-se por isso. D'ahi provém a sobriedade, a quási uniformidade do trajar inglez, em contraposição ás fitas largas do monoculo do velho principe de Sazan, que morreu duque e demente, ás gravatas mirabolantes do actor Le Bargy e aos colletes *brochés* do visconde d'Avenel. E' sempre o panache, que um traz no peito, outro no pescoço e o primeiro trazia no olho direito. Não admira, pois, que alguns francezes usem fraque e chapéo de côco, como usam bigode e pêra. Mas devo prevenir á mocidade, de cuja educação fiz a minha missão n'este mundo, contra esses dois habitos que repugnam á natureza.

Não se imagine que é frivolo este assumpto. Chapéo alto era um freio, e nós agora andamos só com o bridão, o que é uma imprudencia sobretudo quando se trata de mal ensinados poldros. E tão importante é para o homem ter abas ou não no casaco, como para o cavallo ser moda o rabo cortado ou não. Por um espirito inexplicavelmente antiesthetico, a moda agora é deixar o rabo dos cavallos e supprimir as abas aos casacos. O odio ao appendice caudal no trajo humano motivou a vulgarização do odioso *evening jacket*, a que os francezes chamam *le smoking*, o que me faz lembrar a definição que n'um diccionario francez-inglez, feito em Inglaterra, encontrei da palavra *Footing: French for Walking*, isto é, «expressão franceza que designa andar a pé *(walking)*». Mas tudo isto se passou antes da guerra. Dadas as relações affectuosas que hoje existem entre os dois povos, francez e inglez, deve agora ser muito mais intimo o intercambio das linguas.

Do casaco passarei ás calças, objecto que chocaria em Inglaterra, pois embora alli seja usual o *walking* em francez *footing,* manda a bôa educação suppôr que os inglezes e, sobretudo, as inglezas, não têm pernas. O que é uma ficção que os factos desmentem.

Sob a influencia do chapéo, que de alto passou a baixo, alterou-se não só a fórma mas a essencia do casaco. Sob a influencia directa do casaco, e, portanto, indirecta do chapéo, alterou-se a existencia das calças. Ainda não foram substituidas pela confortavel tanga. Mas, se na essencia são ainda o mesmo desgracioso objecto que substituiu o elegante calção, não se podem usar do mesmo modo que se usavam ha vinte annos. Quando o chapéo de seda e a sobrecasaca eram o fato ordinario quotidiano de todo o gentleman e de todo aquelle que pretendia sel-o, usavam-se, geralmente, as calças arregaçadas para que as não maculasse a poeira ou a lama.

Desde, porém, que a sobrecasaca e o fraque passaram a ser trajos de ceremonia, tal uso tornou-se inadmissivel, e apenas se arregaçam as calças nos fatos completos, *lounging suit,* quer sejam de mesclados *tweeds,* quer sejam da sobria sarja azul.

Passando aos pormenores, apparentemente secundarios, do vestuario, darei a primazia á gravata, pelo motivo que algumas pessoas, pelo menos em Portugal, lhe dão o valor de uma affirmação politica, usando-a das côres da bandeira que representa as suas idéas.

Sob o ponto de vista, meramente esthetico, não approvo este systema de fazer do pescoço pão de bandeira.

Como tudo, directa ou indirectamente, provém do chapéo — muito mais que da cabeça — o nobre plastron branco ou preto desappareceu por completo com o chapéo alto e foi substituido pelo nó, á marinheira, ou pelo laço, que condizem muito melhor, na sua modesta simplicidade e na sua facil execução com as liberdades do chapéo de côco e do fato completo. Deve a gravata ser escura ou em harmonia com a côr do fato, de modo a não dar nas vistas. Em Inglaterra, os militares fazem excepção a esta regra, usando as côres regimentaes, sobretudo se pertencem a um regimento aristocratico. N'este caso, o snobismo innato no homem é disfarçado pelo *esprit de corps*, aliás repugnante á natureza humana, em que predomina o ciume intenso entre officiaes do mesmo officio ou do mesmo regimento.

As botas envernizadas, que eram indispensaveis á harmonia da sobrecasaca e do chapéo alto, quando um homem trazia um espelho nos pés e outro na cabeça, não vão bem com o completo claro. Triumpham as botas democraticamente engraxadas, ou mesmo os sapatos amarellos, dentro da cidade.

Ao empertigamento succedeu o *á vontade*. Os altos collarinhos que mantinham a cabeça no aprumo de uma dignidade, que existia ou não, mas que era em todo o caso apparente, cederam o logar aos collarinhos baixos, que os jovens ultra-janotas reduziram á expressão mais simples. O peitilho de gomma, duro e rutilante como uma couraça, foi substituido pela camisa molle, de côr. Ha até em França quem use o peitilho molle, ás pregas com a casaca. Mas, o francez veste-se mal...

A casaca ainda é o que nos resta da solemnidade cerimoniosa de outros tempos, e, como tal, requer o collarinho alto e o peitilho rigido.

Os *dessous* de seda são abominaveis, como os anneis em mãos de homem. São efeminados. Não ha razão para um homem que usa camisolas de seda e anneis, não trazer flôres artificiaes no chapéo e brincos nas orelhas, coisas que iam de certo bem aos *mignons* de Henrique III, de França, mas ficam mal a quem não tem os predicados physicos e moraes d'aquelles valentes. Se eu tivesse a menor pretensão a elegante, só usaria meias de seda á noite, com a solemne casaca.

O essencial no fato é o córte. Mandando eu, uma vez, a um réles alfaiate, para o assentar, um fato feito por um dos melhores alfaiates de Londres, o artista observou que estava mal acabado, o que não succedia aos d'elle, que só tinham o defeito de ser mal principiados. Deixei-o dizer, e lembrei-me de um honesto mestre de obras que criticou o Palazzo Farnese, porque não tinha as paredes forradas de papel.

Mas, nem tudo está no fato; tambem está muito em quem o veste. Ha homens em quem um fato velho parece sempre novo, e outros em quem o fato chegado do alfaiate parece velho e coçado. E' como as constituições politicas. Ha paizes que podem usar, durante seculos, a mesma Constituição, cujo córte elegante assenta sempre bem e parece sempre nova. São paizes que se sabem vestir. Outros, porém, estão constantemente a mandar fazer constituições novas, laboriosamente provadas e ajustadas, e, quando sáem á rua com ellas, parecem sempre andar de fato velho. São paizes que não se sabem vestir.

Ha uma intima ligação entre o vestuario e o estado social dos povos e a attitude mental e moral dos individuos. Os trajes da Idade Média, promptos sempre a receberem a armadura guerreira, qne a elles se ajusta, as roupas elaboradamente artisticas da Renascença, a casaca de seda e o tricornio das côrtes dos seculos XVII e XVIII, o chapéo redondo da Revolução, a casaca e as calças compridas, symbolizando a respeitabilidade do seculo XIX, e, por fim, o nivelamento actual do vestuario masculino, indicam a orientação politica e a mentalidade social das varias épocas. A maior revolução que fez a China não foi a deposição do Filho do Céo—que não sei agora de quem ficou sendo filho—mas sim o córte do rabicho.

Um regulo africano de tanga, tendo a cabeça ornada por um velho chapéo alto, ou um chapéo armado, com que um severo missionario escossez o presenteou, a trôco de vinte arrobas de borracha ou de um dente de elephante, é uma anomalia symbolica do contacto da sua alma encarapinhada com a theologia corredia do pastor presbyteriano. Em o africano apparecendo de calças é que entrou a civilização com elle.

Os japonezes, povo subtil, decretaram, com a introducção de uma Constituição occidental, o vestuario europeu, que não realça os seus encantos physicos, mas interpreta a sua attitude mental.

O cavallo domesticado usa freio—symbolo de uma civilização adiantada—e arreios proprios. O boi domesticado usa canga. O cão domestico usa colleira, quando Deus quer tem capa, e, nos paizes onde a liberdade é uma palavra vã, açaimo. Só se não domesticam os ani-

maes que se não vestem e, captivos, têm de passar os seus dias monotonos n'uma gaiola de aramé como os grillos e os canarios, ou n'uma jaula de ferro, como outros animaes mais perigosos, mas menos perturbadores da paz domestica.

A melhor revista de sociologia que eu conheço é, indubitavelmente, um jornal de modas.

GLORIA LITTERARIA

(Conselhos aos novos)

E' conveniente não fazer confusão entre gloria presente e gloria futura, sendo certo que a primeira é mais agradavel e incomparavelmente mais proveitosa, embora geralmente de mais curta duração que a segunda.

E tambem é bom não confundir nenhuma d'ellas com a gloria eterna, que é dos dominios da theologia e não tem absolutamente nada que vêr com a litteratura.

Muitos nomes têm sido applaudidos e glorificados na sua geração, que a geração seguinte pôz de parte. E mais tarde as futuras gerações ratificam o applauso dos contemporaneos, ou pelo contrario confirmam a segunda opinião deixando-os no esquecimento.

Quem quizer aspirar á gloria, precisa antes de tudo não ser original nem brilhante no fundo. Deve, porém, cuidar extraordinariamente da fórma. O publico, que é leitor e juiz, não quer idéas novas, que são sempre, para elle, ou in-

comprehensiveis ou irritantes. O que elle quer, e applaude, é vêr as suas proprias idéas, que elle não sabe articular, brilhante ou nitidamente formuladas. E tem razão. No fim de contas um bom sapateiro não é o que faz botas originaes mas o que as faz confortaveis. E se as idéas de cada um nem sempre são callos, ninguem em todo caso as quer maguar. Os escriptos para attingirem a gloria contemporanea, unica que dá rendas e satisfação ao seu auctor— devem ter o feitio da moda, ser de apparencia elegante e adaptar-se aos callos do leitor.

Na litteratura franceza, que é a mais conhecida em Portugal, e creio que no Brasil, o maior, para não dizer o unico grande poeta, é, se não totalmente ignorado, apenas conhecido de um pequeno numero. Toda a gente lia e admirava —e ainda hoje muita gente lê e admira—Victor Hugo, que tinha o genio de dizer em magnificos e sonoros versos rutilando de imagens as mais chatas banalidades. Todos na nossa mocidade amámos esse encantador Musset que afrancezou, tornando-o superficial e amavel, o amargo cynismo de Lord Byron. As nossas mães choraram lagrimas de assucar em ponto com Lamartine, esse terrivel banalão, pomposo nos seus ôcos discursos e piegas nos seus liquidos versos. Mas quem poucos lêem e ninguem cita é Alfred de Vigny, unico poeta realmente grande que a França tem produzido. Em algumas anthologias apparece esse curto e tragico poema *La mort du loup*. Mas como Vigny tem um nobre desdem pela humanidade banal, a sua obra não appella para o sentimento do publico que é outro, nem traduz as suas idéas que são triviaes ou nenhumas. E' o que Shakespeare chama «caviar to the

general». Em Portugal só meia duzia de pessoas a quem os tenho lido quási a soco conhecem as maravilhas que se chamam «Moise» (um poema que na grandeza só tem o seu *pendant* na estatua de Moisés que Miguel Angelo fez e se acha em San Pietro-invinculis), «Eloa», «Le Déluge» e n'um tom menor «L'Esprit Pur».

Em Portugal, o maior poeta moderno, o unico original e profundo pensador, Anthero do Quental, nunca foi nem será popular. O mesmo succedeu com Alexandre Herculano. E' que Anthero e Herculano em Portugal, como Vigny em França, não pensavam como o geral — e seus pensamentos eram caviar. Eu não quero comparal-os ás celebridades presentes, para não ferir susceptibilidades, nem as dos vivos nem as dos mortos. Mas referindo-me só áquelles que desceram á «mansão da morte» não dou novidade dizendo que os poetas populares da geração que precedeu á minha foram Soares de Passos, Palmeirim, Bulhão Pato, Thomaz Ribeiro, e é maior hoje a popularidade posthuma de Garrett que a de Herculano. Garrett era um poeta amoroso. O seu «Camões» é mediocre, só as suas lyricas têm valor real. Herculano tinha o sopro epico. Ora, o portuguez foi sempre um animal erotico, e perdeu o sentimento da epopéa. Por isso as idéas de Garrett são as idéas de toda a gente (já não ha muita) que o lê, ao passo que os versos de Herculano objectivam idéas que são d'elle proprio e não do publico.

Shakespeare esteve muito tempo esquecido. Foi desenterrado pelos criticos allemães, que por isso o consideram uma gloria da Allemanha, como os inglezes dizem que o vinho do Porto é um vinho inglez. São duas manifestações

inoffensivas do espirito de conquista de uns e do espirito de annexação dos outros.

Se Shakespeare é popular deve-se isso a tres causas. A primeira é que, como dramaturgo, Shakespeare agita sentimentos e não só ideas; e os sentimentos dos seus personagens, sendo profundamente humanos, são de todos os tempos e de todos os homens. A segunda é que Shakespeare é lido, ensinado, commentado e interpretado nas escolas, de sorte que fica sendo para todo o inglez uma instituição como a *Magna Charta* ou o *Bill of Rights*, e o povo inglez acata todas as instituições. A terceira e mais pratica das razões é que é sempre posto em scena com o incomparavel scenario que é apanagio do theatro inglez, de sorte que quem não o apreciar pelo seu valor litterario ou psychologico entretem-se a vêl-o representar, como se entretem com uma magica ou um melodrama de grande espectaculo.

A prova d'isto é que as suas peças mais populares são os dramas puramente sentimentaes como *Hamlet* e *Othello,* ou os de grande *mise-en-scéne* como *Macbeth*, e em menor escala *Julius Cesar*. E ainda assim, tanto Shakespeare como o vinho do Porto têm ainda hoje detractores e inimigos pessoaes. Existe em Inglaterra uma sociedade de maduros, cujo unico fim é provar que foi o Bacon quem escreveu as obras de Shakespeare, e ha medicos que attribuem a gota de que hoje soffre muita gente ao vinho do Porto que seus paes e avós beberam, e condemnam a geração moderna ao uso immoral das aguas engarrafadas, sem reflectirem que, se acontece com o vinho do Porto que uns bebem e aos outros dá gota, como com os figos, que

uns comem e aos outros rebenta a bocca, não ha razão para nos abstermos d'esses dois maravilhosos productos da agricultura portugueza.

Se, pois, me é licito dar conselhos aos novos, dir-lhes-hei que se abstenham completamente de ter idéas que podem correr o risco de ser originaes. São coisas que se encontram já feitas, em todas as medidas, servindo para toda a gente. O que é preciso é revestil-as de um estylo brilhante e illustral-as com imagens vivazes, ou á falta d'ellas com gravuras coloridas.

Ha duas especies de originalidade, como ha duas especies de graça, que convém não confundir. Houve um tempo em que eu, como toda a gente, me fartei de rir com os livros de Mark Twain. Um dia, por meu mal, li no *Athèneum*, um jornal litterario que se publica em Londres e tem o deploravel caracteristico de abundar em senso commum, uma critica ao popular escriptor americano que observava ser o seu *humour* uma coisa facil e evidente: consistia em fallar de troça das coisas sérias e a sério das ninharias. Reflecti. E verificando que o *Athèneum* tinha razão, nunca mais li Mark Twain.

Como o *humour* de Thackeray era espontaneo e o de Mark Twain era forçado, tambem o cynismo de Byron era espontaneo e natural ao passo que o satanismo de Baudelaire era forçado e falso.

A falsa originalidade é menos perigosa que a verdadeira, por isso os decadentes, os futuristas e outros trocistas, que para socego do meu espirito prefiro ignorar, têm a sua hora de popularidade. Ou são absolutamente incomprehensiveis e têm para o publico a mesma attracção que as manifestações espiritistas e os illusio-

nismos de Maskelyne and Devant, ou reduzem a sua originalidade a violar as regras a que a Arte chegou ao fim de milhares de annos de tentativas e estudo, como os acrobatas violam as leis da gravidade e do equilibrio. Ora, tudo quanto seja violar as leis consagradas fascina o publico, quer seja versificando como Antonio Nobre ou Verhaeren (cujo talento aliás não carece de acrobatismos para se manifestar, antes perde com elles), quer atravessando o Niagara por cima de uma corda, quer estripando as desgraçadas de Whitechapel ou arrombando o cofre forte de um banco.

Eu sei de uma senhora a quem ha annos uma grande costureira franceza, dizia: «La gorge se porte beaucoup cette année, Madame, mais les hanches ne se portent plus». E a pobre senhora, se ficou contente de ter uma coisa, não sabia o que havia de fazer da outra. O melhor era não ter nenhuma. E' mais facil vestir elegantemente uma mulher sem fórmas de especie alguma comtanto que tenha dois braços, do que a Venus de Milo. Assim tambem é mais popular o escriptor que reveste de um brilhante estylo o pensamento banal, como Gabriel d'Annunzio, mais lido e admirado que Matilde Serao ou Fogazzaro.

O perigo das idéas é que a gente póde ter «celles qui se pôrtent et celles qui ne se portent pas». E, embora tenha seio, que é uma coisa que se póde pôr, fica um infeliz irremissivelmente condemnado por tambem ter ancas, que é uma coisa que se não póde tirar.

DISCUSSÕES

(Conselhos aos novos)

Já anteriormente, abusando dos direitos que a experiencia — ai de mim! — me dá, aconselhei aos novos, ambiciosos de popularidade, que se abstivessem cuidadosamente de ser originaes. Continuando n'esta obra meritoria de ensinamento, aconselhar-lhes-hei que se abstenham de discussões.

Os moços jornalistas devem ponderar que o publico que os lê raras vezes lê os jornaes contrarios, do mesmo modo que os leitores dos seus adversarios em geral não lêem a sua prosa, por mais brilhante, mais arguta ou mais logica que ella seja. Portanto, refutar os argumentos alheios é simplesmente dal-os a conhecer aos seus amigos e lançar no espirito dos fieis a semente da dúvida. Exposta uma doutrina, o mais seguro é não lhe bulir. Não ha doutrina, por mais falsa ou por mais absurda, que não encontre adeptos, como não ha comida, por mais temperada, que não se digira. E' tudo uma ques-

tão de estomago. Que essa doutrina seja moral, religiosa, politica, economica ou artistica, sempre se encontram avestruzes. E', porém, conveniente não suggerir ao estomago vasio que ha outras comidas mais simples, mais saborosas ou mais nutritivas que o podem encher.

Ha, porém, discussões inevitaveis, e essas são as discussões oraes. Mas taes discussões, tenho averiguado que nunca levaram a convicção ao espirito do contraditor, nem sequer ao espirito dos ouvintes.

As convicções nunca são filhas do raciocinio. E' vulgar attribuir um phenomeno a uma causa unica, mas isso, como tudo que é vulgar, é falso. Uma planta nasce e cresce, e attribue-se a existencia da planta á existencia da semente. Ora, a planta nasce porque existe o solo, a agua, a temperatura, a semente, e dentro d'esta a força germinadora, mysteriosa, inexplicada e inexplicavel, visto que a divisão das cellulas não tem explicação natural que não seja a substituição de factos por palavras. Quando nasce um pinto, attribue-se todo o merito ao ovo, quando muito á gallinha, e nem sequer a maior parte das vezes se menciona o gallo.

E' absurdo attribuir uma causa unica ás convicções, muito mais dizer que essa causa é o raciocinio; e é impossivel conhecel-as todas. Mas indicarei algumas, como seja esse complexo de coisas vagas a que a sciencia, fertil em terminologia, deu o nome de atavismo. De facto, a sciencia humana (refiro-me á sciencia pura e não á sciencia applicada) reduz-se a pouco mais que um vasto lexicon. Citarei tambem como causas determinantes das convicções o temperamento, a educação, o meio, a posição social, a maior ou

menor violencia dos appetites naturaes, a idade, o sexo, a côr do cabello e o estado civil. O raciocinio, nas raras occasiões em que entra como ingrediente na sua composição, apenas serve a justificar aos nossos olhos, e a defender aos dos outros, as convicções formadas de tantos elementos heterogeneos e antagonicos, como o *plum-pudding* dos nataes inglezes.

N'uma discussão o auditorio limita-se a regosijar-se com a argumentação do orador, que formula, em phrases mais ou menos raciocinadas, as suas convicções. E, quando escuta o antagonista, o seu sentimento é apenas a espectativa anciosa de vêr como serão rebatidos os seus argumentos, certo de que todos serão victoriosamente rebatidos, quando mais não seja, a murro. Por isso não me consta, na minha longa vida de observação politica, que um debate tenha alterado uma votação parlamentar.

Têm-se citado factos—e não serei eu que os conteste—de um orador ter arrebatado e levado atraz de si um auditorio. Mas, conhecida a inferioridade das intelligencias collectivas, não ha dúvida que nunca é o raciocinio que actua nas massas. O orador que se póde gabar de semelhantes triumphos oratorios é aquelle que formula a convicção já formada. E, se alguem se lhe oppuzer com raciocinios, o auditorio escusa-se a escutal-o, faz algazarra, atira-lhe batatas ou outros projectis menos comestiveis, expulsa-o da tribuna e, se não lhe acode a policia, da communidade dos sêres de cabeça intacta e costellas inteiras. N'este caso a discussão não existe.

Não só as discussões politicas, mas as discussões scientificas ou philosophicas, e até as dis-

cussões theologicas, não estão isentas de violencias oraes ou mesmo de violencias physicas. Os escandalosos debates do Concilio do Vaticano foram a melhor justificação do dogma da Infallibilidade Pontificia.

Todos sabem como as discussões domesticas têm auxiliado poderosamente a industria da porcelana, e é natural que os fabricantes de louça sejam inimigos irreconciliaveis da instituição do divorcio, como os marceneiros são provavelmente os mais ardentes partidarios do regimen parlamentar.

Quem n'uma discussão publica quizer fazer vingar suas doutrinas deve coordenar os seus argumentos de fórma a ter, como ultimo e decisivo, uma maioria dedicada e musculosa, sendo possivel armada de mócas ou varapáos.

A discussão não é só inutil, é contraproducente. Eu só a aconselharia a quem se sentisse hesitante nas suas convicções e as quizesse fortalecer. Porque na discussão entra, como em tudo n'este valle de lagrimas, o amor proprio, que é o movel principal das acções humanas, tanto bôas como más. E quem discute descobre, só para se não deixar vencer, nem convencer, raciocinios e argumentos, nunca formulados nem sonhados, que fortalecem as suas opiniões. Outro tanto succede ao antagonista, de modo que dois debatentes, em vez de se convencerem reciprocamente, de facto convencem-se a si proprios.

Ninguem tem razão, talvez por todos a terem. Cada questão tem, como o cubo, seis faces, e ninguem vê senão uma. Vêl-as todas seria uma aberração visual, uma especie de stygmatismo da intelligencia, que demandaria grande com-

plicação de vidros para se adaptar á visão normal.

Se ha quem a tenha são em politica os parlamentares que nunca chegam a ser estadistas, em arte os criticos que nunca chegam a ser artistas, e em geral os namorados que nunca chegam a ser maridos. São todos aquelles que nunca chegam a ser nada. Julgam-se superiores e no fundo falta-lhes alguma coisa, como ao grande eunucho de Constantinopla. Contemplar ainda é peior que discutir.

E, no emtanto, eu mantenho que discutir é um erro ou uma illusão. O que é preciso é affirmar. Onde tem de medrar a affirmação medra, e onde não medra, se se evitar a discussão, lá fica a babugem da doutrina affirmada. O que dom Basili disse da calumnia — «calomniez il en reste toujours quelque chose» — digo eu da affirmação mais gratuita da doutrina mais abstrusa.

Creiam-me os novos. Da discussão não sahe a luz. Quando sahe alguma coisa é muita pancadaria.

AVÓS E NETAS

Li não ha muito tempo no «Commercio do Porto» um artigo acêrca de um prefacio escripto pela minha venerada e gloriosa amiga, a Sr.ª D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, para o livro do Sr. Augusto de Castro, «Fumo do meu cigarro». Esse prefacio, cheio de graça e verve, não confirma, porque não precisa de confirmação, o indiscutivel e consagrado talento da grande escriptora, a quem o fallecido rei D. Carlos deu entrada na ordem do terrivel S. Thiago, e que a Academia das Sciencias recebeu no seu gremio, ficando com esta acquisição mais que compensada da perda do *s* que generosamente abandonou no seu titulo.

N'esse artigo, cujo auctor desconheço e que é indubitavelmente uma senhora, e uma senhora moderna, provavelmente nova, possivelmente bonita, certamente intelligente, compara-se a mulher de hontem com a mulher de hoje, á qual se dá toda a vantagem sobre a sua predecessora.

Para evitar equivocos, direi desde já que pes-

soalmente prefiro muito a mulher de hoje á de hontem, não por ser mais util, ou intrinsecamente mais agradavel, mas por ser mais nova. E, se um dia chegar á gloriosa situação que o calão francez define pela carinhosa expressão de «vieux gaga» é mais que certo que darei a minha preferencia á mulher de amanhã. Nas minhas palavras não se deve, pois, vêr a expressão de uma preferencia ou de uma sympathia, mas apenas um acto de justiça, embora não seja precisamente uma reivindicação social.

Ha quem só ame o passado, e ha quem só ame o que ha de passar. No catholicismo do meu espirito, aprecio indifferentemente os dois tempos do mesmo verbo. E tenho por base da minha philosophia domestica esta verdade absoluta — que o preterito já lá vae, que o futuro talvez nunca chegue, e o presente não existe, pois, quando se contempla, já passou. Ha quem lhe chame a philosophia do não-te-rales. Não é, pois, por idéa preconcebida, que eu direi alguma coisa em favor da mulher do passado.

A auctora do artigo a que me vou referindo allega que a mulher de ha meio seculo seria incapaz de arcar com as difficuldades da hora presente. Dir-lhe-hei que as mulheres foram sempre capazes de arcar com todas as difficuldades, até com todos os homens e com as outras mulheres. Mas deixando as generalizações limitar-me-hei a recordar-lhe o nome de Florence Nightingale — que lindo nome que ella tinha! — a qual só se soube que ainda vivia quando ha meia duzia de annos morreu.

Ha sessenta annos emprehendeu ella a viagem da Criméa, que então era mais difficil do que é hoje ir a Vladivostock, e nos campos de batalha,

com uma lampada na mão — *the lady of the lamp* — como está na sua estatua em Waterloo Place, ia procurando os feridos. Foi ella que fundou essa admiravel instituição das *nurses*. Era uma senhora da era victoriana. E no emtanto foi devido á sua energia que se reformaram os abusos e os erros do serviço de saude do exercito inglez.

Foram mulheres de hontem George Sand, George Elliot, Elisabeth Barrett, e são mulheres de hontem Maria Amalia Vaz de Carvalho, Mrs. Humphrey Ward e Matilde Serao. E as de hoje, incluindo a encantadora auctora do artigo do «Commercio do Porto», ainda estão tammaninas e têm de crescer um bocado para lhes chegarem aos calcanhares. E creia a minha amavel contraditada que, por mais votos que tenha ella e as suas amigas quási tão amaveis como ella, nunca terão a milesima parte da influencia politica que exerceram, sem suffragio e sem discursos, a princeza de Lieven e as senhoras da aristocracia ingleza na primeira metade do seculo passado.

O que é verdade é que tudo muda. Mudaram as mulheres e os homens, os costumes, a politica, as relações sociaes, a moda, a paz e a guerra. Não sei se mudaram para melhor, provavelmente não. Tambem não creio que mudassem para peior. Porque, como disse não sei se Talleyrand se Thiers — porque tudo quanto se tem repetido em francez ha cem annos foi dito por um ou por outro — «plus ça change plus c'est la même chose». Já a George Sand se vestia de homem, como cincoenta annos depois a doutora Mary Walker, em Washington, e Madame Dieulafoy, em Paris.

E' um erro suppôr que, porque a saia da mulher é curta, porque fuma e joga o golf, ella é hoje, mais do que era, a companheira do homem. Se as nossas irmãs e as nossas filhas hoje fumam como nós, é preciso não esquecer que quando nossos avós tomavam rapé, o mesmo faziam as nossas avós e as nossas tias, e a differença unica entre um e outro habito é que o do rapé é muito menos asseiado e muito menos esthetico.

A equiparação dos sexos, tão inconscientemente apregoada como um progresso, é na realidade um retrocesso e por isso me attrahe. Existe nos animaes inferiores, á excepção das aves, em que o macho se distingue por superior belleza; e nos peixes creio que só um naturalista, ou uma cozinheira depois de o cozer e abrir, poderá distinguir um peixe de uma *peixa*. Nas raças humanas incivilizadas a cooperação do homem e da mulher é completa. Ambos contribuem para a vida commum nas tribus agricolas, e nas tribus guerreiras a mulher trabalha e o homem combate. E quando não tem com quem combater não faz nada. São estas, puras idéas militaristas sem dúvida introduzidas pelo kaiser em Bechuanalanlia. Se não foi o kaiser foi Treitschke.

Ainda nas classes inferiores dos povos civilizados essa cooperação existe intensa. No campo, as mulheres trabalham na lavoura como os homens. E aos sabbados levam a cooperação ao ponto de os irem buscar á taverna, e então elles fazem de bebedos e ellas fazem de pernas que os levam á casa. A's vezes, para restabelecer o equilibrio, ellas dão-lhes uma sova para se pagarem das que recebem d'elles quando estão em seu juizo.

Com o ascenso na escala animal, com a ci-

vilização e com a educação individual, accentua-se a differença entre os sexos. E essa differença accentuada traduz-se no penteado, na roupa, nas idéas, nos gestos e até ás vezes na maternidade, a qual, nas altissimas civilizações, é moderadamente tolerada na mulher e absolutamente vedada ao homem.

Mas a não ser na louvavel operação de continuação da especie, não tenho fé na cooperação dos sexos. Ou um ha de ser subordinado ao outro — e qual d'elles haja de ser subordinado ao outro é-me totalmente indifferente — ou hão de ser rivaes. A minha indifferença em materia de predominio provém de estar convencido de que as mulheres não governariam menos brilhantemente a Russia do que a estão governando os operarios, soldados e camponezes. E louvo incondicionalmente o esforço feminino para substituir os regimentos pacifistas pelo Batalhão da Morte, composto de amazonas, comtanto que fiquem as bastantes para preencher os effectivos do Batalhão da Vida, aliás é o fim do mundo.

Eu dou o maior valor á rapariga moderna, não por a achar mais util que a sua avó, mas por a achar mais seductora, mesmo quando a sua avó era rapariga. O seu encanto particular consiste no seu cigarro.

Para mim tanto faz que uma mulher se occupe de sociologia como que toque harpa, que leia Chateaubriand ou Wundt, que profira discursos revolucionarios ou que recite ao piano, embora para minha tranquillidade prefira que ella borde paizagens a missanga a que atire bombas explosivas. Ella tem de passar o tempo. Mas ainda sou da época em que um homem

bem educado tinha de deitar fóra o charuto para se approximar de uma senhora, e acho incomparavelmente melhor pedir-lhe amigavelmente um phosphoro, como agora, se me esqueceu a phosphoreira em casa.

Prefiro a rapariga que joga o tennis ou o golf, o cricket ou o bockey, á elegante que jogava o croquet femininamente, fazendo trapaça. Mas no tempo em que a mulher elegante jogava o croquet, de saia comprida e cuia, a deliciosa rapariga de hoje, de saia curta e bota grossa, jogando o golf, com o cabello despenteado pelo vento que vem do mar, seria uma cavallona insupportavel, como hoje seria ridiculamente effeminado o elegante de cintura estreita e pé pequeno, tresandando a perfumes e de cabello frizado, que amava a cuia.

Isto de a mulher ser a companheira intellectual do homem é uma generalização perigosa. Houve sempre mulheres que o foram. Foi Paula a amiga espiritual e a companheira intellectual de São Jeronymo, e Paula não é precisamente uma mulher moderna. Foi Vittoria Colonna a amiga intellectual do Buonarrotti, foi Elisabeth Barrett a amiga intellectual de seu marido, o grande Browning. Em politica, muitas mulheres têm sido as companheiras intellectuaes e collaboradoras activas de seus maridos em todas as tolices que elles têm feito. Não é, pois, uma novidade, e no fundo, n'isto como em tudo, só muda a fórma: A mulher da Biblia, a mulher antiga, a mulher medieval, a mulher da Renascença, a mulher dos seculos XVII e XVIII, as mulheres da Revolução desde a louca Theroigne á encantadora Tallien, as mulheres do primeiro Imperio, desde a dedicada Madame Sans Gêne

ás adoraveis peccadoras geradas no seio austero de Madame Mère, as mulheres da Restauração e do Romantismo, as burguezas de Luiz Philippe, as cascadettes do Segundo Imperio, as Divorciadas da terceira Republica, e a mulher de hoje dada ao sport, á agitação politica e aos problemas sociaes, que ella é tão incapaz de resolver como o seu companheiro intellectual, embora n'elles sarrazinem os dois — é sempre Eva, mais parra, menos parra. E, mais por aqui, mais por alli, o mundo é sempre o mesmo Eden, com o Adão, a maçã e a serpente. Que o Adão seja barbudo ou que use o bigode á Charley Chaplin a sair-lhe das narinas como restos de rapé n'um nariz mal limpo, que a maçã seja o amor ou o suffragio, que a serpente seja o Diabo ou o Sr. Kerensky, a unica differença que ha entre Eva e Mrs. Pankhurst é a differença do vestuario. Agora o que faz falta é o Anjo Exterminador.

Eu tenho a desgraça de não acreditar no progresso da Humanidade. Acredito e admiro o progresso das Coisas, mas não vejo evidente o das Pessoas. E', sem dúvida, mais elegante e talvez mais efficaz deixar cair nonchalantemente bombas de um aeroplano a tres mil pés de altura que estripar o adversario á arma branca. Mas não vejo a superioridade do homem que morreu de um estilhaço de bomba sobre o que disse adeus á vida aos golpes do montante ou da alabarda. E tanto se me ha de dar morrer de microbios, como morrerei um dia, como de humores malignos de que teria morrido se tivesse nascido ha tres ou quatro seculos.

E a este respeito observarei que, se é certo que nós hoje devemos a maior parte das nossas

miserias ao alcoolismo e outros males adquiridos por nossos avós n'uma vida jovial e ignorante dos preceitos da moderna hygiene, considero uma censuravel falta de consideração dos medicos de hoje pelos seus collegas de amanhã o quererem submetter-nos a uma vida de virtudes theologicas e aguas engarrafadas.

Mas não é de nós que tratava a minha amavel preopinante, era das nossas mulheres, irmãs e filhas, que são aliás encantadoras. Creia, porém, que a gloriosa rapariga de hoje, que, cheia de saude e vigor, joga o golf nas dunas batidas pelo vento, é tão amavel, tão nervosa, tão util e tão inutil como a sua avó que jogava o croquet ou a sua bisavó que jogava a cabra-cega e se deleitava no balouço maliciosamente embalado pelo perfumado *abbé*.

Não repetirei aqui a resposta que aquelle bruto do Napoleão I deu a Madame de Stael e que esta nunca lhe perdoou. No emtanto receio que o moderno androgyno, mesmo quando não seja eleitor, esteja longe do ideal feminino do Corso que tratava as mulheres como tratava as provincias — annexando-as á força; tomando-as de assalto e occupando-as militarmente. Mas não é d'isso que se trata.

A mulher de hoje é sem dúvida muito mais encantadora que a sua avó — para o homem de hoje. Sómente receio que os nossos netos um dia a achem horrivelmente fóra de moda.

AMOSTRAS DO PENSAMENTO BRITANNICO

Um grande jornal londrino — que por mero acaso não é o *Times* — publicou a opinião do pensamento britannico, sobre a revolução na Russia, que sollicitou a pedido da Junta Provisoria da Duma. Para esse fim obteve as opiniões de Bernard Shaw, H. G. Wells, Sir A. Conan Doyle, Hall Caine, Arnold Bennett e Miss Marie Corelli. Se ponho no fim o nome d'esta senhora, não é por falta de galanteria minha, mas porque indelicadamente assim o fez o grande jornal em questão, attendendo talvez mais ao merito que ao sexo.

São meia duzia de nomes dos mais justamente celebres da litteratura ingleza e seriam naturaes representantes do pensamento britannico, se o pensamento se limitasse á litteratura. Mas parece-me que não teria sido fóra de proposito consultar musicos, sobretudo, os futuristas habeis nas dissonancias de Richard Strauss, os chimicos peritos em explosões e algum estadista que por acaso se occupe de politica. Não o fez, porém, o jornal, e se eu fôsse uma Junta Pro-

visoria pedir-lhe-ia que publicasse a opinião do deposto czar sobre litteratura e a do rei George sobre musica.

Entretanto, devo dizer que os pensamentos brilhantemente expressos pelos seis litteratos têm, á excepção do de Arnold Bennett, o indelevel cunho dos logares communs.

Arnold Bennett, que eu considero (a par de Eden Philpotts e de Matilde Serao), o primeiro romancista da actualidade, exprime-se com discernimento e senso commum, tanto que não resisto a cital-o na integra.

«Em Inglaterra», diz elle, e só n'este ponto se engana, tomando-se pela Inglaterra «o progresso da revolução será julgado pelo progresso dos preparativos para a eleição geral. Quanto á capacidade da Russia para o *self-governement* não póde haver dúvida que o paiz do Mir e do Zemstvo, se mostrará á altura da tarefa que inopinadamente assumiu. Ha quem acredite que a parte mais ardua da revolução já está terminada. Eu duvido-o. Derrubar um throno e um regimen é difficil. Foi o que a Russia fez, e nenhum amante da liberdade desperdiçará uma lagrima sentimental sobre aquelles que receberam o castigo merecido. Mas desarreigar a corrupção geral é certamente mais difficil, embora menos domestico».

Bernard Shaw, que é um fabian — um socialista intellectual e rico — entende que, se os russos escravos dos Romanoff, não obstante a sua dedicação, não puderam resistir aos allemães, os russos livres vão ser outro par de mangas; e que, em vista da revolução russa, é agora inevitavel a revolução allemã e a queda dos hohenzollerns. O peior é que o mesmo jornal que pu-

blica esta elocubração politica de Bernard Shaw transcreve um artigo do *Vorwaerts,* orgão berlinense dos socialistas allemães, que diz exactamente o contrario e affirma que o povo allemão é democratico, mas não anti-monarchico. Eu não me atrevo a decidir entre os dois, porque não conheço directamente a Allemanha. Bernard Shaw tambem não. Mas o *Vorwaerts* deve conhecel-a.

Hall Caine, o poderoso auctor do *Mauxman* e de *Eternal City,* acautela em tom prophetico a democracia russa contra as seducções da democracia allemã, e verbera com o seu usual vigor as iniquidades germanicas. Lembra um pouco o caso d'aquelle homem que perguntava sempre «Não ouviram cantar um perú?» A resposta do auditorio surpreso era: «Não, ninguem ouviu cantar um perú». — «Ah! pois imaginei que tinha ouvido. Mas a proposito de perú, quando eu estive no Perú...» e contava a unica historia que sabia contar. Hall Caine sabe contar muitas historias, mas agora queria contar aquella de quando esteve no Perú.

Conan Doyle diz umas banalidades que não perderei tempo a discutir, e que o seu arguto e immortal Sherlock Holmes seria capaz de enunciar.

Wells, o imaginativo auctor da symbolica *Time Machine,* de tão profunda e amarga philosophia, escreve esta phrase cryptica: «Nos corações das quatro nações britannicas, a revolução russa arde como um fogo» — o que é uma excellente coisa n'estes tempos de escassez de combustivel e de senso commum.

Deixei, para o fim, onde a pôz o jornal londrino, Miss Marie Corelli, conhecida auctora de

romances, em que as almas do outro mundo, se não são protagonistas, desempenham, todavia, um papel importante.

Em regra, as mulheres quando fazem o que sentem, fazem tolices, e quando dizem o que pensam, dizem-as. Só conheço duas excepções, que não quero citar, para me não crear um numero de inimigas que se poderia expressar pela fórma algebrica — todo o mulherio — *2*. Por isso, com a minha respeitosa affeição pelo sexo, eu aconselho ás senhoras que façam o que pensam e digam o que sentem. Fazendo e dizendo o que sentem, fazem tolices e escrevem maravilhas, como George Elliott, George Sand e Elisabeth Barrett Browning. Fazendo e dizendo o que pensam, têm a vida e produzem a litteratura, respeitaveis, de Miss Marie Corelli.

As cogitações d'esta estimavel senhora, acêrca da obra da Duma, levaram-a a concluir que «o povo, é e deve ser sempre, supremo em todos os paizes» — affirmação que é muito apreciavel, mas que não me parece inteiramente inédita. As razões que ella dá em justificação das suas convicções, são que «é o trabalho do povo que faz a prosperidade da terra; é elle o creador da riqueza, o promotor do progresso, o factor das futuras gerações». O ultimo predicado póde applicar-se igualmente á nobreza, e até em certos casos extraordinarios e lamentaveis, ao clero. Mas, não quero agora apreciar os meritos relativos das tres ordens do Estado. A conclusão de Miss Corelli é que, por esses motivos, «o povo deve ser senhor do destino da sua nação».

O que eu não posso deixar de observar é o perigo que resultaria para a sociedade em geral, e para os queijos em particular, da generaliza-

ção de um principio tão brilhantemente formulado por Miss Corelli. Pois, a applicar-se logicamente, n'uma leitaria, seriam as vaccas supremas e senhoras dos destinos da mesma leitaria, porquanto são ellas que fazem a prosperidade do estabelecimento e não ha dúvida que são «as creadoras da riqueza e as factoras (de accôrdo com um touro), das gerações futuras». Ora, se as vaccas fôssem supremas e senhoras dos destinos da leitaria, é provavel que se oppuzessem ao fabrico dos queijos. Além d'isso, contribuem com o seu esforço (como o povo), e mais com os seus vitellos e com o seu estrume, para a prosperidade da terra. E, como a revolução russa já assentou, antes de mais nada, na egualdade politica dos sexos, se a Junta Provisoria adoptasse litteralmente o pensamento de Miss Corelli, a Russia do futuro seria um paiz estranho, de onde se teria necessariamente excluido a bandeira vermelha para evitar touradas improvisadas na Perspectiva Newsky.

A logica das mulheres (embora sejam romancistas inglezas), como a logica das creanças, é totalmente diversa da logica divina. Assim, Miss Corelli é a creadora das suas personagens, a promotora dos seus enredos e a factora dos seus futuros romances, que espero sejam muitos e remuneradores. E, no emtanto, quem é senhor dos destinos de Miss Corelli são os editores e o publico.

Só uma fé viva nos póde fazer conceber a justiça e a logica divinas, que, evidentemente, são diversas da fórma humana d'esses predicados. A imagem terrestre mais perfeita que eu conheço da logica divina é a logica politica.

Lembro-me de ha coisa de dois annos ter

lido n'um jornal inglez (d'esta vez creio que era o *Times)* a explicação da coparticipação da Russia autocratica n'uma guerra que era indubitavelmente feita para defender a liberdade contra a tyrannia militar teutonica. Explicava esse venerando periodico que era um erro do publico inglez querer medir todos os paizes pela sua bitola, e que a liberdade tinha modalidades diversas, adaptadas á natureza dos povos; o czarismo era a verdadeira liberdade na Russia, porque elle representava a libertação dos povos slavos. Subentendia-se que essa felicidade suprema na Russia dos czares e da orthodoxia, era a liberdade, para os funccionarios, de pilhar os cofres publicos, e para o mujik, de matar judeus. Mas veiu o Sr. Rodzianko dois annos depois, e veiu a Junta dos Soldados e dos Operarios, e foram-se o czar e o Metropolitano; e o cahido regimen tornou a ser o regimen de oppressão e corrupção que era antes da guerra, e a liberdade na Russia passou a ser a mesma coisa que é a liberdade em toda a parte, sem tirar nem pôr.

A culpa, porém, dos erros passados, diz-se agora magnanimamente, não era do czar, mas sim da burocracia, organizada por Pedro I nos moldes prussianos, de sorte que ainda mais uma vez era a Prussia a origem dos males da Russia.

Não duvido que assim seja, mas lamentamos que a mesma burocracia na Prussia dê aquella admiravel machina allemã, que para nosso socego era melhor que não existisse. Se alguem me explicasse este phenomeno, sem desaire para o caracter russo, ainda seria um conforto.

O que eu supponho é que o peccado original da burocracia russa é o ser uma instituição extrangeira, artificialmente introduzida n'uma socie-

dade que não tinha para ella a necessaria preparação nem as aptidões necessarias — uma instituição essencialmente antagonica com os usos, as tradições e o caracter nacional. Por uma acção reciproca desmoralizaram-se mutuamente, modificando-se, a instituição e o povo. E' o que succede sempre a todas as instituições exoticas. Applicar a um paiz uma instituição, porque ella dá excellentes resultados n'outro, é estragar o paiz e a instituição. Por isso, Arnold Bennett tem razão quando diz da revolução russa que é mais facil derrubar um throno que extirpar a corrupção administrativa.

As revoluções apenas precipitam, quando não atrazam, acontecimentos que outras circumstancias tornaram inevitaveis. O que as produz não é a força de baixo, mas a fraqueza de cima. As classes superiores deterioram-se mais depressa que as outras.

De certo não esperam que eu declame contra os vicios da fidalguia. O principio é tão verdadeiro quando estão de cima as classes nobres, como quando são as classes médias ou os dirigentes das classes operarias que predominam. Não é uma questão de raça, é apenas uma questão de situação. O telhado deteriora-se sempre mais depressa que o soalho, e tem de levar muito concerto emquanto o soalho fica o mesmo; ou então chove dentro da casa, estraga-se a mobilia e acaba por ir-se o predio abaixo. A Inglaterra prudentemente vae substituindo com vagar e a tempo cada telha velha por uma telha nova, e tem assim obviado á necessidade de grandes e custosas obras. Não fez isso a Russia e teve de fazer agora um telhado novo, como succede aos proprietarios imprevidentes.

O estado, porém, de delapidação a que elle tinha chegado dizem que tinha feito apodrecer as traves e os espeques. Não basta, pois, substituir aquelle, é preciso tambem renovar estes. Esta obra é que Arnold Bennett acha mais difficil — e eu tambem.

Em compensação, Miss Marie Corelli entende que tudo que havia a fazer está feito; e, na opinião de Wels, as quatro nações britannicas hão de apanhar um calor, quando chegar o verão, com o fogo da revolução russa a arder-lhes no coração.

MINISTERIOS DAS COISAS-QUE-NÃO-EXISTEM

Segundo dizem os jornaes inglezes, acabaram-se as batatas em Inglaterra. E, como não houvesse mais batatas, creou-se, no Ministerio da Alimentação, o logar de director geral das batatas, o que, aos espiritos irreflectidos, póde fazer erroneamente suppôr que este funccionario é destinado a supprir as batatas na dieta quotidiana da população.

Isto, é claro, emquanto elle durar, que não poderá ser muito tempo, embora tivesse mais de seis pés de altura e a gordura de um antigo cocheiro de omnibus, e as dóses individuaes dos consumidores fôssem rigorosamente fixadas pelo Ministerio da Alimentação. O fim, porém, do logar de director das batatas é arranjar batatas, o que é differente de ir cavar batatas, sendo essencialmente indispensavel não confundir os dois factos.

Com o seu senso commum evidentemente pratico, que espanta a coherencia dos povos latinos, os inglezes, desde o principio da guerra têm adoptado este methodo: quando não ha uma

coisa, cria-se o Ministerio da Coisa-que-não-existe. E logo, com o instincto de conservação innato ao homem e ás repartições publicas, o ministerio creado faz apparecer a coisa, para não deixar ella de existir.

Quando foi declarada a guerra á Allemanha, o War Office era uma loja pacata em que se gastava muito papel e pouca polvora, porque não havia, por assim dizer, exercito. Tiradas as guarnições indispensaveis, no seu espalhado Imperio em Gibraltar, em Malta, no Egypto, na India, ficavam uns poucos de rapazes extremamente elegantes, excellentes luctadores, mas que dariam para duas equipes de polo e quatro de foot-ball e de cricket. Fez-se, então, ministro da guerra um grande soldado, em violação dos precedentes queridos á politica britannica, e reorganizou-se o ministerio com uma legião de funccionarios. E, d'alli a pouco, a Inglaterra tinha um milhão de soldados, pouco depois dois milhões e tem, agora, cinco milhões em campanha.

Faltaram depois munições. E, como as tropas, por mais valentes que fôssem, não poderiam fazer frente ás espingardas, aos howitzers e ás metralhadoras da bem provida Allemanha com os seus bats de cricket, creou-se um Ministerio da Coisa-que-não-existia. E não tardou muito que houvesse munições para dar e vender. Emprego estas palavras na sua rigorosa accepção, pois a Inglaterra está fornecendo munições aos seus alliados, que são o excesso d'aquellas de que precisa para seu uso.

Depois, os allemães entraram a mandar, indiscretamente, zeppelins cujas bombas só conseguiam matar mulheres e creanças, talvez por

andarem os homens em França, na faina de matar allemães, e com essas visitas coincidiam, ás vezes, incendios e explosões accidentaes, mas inconvenientes, em fabricas de munições. Creou-se o Ministerio do Ar, impropriamente chamado, porque á Inglaterra não faltava o ar, antes lhe sobejava, pois se fôsse mais delgada a camada atmospherica, já os zeppelins estariam mais á mão. Mas, a Inglaterra estava nos ares, porque os ares não estavam defendidos. E foi talvez devido a essa errada designação que os dirigiveis allemães não deixaram de fazer, de vez em quando, embora com menos frequencia, a sua excursãozinha á Inglaterra. Sempre é um allivio, porque aquillo na Allemanha deve estar muito desagradavel.

Mal começaram a rarear as subsistencias, o provido governo logo creou o Ministerio da Alimentação, cujo fim é não deixar comer e, sobretudo, não deixar beber o que cada um tem na vontade. Em um paiz que se distinguisse pela sua sensata incoherencia em materia politica, chamar-lhe-ia o Ministerio do Jejum.

Este ministerio começou, como começam todos, por appellar para a bôa vontade e o patriotismo do publico para adoptar voluntariamente o que os francezes chamam *un régime amaigrissant*. Os que se prestam a isso tomam o compromisso de não excederem certas rações. Esse compromisso vem exarado n'um cartão que, para fins de propaganda, devem trazer em sitio onde todos o possam ver — faço idéa que os homens no chapéo e as senhoras na liga. Isto é por causa da curteza dos vestidos e por ser o sitio que mais provavelmente attrae a carinhosa attenção do publico. Não ha perigo de equi-

vocos, porque em Inglaterra os escriptos não indicam que o predio está para alugar.

Quando todas as pessoas de bôa vontade, animadas de sentimento patriotico, tiverem esgotado os cartões, ou antes, quando estes tiverem esgotado aquellas, o Ministerio da Alimentação decretará o racionamento obrigatorio. Foi o que se fez com o serviço militar. E' uma partida que os estadistas inglezes gostam muito de fazer. Não tem graça, mas é innocente.

Não contentes os inglezes com o Ministerio da Alimentação, por abranger uma coisa que não falta por completo, nem poderá faltar sem que desappareça pouco depois a materia prima do numeroso pessoal que o constitue, é um notavel phenomeno de especialização a creação, dentro d'esse ministerio, da Repartição das Batatas. Por ora, ainda não ha a Repartição dos Bois, porque se não tem sentido apreciavelmente falta de carne. Mas a Repartição das Batatas é um indicio grave. O que vale é que ainda não ha o Ministerio das Topinambours, que podem substituil-as.

Este processo de crear ministerios especiaes, com numeroso pessoal para administrar o que não ha, não é completamente novo. Assim, tenho notado que nos paizes onde não ha dinheiro o ministerio mais importante é o das finanças. E' pela mesma razão que só os doentes é que fallam da sua saude. Não me admiraria nada que a Suissa organizasse qualquer dia um Ministerio da Marinha. Já a infeliz Belgica, em tempos prosperos, tinha um Ministerio das Colonias, quando, para respeitar a verdade, devia ter um Ministerio da Colonia. Aliás, haveria mais razão para ter um Ministerio dos Interiores. Eu

já conheci um homem que levava a doutrina ingleza ao extremo de usar um monoculo em cima de um olho de vidro, sem que por isso ficasse vendo melhor. Era um esforço inutil, mas era um esforço meritorio. Tambem as senhoras se dizem muito vestidas, quando menos o estão, dentro de certos limites.

Não se imagine, porém, que a Inglaterra tem fome. O mais que terá é sêde, devido ás medidas energicas de um virtuoso governo.

O ministro da Alimentação, incluindo as batatas, em Inglaterra, é um homem notavel, que começou a vida como marçano n'uma loja de chá e a acabará na Camara dos Lords, onde está, se a Camara dos Lords não acabar antes d'elle, restando-lhe, n'este ultimo caso, o recurso de vir a ser ministro dos lords. Antes de presidir ás batatas, presidia á administração das Docas de Londres, onde com mão firme combateu e venceu uma temerosa gréve dos trabalhadores, e é de esperar que seja com mão igualmente firme que elle agora semeie o que no delicado tempo das paráphrases se chamava o precioso tuberculo, quando esta palavra ainda não tinha a significação terrivelmente pathologica com que depois se vulgarizou.

Um inglez sem batatas é como um perú assado sem recheio. Não perde por isso o seu valor nutritivo, mas é um sêr lamentavelmente incompleto. Antes lhe tirassem qualquer outra coisa. E' esta a justificação completa e concludente da Repartição das Batatas no Ministerio da Alimentação.

Eu sou um homem absolutamente retirado da politica e, quando o não fôsse, não me intrometteria nunca na politica de um paiz estranho e

amigo, a que muito devo. Mas os interesses que tenho no Brasil talvez me autorizem a apresentar amigavelmente uma suggestão inspirada pelo principio de crear ministerios das coisas que não existem. Lembra-me a creação, no Brasil, do Ministerio do Cambio a Vinte e Quatro.

A PROPOSITO DE UMA TRAGEDIA DE AMOR

Em Inglaterra, um estimavel negociante de juta foi transformado pelo patriotismo em aguerrido tenente de artilheria e nos campos de França ou da Belgica fez grande destroço nos allemães, provavelmente sem muito risco de vida, pois, segundo leio nos communicados inglezes, as perdas britannicas são sempre insignificantes. Mas, muito ou pouco que fôsse o risco, este outr'ora pacifico negociante de juta fez honradamente o seu dever de soldado.

Ora, emquanto elle matava allemães, sua mulher não seguia o louvavel exemplo de Grisella. Pelo contrario, deixou-se arrastar ao peccado pelas seducções de um conde russo, que não era conde, que se não sabe bem se era hollandez ou belga e que talvez fôsse um espião allemão. Hoje, em Inglaterra, ser espião allemão é como ser bruxa no seculo xv. Todo o homem ou mulher que não faça a uniforme vida ingleza — que não coma bacon ao almoço, carneiro frio ao *lunch* e *stek and kidney pie* ao jantar, é suspeito de espionagem, e é cara ou cunhos se será

enforcado ou não. O que me leva a crer que este conde russo, que não era conde nem russo, tambem não era espião, é que a policia conhecia-o, e o carrasco ainda o não tinha feito dançar na ponta de uma corda. A ser assim não era nada. Mas para a mulher do negociante de juta, era tudo.

A razão de ser do drama que se lhe seguiu foi a transformação do estimavel commerciante em tenente de artilheria.

Como negociante de juta britannico, a acção ter-se-hia desenvolvido segundo os tramites ordinarios. O marido, depois das costumadas scenas conjugaes, teria apanhado algumas cartas que tornariam a situação perfeitamente clara, e tel-as-hia entregado a um *solicitor* que as levaria ao tribunal do Almirantado e Divorcio. Na sabia Inglaterra é o mesmo tribunal que julga todos os naufragios, quer se dêem no mar, quer occorram no domicilio conjugal. Essas cartas, embora na intenção dos seus auctores não fôssem evidentemente destinadas a publicidade, como as cartas de uma freira portugueza, seriam lidas em audiencia publica despertando aqui e alli os sentimentos de hilaridade que esse genero especial de litteratura geralmente provoca quando é dirigido aos outros, e seriam estampadas fielmente nos jornaes de Londres, que dão sempre aos seus leitores a reproducção tachigraphica dos casos sensacionaes, por mais escabrosos que sejam.

A verdade anda nua, de verão e de inverno, e quem a não quizer ver só tem que fechar os olhos.

Em seguida a esta sessão litteraria, a um interessante e delicado interrogatorio, que o juiz de

cabelleira de estopa salpicaria aqui e alli de ditos de espirito á custa do negociante de juta, da esposa transviada e do conde russo que não era uma coisa nem outra, doze negociantes de juta, ou de outros artigos igualmente uteis, declarariam que estava provado o descaminho de direitos conjugaes, e o mesmo juiz da cabelleira pronunciaria o divorcio *nisi,* o divorcio provisorio, *nisi* os conjuges, pelo longo espaço de um anno, tivessem relações mais intimas que as que podem existir entre um papagaio e uma mula.

N'este momento entraria em scena uma personagem que usa e abusa do titulo de *King's Proctor,* cuja missão é attestar que entre os conjuges não houve reconciliação durante um anno, e que o queixoso, embora se não reconciliasse com a ré, tambem se não conciliou com outra pessoa. Satisfeita a curiosidade d'este odioso funccionario, que deve folgar na taverna sem beber n'ella, o mesmo tribunal do almirantado declararia que o navio se não póde desenrascar e pronunciaria o decreto de divorcio absoluto. Depois do que, os conjuges não poderiam mais reconciliar-se sem incorrer no desagrado da lei e das pessoas virtuosas, a menos que repetissem perante um official do registro civil a cerimonia legal do matrimonio. Aqui está como tudo se passaria, se um amavel socego, com as bôas maneiras que caracterizam a sociedade britannica, se o negociante de juta ainda estivesse a vender juta na City. O demonio, porém, que as tece, quiz que elle estivesse, tenente de artilheria, a dar tiros em França.

O resultado d'esta metamorphose, imprevista por Ovidio, foi uma tragedia.

A mulher do tenente ficára vivendo em Lon-

dres em uma das casas de hospedes que agora ahi pullulam com o elegante nome de *privater hotels* — hoteis particulares. No mesmo hotel se hospedava o conde apocripho de nacionalidade dubia e profissão suspeita. Um dia o marido commetteu a imprudencia, tão vulgar n'esta especie de animaes que a praticou até o prudente Ulysses, de regressar inopinadamente á casa sem avisar a familia.

E é claro, encontrou a tenenta no quarto do aventureiro, que com muita propriedade se podia chamar o *locum tenens*. Seguiram-se as recriminações do costume, e um sôco do tenente no precioso rosto do seductor terminou o primeiro acto do drama.

O Don Juanoff — se era russo, vandey Juan se era belga ou hollandez — emmalou a roupa e a cara, e partiu para uma cidade da provincia. Mas o tenente, embebido de idéas francezas, desafiou-o para um duelo, coisa que ha perto de um seculo desappareceu dos costumes inglezes. Propôz-lhe que o duelo se realizasse em França, onde medieval juizo de Deus ainda está em uso, mesmo na ausencia de Deus. E levou o amor do pormenor ao ponto de confessar que lhe seria difficil arranjar padrinhos, mas acharia, pelo menos, um. Effectivamente, menos de um seria difficil achar, a não ser que se contentasse com nenhum, mas isso prova que, apesar de ter vivido em França e de se achar inquinado de idéas francezas, militaristas e medievaes, o infeliz tenente não se compenetrou inteiramente das leis do jogo. Uma testemunha só não basta como auditorio em um duelo regular.

O russo — faz-me isto crer que era russo — a estourar de idéas pacifistas e avançadas como a

democracia da sua patria, não tugiu nem mugiu — fugiu. Entretanto, a dama desolada escrevia-lhe cartas encantadoras de paixão implorando-lhe que se não batesse, pois nas luctas do amor vale mais um poltrão vivo que dois heroes mortos.

Perdi um pouco o fio ao drama e não sei ao certo como é que o marido ultrajado e o rival feliz se encontraram no quarto d'este, o que prova quanto é inconveniente ter domicilio certo. O facto é que se encontraram, e que o bellicoso commerciante de juta, sem querer saber se o adversario era alliado russo ou belga, ou um hollandez neutral, metteu-lhe no corpo as 10 balas da sua pistola, tal e qual como se fôsse allemão, e foi depois tranquillamente entregar-se á policia.

Como vêem, este drama é tão pouco inglez que o proprio Shakespeare, querendo escrever um drama de violento ciume, attribuiu-o a um mouro e collocou-o em Veneza. Mas não acaba aqui o caracter não-britannico do caso, com o desenlace sanguinario dos amores peccaminosos de uma senhora ingleza e de um senhor extrangeiro.

O coroner fez, segundo a lei ingleza, a sua investigação. Os medicos, depois de verem um homem morto com dez balas no corpo, abriram o cadaver ao meio para saberem se morreu de appendicite ou de bexigas confluentes. E finalmente, o jury do coroner — talvez o mesmo que ha tempos pronunciou o kaiser e o kronprinz por homicidio premeditado por meio de zeppelins — pronunciou d'esta vez o tenente por homicidio justificado, em defesa propria.

Esta complacencia dos jurados para um crime de homicidio praticado com arma de fogo, por

um homem que se queria bater em duelo — instituição vehementemente condemnada ou ridicularizada pela opinião publica ingleza em tempos normaes — sobre um outro que discretamente preferia o tête-à-tête com a mulher ao tête-à-tête com o marido, e n'um caso para o qual o offendido encontraria no tribunal do Almirantado plena reparação á sua honra, e, querendo, uma indemnização em libras, shillings e pence, denota a mais completa subversão das idéas britannicas, que de pacifistas e mercantis se tornaram durante a guerra, no contacto com outros povos menos adiantados, bellicosas e regressivas. Este facto é symbolico, e este homem é um symbolo. A Inglaterra toda deixou de ser negociante de juta para ser tenente de artilheria.

A transviada esposa, como não era de artilheria, nem estivera em França, tinha-se portado, segundo as idéas britannicas, em taes casos. Tinha confessado ao marido o seu peccado, tinha-lhe declarado que não podia viver sem o tentador, e tinha-lhe pedido que, em vista d'estes factos lamentaveis, mas consummados, se divorciasse, restituindo-lhe aquella liberdade pela qual elle se estava batendo nos campos de França. Mas a taes exhortações respondeu o marido ultrajado que isso de liberdade era muito bom para os povos da Europa, mas não para as mulheres dos tenentes de artilheria; que, se ella não podia viver sem o conde, que o não era, elle, tenente, tambem não podia viver sem a Griselia, que tambem o não era; e, apontando para esta, como Pélissier para a torre de Malakoff, exclamou em um francez aprendido nas trincheiras: «J'y sius, j'yreste! C'est l'antre, qui

va f... le camp». Este incidente da exclamação em francez não vem publicado nos jornaes londrinos. Mas faltaria ao meu dever de historiador se não accrescentasse aos factos comprovados coisas da minha cabeça.

Ora, como o inglez por mais mouro e mais de Veneza que seja, não deixa de ser inglez, e mesmo quando é judeu não passa sem comer bacon, ha no final do drama um traço authenticamente britannico e sensato. O marido, depois de assassinar o amante, recusa-se a largar a mulher e declara-se decidido a viver com ella como antes.

Um hespanhol diria: «No ha pasado nada».

N'este incidente final manifesta-se a logica do espirito britannico.

Matar o amante e deixar a mulher não tem pés nem cabeça. E' o acto do cão do hortelão, que não come nem deixa comer. Se elle se divorciasse ou abandonasse a mulher á sua alegre sorte, não haveria razão para eliminar o *locum tenens*. Ficando, porém, com ella, e resolvido a usar dos seus direitos conjugaes, a mysteriosa personagem que trouxe a discordia ao seu lar, tinha, aos seus olhos de marido, o superfluo aspecto da quinta roda de um carro. E então pôz o vehiculo outra vez nas quatro rodas normaes. Mas parece-me que ficou, na operação, com o eixo quebrado. Isso, porém, é uma questão de caracter puramente privado, com que eu e o publico não temos absolutamente nada.

O que me interessa n'esse caso é o aspecto anti-inglez sob o qual este marido inglez encarou a questão. Ha no fundo d'ella alguns pormenores em que o inglez se revela.

O facto de voltar á vida conjugal, *minus* o

amante, mostra que este Othelo branco não foi impellido pela vaidade, pelo amor proprio, pelo sentimento da honra, como teria sido um francez, mas unicamente pelo amor. Da França, apenas adoptou o *modus faciendi* — o desafio primeiro, e, falhando este, o assassinio. A concepção do jury do coroner, que admittiu todas as circumstancias attenuantes, classificando o crime de homicidio sob grande provocação e em defesa propria, é que foi absolutamente contraria ás tradições inglezas e conforme ás idéas do Continente. E vejo que á medida que a França, nas suas idéas, nos seus processos e nas suas maneiras, se anglicisa, a Inglaterra gallicisa-se.

Foi uma tragedia de amor. E o amor, glorificado pelas naturezas sentimentaes, deu de si, como tantas vezes dá, a morte.

O que vale é que, quando a civilização não intervem, dá, ainda, assim, mais frequentemente a vida.

A PROPOSITO DE UM LIVRO

Acabo de ler um livro, que não nomearei, excepcionalmente bem escripto. E tanto assim, que desde a primeira á ultima pagina, não consegui encontrar n'elle uma só idéa. E' banal a phrase que a palavra foi dada ao homem para exprimir as suas idéas, como, á força de repetida e admirada, se tornou banal a outra phrase, attribuida ao cynismo de Talleyrand, que a palavra fôra dada ao homem para occultar o seu pensamento.

Mas eu quero crer que a palavra foi dada ao homem para esconder a ausencia das suas idéas, e é triste pensar que nem todos o conseguem.

Escrever ou fallar, quando se têm idéas, é extremamente facil, sobretudo para quem não pretende ser escriptor ou orador. E onde o estylo se embaraça é no ponto em que a pessoa que tem uma idéa e a quer formular, se acha possuida do inexplicavel desejo de ser litteraria ou eloquente. Toda a mulher é capaz de escrever uma carta, comtanto que não tenha lido Mme. de Sévigné. Era até melhor, ás vezes, que não

fôsse. Ao mesmo tempo, todo o homem é capaz de fazer um discurso, com a condição de não conhecer os discursos de Mirabeau. Estas affirmações são feitas na presupposição plausivel que a mulher não é analphabeta e o homem não é mudo. O segredo de escrever ou fallar com facilidade consiste apenas em ter idéas nitidas. E a expressão de uma idéa é então, nem mais nem menos que uma meia — que tanto póde ser de seda como de linho, de algodão ou de lã — puxada sobre uma perna bem feita. O que é imprudente é querer fazer d'ella uma bota.

Qualquer homem mediocre é capaz de escrever a «Divina Comedia», comtanto que tenha a sciencia, a philosophia, a imaginação e a amplidão e profundeza de pensamento do Dante. Todavia, eu não conheço na litteratura antiga ou moderna nada que seja igual ao poema do grande florentino. Outrotanto direi de Shakespeare e de Goethe, que formam com o Alighieri a constellação magna no firmamento da intellectualidade humana. Pois se o Camões tem o merito unico — e para nós, portuguezes e filhos de portuguezes, inapreciavel — de consubstanciar no seu poema a alma de um povo, os outros consubstanciam nos seus poemas ou nos seus dramas, a alma da Humanidade. E, por pouca consideração que eu tenha por esta collectividade, não posso deixar de lhe reconhecer a superioridade que o todo tem sobre a parte, e o continente sobre o conteudo sempre que não se trate de garrafas de vinho bom nem de carnes ensaccadas.

A razão por que qualquer dona de casa póde mandar por escripto uma ordem ao seu tendeiro ou fazer o rol da lavadeira — o que talvez

não succedesse ao Dante, ao Goethe ou ao Shakespeare — é que ella tem sobre esses assumptos idéas nitidas, e não pretende ser litteraria n'aquella ordem de composições.

Escrever é, pois, relativamente facil, se não considerarmos como parte integrante d'esta arte a orthographia, a qual em Portugal, quando é de cabo de esquadra, se chama por antonomasia, official. Basta para isso ter idéas. O que é difficil, e indica o genio litterario na sua mais alta expressão, é escrever sem idéas. Por isso, foi cheio de reverente admiração que eu fechei na sua 285.ª e ultima pagina, o livro que acabo de ler, absolutamente immaculado d'ellas.

A perfeição de uma obra n'estas condições começa pelo facto de vencer toda a contradição. Tem a incalculavel vantagem de não ferir susceptibilidades, de não irritar opiniões, de não cansar o cerebro e de não tirar o somno. E como o portuguez é de sua natureza um animal litterario, por mais esforços que os poderes publicos tenham feito para o tornar analphabeto, elle aprecia o geito da phrase, a graça da palavra em si, e muito especialmente a lagrima ao canto do olho. Eu tenho ouvido chamar grandes jornalistas, por exemplo, a pessoas de mau genio, que usam da penna como se fôsse um varapau, só com a differença que ha mais pensamento n'um marmeleiro ou n'um bom pau de lódo que na sua prosa. Por outro lado, em litteratura pura, e não politica, uma bôa dóse de pieguice erotica exerce um grande poder sobre a vaga sentimentalidade do publico portuguez. O que este admira e de que gosta, é o que se chama estylo. E' como um homem que, convidado a jantar sem cerimonia, respondia que sem

cerimonia tinha elle em sua casa. O bom caldo e o substancial cozido, a palavra chã ao serviço de idéas, domesticas e comesinhas, mas que não deixam por isso de ser idéas, tem cada um em sua casa. O que elle quer é massa folhada com um incerto picadinho lá dentro. E tem razão.

Lembra-me, de uma vez que eu descia Piccadilly, que iam adiante de mim uma velha e uma rapariga. Eram, evidentemente, provincianas, pela admiração com que olhavam para o interrupto trafico da rua e pelo nervosismo inquieto e hesitante com que atravessavam as ruas transversaes. A velha não tem nada com esta historia. A rapariga era um dos mais perfeitos typos de belleza feminina que os meus olhos têm visto. Uma linda cabeça de grandes olhos azues e cabellos fulvos, naturalmente frisados, n'uma pelle sadia e fresca como as petalas de uma rosa, e um corpo são, forte e esbelto. Mas o vestido era de fazer chorar as elegantes pedras de Piccadilly, nas côres violentas, no corte archaico, no imperfeito ajuste á esculptura admiravel que não conseguia deformar. Era de fazer chorar as pedras e rir as mulheres.

A Belleza seguia inconsciente de tudo, menos dos rapidos automoveis e dos pavorosos autobus que a inquietavam. E eu, atraz, gozava tanto de vêr o rythmo harmonioso d'aquelle corpo divino, como da impressão que ella causava nos transeuntes, e na expressão que se revelava nos rostos d'estes. Os homens, ao darem com ella tinham o olhar extatico, e alguns — não dos mais novos, mas dos mais entendidos — perdiam a noção das correctas maneiras britannicas ao ponto de a fitarem e de pararem para olhar para traz. A parte feminina nem sequer reparava para

a belleza suprema que passava horrivelmente *fagotée,* e envolvia o chapéo e o vestido, as grossas luvas e as botas fortes n'um comprehensivo e desdenhoso olhar, e bailava-lhe nos labios pintados um sorriso de maliciosa ironia. E quem tinha razão, como sempre, era a parte feminina.

E' muito mais dificil fazer um bonito vestido que uma lindissima mulher. Fazer uma linda mulher é uma coisa extremamente facil. Pelo menos, é tão facil fazer uma mulher bonita como fazer uma mulher feia. E' uma questão de cara ou cunhos. Ao passo que fazer um vestido elegante não é nunca uma questão de cara, nem é sómente uma questão de cunhos.

Ora eu, se em Piccadilly sou como os homens, em litteratura sou como as mulheres. Uma idéa nova, sã e perfeita é sem dúvida uma bella coisa, mas o que importa deveras é o vestido. E' preciso que seja á moda, bem feito, absurdo e ridiculo, e escusa de ter nada lá dentro, pois é assim que elle é mais apreciavel. Um lindo vestido, tendo lá dentro uma mulher, póde ser causa de vã cubiça ou de inveja para outra mulher que passa. Mas, um lindo vestido vasio, ou encobrindo um velho manequim de pau, é uma coisa que se póde ter e gozar, a que uma pessoa póde chamar sua. Esta superioridade do vestido no manequim, sobre o vestido na mulher, é a mesma que a superioridade do livro sem idéas sobre o livro com idéas.

Para um homem escrever o que pensa, precisa antes de tudo pensar. Ora, pensar, sendo aliás um exercicio perigoso, não se póde propriamente chamar um esforço artistico. Depois de pensar, pôr para alli o que pensa, é um acto

elementar, que qualquer creança pratica, que os surdo-mudos realizam com os dedos, que qualquer carroceiro commette em linguagem que, por não ser variada, nem por isso deixa de ser imaginosa. E', portanto, uma coisa facil, como tudo que se submette ás leis do equilibrio.

A verdadeira litteratura é pegar em palavras, juntal-as, separal-as, atiral-as ao ar e recolhel-as nas mãos, como bolas de crystal, fazer d'ellas uma pyramide apoiada n'um adjectivo, como uma pyramide de cadeiras apoiada n'um pé só, violar todas as leis do equilibrio mental, como o acrobata viola as leis do equilibrio physico— fazer tudo isto de *maillot* côr de rosa, que desperte sensações vagamente agradaveis, sem que as bolas de crystal sejam outra coisa que bolas de crystal, e sem que a posição relativa das cadeiras offereça apoio razoavelmente seguro a quem n'ellas quizer assentar aquillo que constitue a sua razão de ser e o seu fim na terra.

O tambor que conduz os povos á gloria é, no fundo, uma pelle de burro cheia de ar. São tambem assim os livros que eu admiro.

Ha quem nos dê fortes idéas em poucas palavras, como ha fabricantes de pilulas de carne concentrada, mas, nem umas nem outras agradam ao paladar artistico. O que é litterario, como o que é culinario, são os môlhos.

Pensar é uma funcção natural do cerebro, e, portanto, toda a gente pensa e direi mesmo que toda a gente pensa bem. Quem pensa mal é o visinho. Até ha livres pensadores que pensam, como ha pedreiros-livres que são capazes de construir um muro. Mas, n'estes casos, em geral a significação da palavra está no qualificativo, e implica mais a noção de liberdade, que a facul-

dade de pensar ou a profissão de operario de construcções.

Ora, se pensar é uma funcção natural do cerebro, não se póde dizer que escrever seja uma funcção natural dos dedos.

Escrever acêrca de coisa nenhuma, é mais do que arte, é o verdadeiro milagre, como seria pintar sem téla ou tocar um piano sem cordas. E, no emtanto, póde-se escrever—e eu tenho a prova d'isso—um livro sem uma idéa mas com applauso do publico que se contenta com as suas idéas embebidas no estylo do seu auctor predilecto, como as pessoas vorazes e de pessimas maneiras se contentam com ensopar o proprio pão no môlho de que gostam.

Um livro com idéas é uma coisa que cansa, bastando a cada um ter de arrastar pela existencia fóra o peso das idéas proprias, sem ter de carregar com as dos outros. Além d'isso, perturba as funcções cogitativas e as funcções digestivas, e nunca a pensar se resolveu nenhum grave problema pratico. Os nós gordios só se desatam ás cutiladas, e n'isso, mais que n'outra coisa, mostrou Alexandre ser um grande homem.

Ora, é muito maior que se imagina, o numero dos grandes homens dentro das relativas espheras de acção. As espheras é que são geralmente pequenas, e os homens tornam-se menores por quererem sahir para fóra d'ellas.

E' por isso que eu não direi, nem á setima facada, o nome do livro encantador que acabo de ler. Receio que o genio litterario que o escreveu queira sahir da sua esphera e pretenda escrever outro com idéas. O que seria uma perda para a litteratura, e para elle um desastre financeiro.

AS MULHERES NA GUERRA

Não ha dúvida que as mulheres têm representado um papel importante e benefico n'esta guerra. Foi, sobretudo, na Inglaterra que eu as vi, no começo do conflicto. Começaram por ser todas mais ou menos enfermeiras — mesmo aquellas que até alli nunca tinham sido senão enfermas — e a coisa chegou a tal ponto que as auctoridades militares tiveram de intervir. O primeiro acto da sua enfermagem foi adoptarem um lindo uniforme de kaki — casaco militar, saia pelo tornozello, sapatos e polainas, chapéo á boer. As principaes tinham na gola estrellas de ouro e galões de official. E as novas, e sobretudo as louras, ficavam tão lindas no seu uniforme, que só olhar para ellas era capaz de dar vida a um morto. Foi, talvez, receando que a sua presença resuscitasse os allemães que as armas inglezas tinham reduzido ao estado de defuntos, que o lamentado e misogyno lord Kitchener prohibiu que nos hospitaes militares se empregassèm outras enfermeiras que não fôssem freiras, ou então matronas aguerridas ou donzellas maduras.

A commissão parlamentar britannica que inquiriu na desastrada expedição de Gallipoli, foi du-

ramente severa com lord Kitchener, sem se importar que o glorioso soldado tivesse dado a vida pela patria n'um elemento que não era o seu, ao passo que a commissão, se tivesse feito o mesmo, não teria opportunidade — embora lhe sobrasse direito — de criticar ninguem. Isso deu logar, no Parlamento, a um dos mais bellos, mais commovidos e mais bem argumentados discursos do ex-primeiro ministro Asquith, justificando Kitchener. E de tudo isso ha de resultar que os nomes dos membros da commissão, hoje ignorados do mundo, ficarão ignorados da posteridade, á excepção de algum investigador caturra que nos seculos futuros vá forragear nos documentos parlamentares da Grã Bretanha; ao passo que a pura gloria do heroe de Khartoum, do organizador do Egypto, do creador do moderno exercito britannico, espalhada nas cinco partes do mundo, ficará como uma estrella de primeira grandeza na constellação dos grandes homens inglezes. Mas a mim ninguem me tira da cabeça que os membros da commissão parlamentar se deixaram influenciar, não tanto pelo desastre de Gallipoli, como pelo rancor femininamente tenaz das suas lindas mulheres, filhas, irmãs e primas, que se viram inhibidas de ir para os campos de batalha seductoramente fardadas de kaki, com chapéo á boer.

Entrou pouco a pouco o juizo ou coisa parecida, n'essas cabeças louras por fóra e esquentadas por dentro, e aquellas que não sabiam enfermar sujeitavam-se a servir de criadas nos hospitaes. E não era raro sahir de um elegante Roils-Royce uma linda rapariga de avental e touca branca que, empunhando a vassoura ou o esfregão, se punha logo a trabalhar com infini-

tamente mais zelo, embora menos pericia, que uma profissional.

As restantes, accedendo ao convite dos governantes, dedicavam-se a trabalhar nas fabricas, nos omnibus como conductoras, nos escriptorios e nos bancos como caixeiras, nos jardins e nas hortas, e, com menos alacridade, nos campos. Todas ellas se dedicaram ao serviço do paiz. Até vi um annuncio de uma rapariga que declarava não saber fazer nada senão fallar, e se offerecia para ir para os hospitaes tagarellar alegremente com os feridos. Foi uma terrivel erupção de patriotismo que subverteu Londres e as provincias, como a erupção recente d'aquelle vulcão que destruiu S. Salvador.

Em Portugal, embora a mulher portugueza seja mais commedida que a ingleza, tambem se tem manifestado em alto grau o patriotismo feminino. E embora as senhoras da minha terra se não tenham offerecido para substituir os homens — o que não é preciso, pois ficaram por cá muitos — tem sido grande e efficaz a sua obra de dedicação, desde que a Allemanha nos declarou a guerra.

Immediatamente se reuniram uma meia duzia de senhoras da aristocracia e formaram uma modesta commissão que denominaram «Assistencia das Portuguezas ás Victimas da Guerra»; e puzeram-se logo a trabalhar, sem reclamos nem pandeiros de Exercito de Salvação, como laboriosas formigas — não como abelhas douradas e zumbidoras que voltejam vistosas e ruidosas a colher o mel nas flôres.

Angariavam esmolas; uma grande actriz que o Brasil conhece e admira, Adelina Abranches, deu espontaneamente e generosamente um es-

pectaculo em seu beneficio; organizaram cursos de enfermagem, que foram professados pelos mais notaveis cirurgiões de Lisboa; algumas seguiram depois os cursos da Cruz Vermelha, em que obtiveram diplomas de enfermeiras; e ha poucos mezes fizeram essas magnificas festas da flôr, que em Lisboa rendeu 27 contos fortes (tão fortes quanto são os contos de Portugal) e no Porto 30 contos. Esta foi uma contribuição verdadeiramente nacional e honestamente progressiva, em que os ricos deram dezenas e centenas de mil réis e os pobres o modesto tostão ou o modestissimo vintem.

Se algumas inimizades encontraram, foram poucas e de pouca dura. O seu trabalho era tão simples e tão caritativo, tão humilde e tão sincero, que o senso commum do povo desprezou por completo as primeiras e ultimas tentativas hostis.

Pelo contrario, esta obra incitou rivalidades fecundas, e outra associação se fundou depois, protegida pelos poderes publicos, com o fim tambem de assegurar a existencia dos que ficam e, assim, a tranquillidade de espirito e a integridade da coragem dos que foram.

Veiu, depois, á imitação do que se fez em Inglaterra, e de lá passou para França, a instituição das Madrinhas de Guerra. As madrinhas de guerra têm por fim manter correspondencia activa com os seus afilhados, dar-lhes noticias da patria e da familia, olhar individualmente por elles, de modo que cada um dos bravos rapazes sinta, no desconforto, para muitos passageiro, das trincheiras, que ha fitos n'elle um par de olhos femininos e sobre elle vela um compassivo coração de mulher. Esta bella idéa, applicada a Portugal, assenta sobre uma illusão

— que elles sabem ler e que ellas sabem escrever. Mas é certo que entre dois correspondentes, quando um não tem uma d'essas prendas, não é indispensavel que o outro tenha a outra.

Eu não espero que da amavel instituição das Madrinhas de Guerra resulte uma addição notavel á necessitada epistolographia portugueza, cuja melhor, senão unica, joia são as quatro Cartas da Freira, escriptas em francez. Mas sei que ella enthusiasmou e deu alegria aos soldados, que cada vez que na rua encontravam as respectivas madrinhas iam logo, meio a sério, meio de brincadeira, beijar-lhes a mão e pedir-lhes a benção, fôssem ellas uma encanecida matrona, uma linda rapariga, ou uma creança de doze annos. A madrinha para elles não é só a certeza do cachenez e das meias de lã, e da grossa camisola que os ha de aquecer nas noites frias do norte. E', sobretudo, o Eterno Feminino, porque, á excepção de Kitchener, todos os heroes são lamechas. Foi Hercules quem deu o exemplo e Ulysses quem o confirmou,

Agora sei que algumas senhoras da *Assistencia das Portuguezas,* das que são enfermeiras diplomadas, querem ir para os hospitaes portuguezes em França, e oxalá que as deixem. Não quero dizer mal dos enfermeiros. Mas a enfermagem é vocação da mulher. Só ellas têm o *doigté* e o carinho que consolam o doente. Depois ha o lado psychologico a considerar. O soldado ferido, da mesma fórma que o soldado são e que o paisano são ou ferido, prefere vêr junto de si uma mulher que cuide d'elle, do que um homem. Ha um sentimentalismo consolador na cornette da Irmã de Caridade e no véo da enfermeira, que não existe no gorro militar do mais

habil e dedicado enfermeiro. Na convalescença, ha mais sympathia e mais alegria na conversa feminina. O enfermeiro não conversa. Cumprida a sua obrigação, não ha outro laço que o prenda ao ferido, ao passo que, no caso da enfermeira, ha este eterno laço, que ella é mulher e o doente é homem. A enfermagem para o homem é uma profissão, para a mulher é uma vocação.

Eu iria mais longe — aconselharia enfermeiras para tratar dos homens e enfermeiros para tratar das mulheres — se a isso se não oppuzessem o ciume dos maridos, o pudor das mulheres e o perigo que ha para um homem são de cuidar de uma mulher doente.

Sei que tambem ha perigos para um homem doente de ser tratado por uma rapariga sã. Mas esses perigos não existem para o rude e simples soldado ferido, quando olha por elle uma rapariga educada, de uma classe superior á sua.

O que preoccupava lord Kitchener não eram os soldados, eram os hospitaes de officiaes.

Tenho na consciencia o remorso de ter morto muitos francezes na guerra de 71. Não havia então algodão hydrophilo nem desinfecções, e era moda em Lisboa fazer fios para os hospitaes da França. Eu, que tinha então seis annos, fartei-me de desfiar lenções velhos á mesa familiar. E agora estou certo de que 20 por cento dos casos de tetano que, porventura, houve entre os feridos francezes, tiveram a sua origem nos meus dedos sujos de garoto.

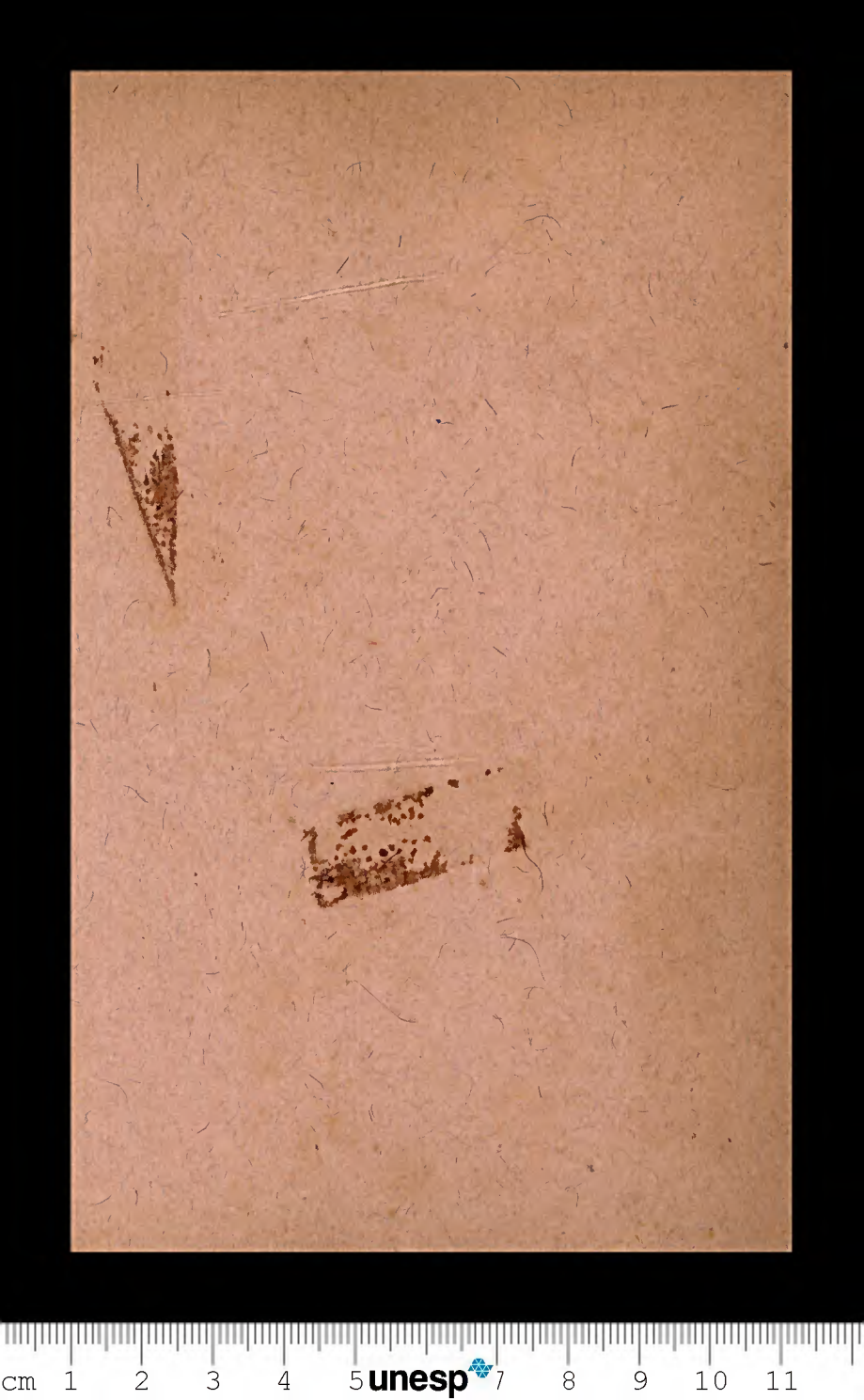
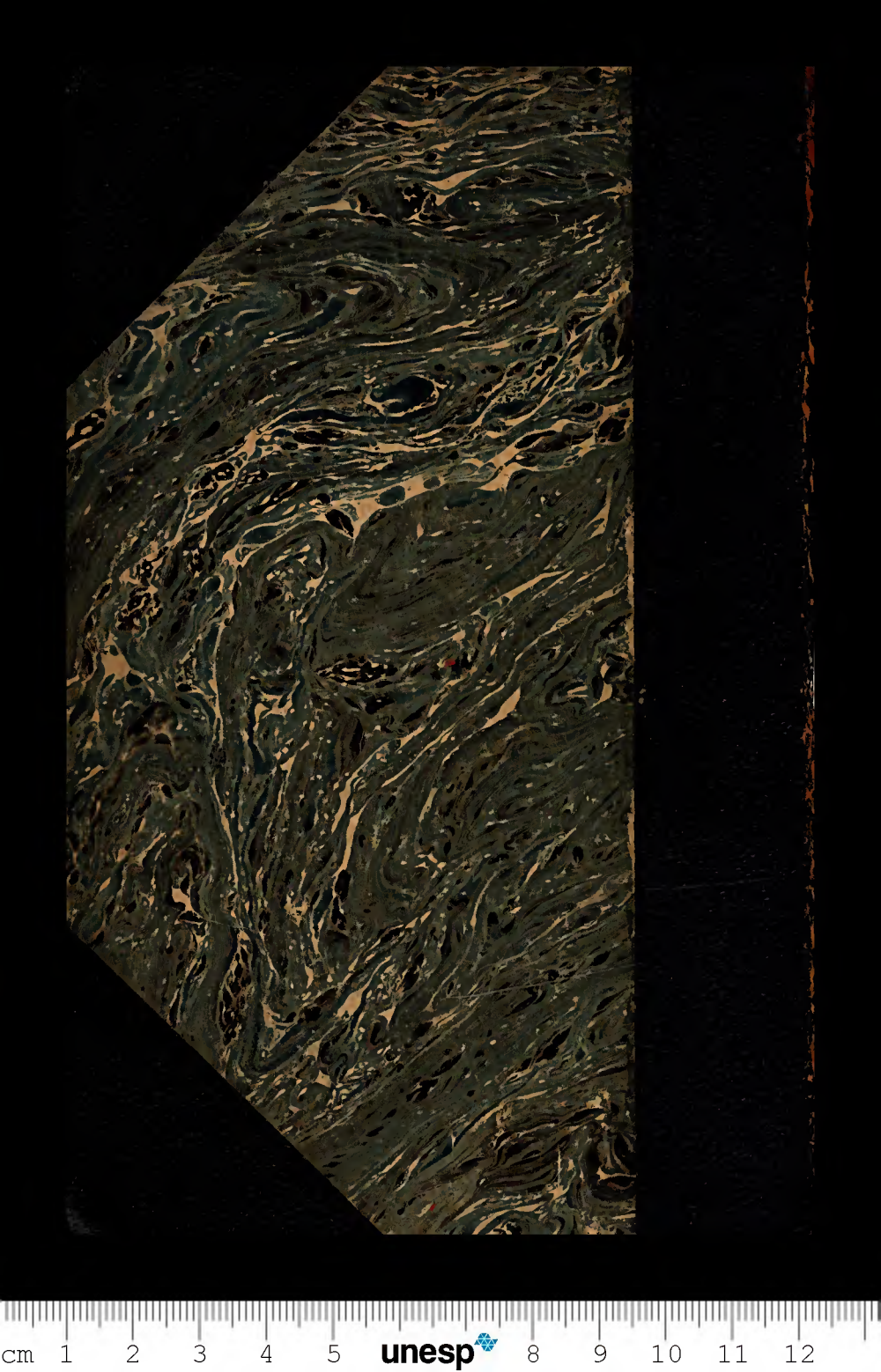
Ora, creio que as enfermeiras, educadas e voluntarias, terão um escrupulo maximo nas desinfecções que os enfermeiros ás vezes farão perfunctoriamente como é proprio de homens e de profissionaes, que muita vez terão os descuidos

que são a natural e inevitavel consequencia da familiaridade. Eu não tenho a fé cega nos microbios que têm endoidecido muita gente. Mas emquanto forem elles que matam, acho conveniente ir-lhes á mão. Depois veremos. Lembra-me um grande e espirituoso medico portuguez que uma vez disse a um doente: «Vá tomando este remedio emquanto elle cura».

A guerra levanta o moral, embora em muitos casos abata radicalmente o physico. A presença constante da Morte faz-nos levar a sério a Vida. Embora ficasse sem resposta a pathetica interrogação de Carlyle «*Whence oh God, and wither?*» por mais curta, por mais incomprehensivel, por mais banal ou por mais comica que ella seja, é o que ha de mais sério para nós que vivemos. Tambem a mais burlesca farça é uma coisa séria para o comico que a representa. Que estejamos representando na Vida um papel tragico ou um papel burlesco é nossa obrigação represental-o bem. O merito da peça é lá com o seu auctor, e não fomos nós que a fizemos. Direi mais. Se em vez de actor eu fôsse mero espectador, ha muito tempo já que tinha ido para casa.

N'esta scena dramatica que dura vae para tres annos, as mulheres têm representado conscienciosamente os seus papeis, embora, como nos dramas de Shakespeare, os papeis femininos sejam secundarios. Mas, como no theatro shakespeareano, á excepção de Macbeth — Ophelia, Desdemona, Cordelia, Catharina Miranda ou Portia — esses papeis são suaves e consoladores.

A prova de que as mulheres comprehenderam, immediatamente, a nobre missão que lhes era destinada, é a pressa e o gosto com que fizeram logo lindos costumes de kaki.

INDICE

	Pags.
Prefacio	v
Post-scriptum	xxi
Phantasmas vivos	1
Nec solo panem	11
Gens canina	19
Gens felina	31
A imperecivel criança	39
Dos sete peccados capitaes:	
I — Soberba	47
II — Avareza	54
III — . . .	60
IV — Ira	68
V — Gula	75
VI — Inveja	81
VII — Preguiça	89
De senectudine	97
Da razão	105
Da mediocridade	113
Do fumar	121
Da culinaria	131
Das illusões	139
De superstitionibus	151
Do preconceito	159
Modas e confecções	169
Gloria litteraria	187
Discussões	193
Avós e netas	199
Amostras do pensamento britannico	207
Ministerios das coisas-que-não-existem	215
A proposito de uma tragedia de amor	221
A proposito de um livro	229
As mulheres na guerra	237